

UM ROMANCE DE
BYA CAMPISTA
AUTORA DE PELE

Uma noite Apenas





Uma Noite Apenas

Bya Campista

Angelina Brooks não se prende a relacionamentos, vive um dia de cada vez.

Felizes para sempre?

Uma noite apenas é o suficiente, afinal, o que é uma mulher apaixonada se não um pé no saco?

Angelina ama sua liberdade, sua casa, seu melhor amigo e seu uísque.

Suas noites são festa, seu trabalho parte do seu DNA e sexo, o combustível que move sua vida.

PREFÁCIO

Meu nome é Angelina Brooks e sou uma mulher livre. Não me atenho a relacionamentos e essa bobagem de *felizes para sempre*. Gosto de homens, adoro sexo e amo minha liberdade. Simples assim.

Nada disso tem qualquer relação com o passado macabro que tive, mas, deixo bem claro que não quero ser como minha mãe e tantas mulheres, que perdem o brilho da vida, por causa de um amor não correspondido.

Você deve estar se perguntando: E o doutor King?

Dane-se o doutor King! O que quero dele é algo que dure uma noite apenas. Ele é só mais um corpo lindo, forte e gostoso. Sim, delicioso... mas, que deve ser programado para me oferecer orgasmos incríveis como tantos outros foram.

É isso... Sim, é claro.

Droga! Tem que ser isso!

“Ei! Quem é a chefe aqui, hein?”

(Angelina Brooks)

Um

Estava naquela cama olhando a criatura deitada ao meu lado. A noite foi boa, mas, sinceramente? Já tive melhores. Silenciosa e sorrateiramente, me levantei, tentando não fazer barulho. Eu parecia uma cobra, rastejando pelo colchão para que o dito cujo não me visse sair. Ele dormia como um porco. Ok, estou sendo injusta. Ele era demais dormindo, uma delícia realmente, mas dormia, e isso facilitaria o meu trabalho.

Levantei-me e recolhi minhas roupas pelo chão, me dirigindo à antessala para me vestir. Não queria que ele acordasse de jeito nenhum, seria um saco ter que dar explicações. Vesti meu Valentino preto com decote *para matar*, minha liga, meia e meus saltos Jimmy Choo. Abri a porta e olhei de relance para o corpo musculoso deitado na cama. Realmente era uma delícia, eu não poderia negar. *Bye bye, baby*, pensei enquanto fechava a porta sem olhar para trás.

Segui até a garagem e acionei o controle do meu Audi TT Roadster. Entrei, joguei minha bolsa no banco do carona e acionei o botão para abertura da capota. À noite em Nova York estava linda e quente, e eu queria muito sentir o vento em meu rosto. Recostei-me em meu banco de couro enquanto a capota abria.

Dois orgasmos. Nada mal para uma noite, o cara até que não era tão ruim assim. Qual era mesmo o seu nome? Jake? Jave? Ja... alguma coisa, não me lembro. Foda-se! Nomes não

são importantes, eles não trazem orgasmos.

Qualquer pessoa idiota diria que isso não é atitude de uma mulher decente. Então quer dizer que só os homens podem ter sexo por sexo e nada mais, enquanto nós mulheres temos que ter o *feliz para sempre*? Dane-se o “*feliz para sempre*”! Isso eu tenho com o meu vibrador, que me satisfaz sem questionar, atormentar e me encher a paciência. E por falar em decente, quem disse que pretendo ser uma?

Liguei meu carro, e imediatamente meu som tocou alto. A música estava presente em minha vida desde sempre, e naquele momento, eu precisava da voz rouca de Bon Scott em meus ouvidos, cantando aquela que Tray dizia ser a minha cara, e que sempre tocava quando eu me sentia poderosa.

Selecionei a música no momento em que larguei rumo à cidade, AC/DC tocou alto em meus ouvidos, me dizendo *You shook me all night long*. Pensei no moreno deitado lá em cima. Com certeza *baby*, eu te sacudiria a noite inteira, mas eu não sou dessas que se prendem a relacionamentos. Desculpe.

Nova York estava acesa, como Sinatra dizia, era *a cidade que nunca dormia*. A Times Square fervia, e via-se de tudo um pouco nas ruas. Eu adorava aquela agitação toda.

Hey you shook me all night long, eu cantava enquanto dirigia. Tray tinha razão, essa música era mesmo a minha cara. *Onde essa bicha má está agora?* Sorri com o pensamento.

Entrei em minha garagem e estacionei o meu carro,

subindo para minha cobertura no *Upper East Side*. Minha sala era imensa, com uma decoração moderna, visual *clean*, decorada em branco e prata, com janelas que iam do chão ao teto, e eu tinha a visão privilegiada do Central *Park* todas as manhãs. Eu não sou daquelas que gostam de ostentar, mas, conforto para mim é essencial e vem acima de qualquer coisa. Finalmente posso pagar por isso, e não hesito em economizar um centavo para ter o meu luxo particular.

Após um bom banho em minha imponente suíte, com o meu velho Jack, ao som de Pink Floyd, entreguei-me ao sono da beleza. Uma dose do meu uísque era tudo do que eu precisava para fechar a minha noite, e na banheira, com um bom rock progressivo aos meus ouvidos, nada poderia ser mais perfeito. O dia seguinte seria cheio e eu não podia deixar de agradecer por isso.

Cheguei ao escritório as oito em ponto, e encontrei Tray em minha sala, vestido em sua elegante blusa cinza de gola alta, com um delicioso café da Starbucks e a Vogue em suas mãos.

– Você viu o novo visual da Giselle Bündchen? – Perguntou me estendendo um mocha branco, um dos meus preferidos.

– O que ela fez? – Perguntei levando o copo à boca. Juro que não havia percebido nada.

– Emagreceu dois quilos, a filha da puta!

Revirei os olhos. – Pensei que ela tivesse mudado a cor do cabelo, cortado até altura da orelha. Sei lá!

– Ei! Dois quilos Darling! Estou a um mês sofrendo para perder um! – Disse, levantando o seu dedo médio para representar o número um.

– Se você parar de comer esses *muffins* pode ser que consiga. – Tray levantou seu dedo novamente, mas, desta vez, não era para representar o número um. – Além disso, quem precisa emagrecer aí Tray? – Completei.

– Você acha Darling?

– Tenho certeza. – respondi carinhosamente.

Como não ter? Alto, corpo atlético, cabelos e olhos cor de mel e cílios de deixar qualquer mulher com inveja, Tray era o deus grego em pessoa.

– Obrigada pelo café. – Sorri, lhe dando um selinho nos lábios, eu era a única mulher no universo que poderia fazer isso.

Sentei-me a minha mesa e meu ombro logo deu sinal de vida. Saco! Lá estava aquela dor insuportável de novo. Tray franziu o cenho.

– Não venha me dizer que seu ombro está doendo devido às peripécias que a senhorita fez ontem à noite, aliás, quero os detalhes sórdidos após nossa reunião das oito e meia. Você tem médico às dez. – abri minha boca, chocada, mas, antes que eu

pudesse dizer qualquer coisa, Tray concluiu. – E sim, isso é uma ordem.

Pisquei. Essa bicha era muito cara de pau. – Ei! Quem é a chefe aqui, hein?

Ele me olhou com seus olhos ternos. Filho da puta! Fazia de propósito, sabia que esse olhar me derrubava.

– Angel, por favor, você está com esse ombro doendo há tempos, e já passou para o seu cotovelo. Você precisa ver isso. Eu já marquei esse médico para você cinco vezes, por favor, não me faça marcar a sexta. Esse cara é o melhor ortopedista de Nova York, foi uma super indicação, e eu suei para conseguir agendar para você.

Revirei meus olhos e ele continuou. – É sério, ele é bom mesmo. É formado em Harvard, fez mestrado na França, doutorado na Inglaterra, ministrou um centro de pesquisa em Amsterdã e...

– De Amsterdã só me interessa o museu do sexo. – Respondi dura e secamente. – Por mim ele pode ter feito mestrado, doutorado e sei lá mais o que, no raio que o parta! Tray é só uma dorzinha no ombro! – Bradei.

– Uma dorzinha no ombro que te persegue há mais de um mês, Angelina Brooks. – Respondeu me fuzilando com o olhar.

Ele tinha razão. O fato é que eu odiava ir a médicos. Exalei com força.

– Mestrado em Harvard? – Tray levantou uma sobancelha se sentindo vitorioso. – Deve ser um velho babão.

Ele sorriu, levantando seu copo da Starbucks. – Um brinde a sua consulta Darling!

– Filho da puta!

A reunião foi um pé no saco, meu ombro não parava de doer, e eu não conseguia me concentrar direito. Ainda bem que tinha Tray ao meu lado. Meu assistente, confidente, amigo e meu irmão, ainda que não seja de sangue.

Sou filha de brasileiros que viveram ilegalmente aqui em Nova York. Minha mãe era uma santa, e meu pai um bom filho da puta, eu acabei saindo dessa combinação esdrúxula. Voltamos ao Brasil quando eu era criança e coisas macabras aconteceram, até que eu retornasse para os Estados Unidos. Tray foi a primeira pessoa que conheci nesta terra louca e posso dizer que, se há algo divino nesse mundo, foi essa coisa que me enviou Tray. Daria tudo por ele.

– Os detalhes sórdidos de sua noite passada terão que ficar para a hora do almoço. – Ele disse, assim que chegamos a minha sala e me estendeu meu iPhone. – O endereço está mapeado, o doutor King a aguarda.

Não pude deixar de rir.

– Doutor King? Lion King. Esse Cara? Ah, tenha dó! – Disse, levantando as mãos para o alto e sentindo uma dor absurda no meu ombro.

Tray me olhava inquisitivo enquanto estendia o celular. – Já está na sua hora.

Franzi o cenho, peguei o aparelho, e saí estalando meu Jimmy Choo pelo carpete, rumo ao escritório do tal do doutor King. Vê se isso é nome de gente!

O consultório era luxuoso e o espaço agradável. Uma música suave ecoava pela sala de espera, cujo ambiente era asséptico. Eu aguardava a minha vez, enquanto respondia alguns e-mails e atendia a alguns telefonemas. O mercado editorial era uma loucura e nada poderia esperar. Ouvi quando a secretária chamou meu nome.

–O doutor King irá atendê-la. – Segurei-me para não rir. – Queira me acompanhar, por favor.

Lancei lhe um sorriso amarelo, enquanto a seguia rumo ao consultório do tal rei da selva.

– Ele estará aqui dentro de alguns instantes. – disse antes de fechar a porta, me deixando na sala.

Dei de ombros, olhando o ambiente muito bem decorado. Sua elegante mesa era de carvalho e havia um Mac Book, além de outras parafernálias em cima dela. Bom, pelo menos o velho era antenado. Ao lado, havia uma estante com alguns diplomas, troféus, medalhas e condecorações, além de retratos com várias fotos. Em uma delas, um charmoso senhor de idade com intensos olhos azuis estava entre dois homens, e um deles me chamou atenção. Era bonito, cabelo escuro e

olhos tão azuis quanto os do velho, devia ser seu filho, certamente.

Mas onde será que estava o raio desse médico que não vinha me atender? Será que ele achava que eu poderia ficar o dia inteiro ali? Ouvi um barulho e a porta se abriu, olhei à frente e...

Putá merda! O que era aquilo? Vestido em seu jaleco branco, o homem devia ter quase quarenta anos, cerca de um metro e noventa, ombros largos e braços fortes. Seu cabelo era escuro, ligeiramente desalinhado e seus olhos, dois pedaços azuis que reluziam em minha direção. Seu rosto era quadrado e em seu maxilar perfeito, a barba cerrada, bem diferente do rosto liso que eu havia acabado de ver na foto. Possuía mãos grandes e a esquerda agarrava o iPhone com tanta força, que senti meu ventre se contorcer com a imagem dela apertando minhas coxas. Engoli em seco.

– Desculpe, não pude deixar de atender a essa ligação. – disse com sua voz grave sacudindo o aparelho. – Emergência.

– Não há problema. – *Não há problema?*

O rei sentou-se a minha frente, virando seu Mac em sua direção. Passando a mão pelo cabelo, disse me olhando de uma forma tão profunda, que me senti invadida.

– Senhorita Brooks, em que posso ajudá-la?

Pigarreei sacudindo minha cabeça. Qual era o meu problema? Por que não conseguia articular as minhas

palavras? Eu estava ali por que sentia uma dor infernal no meu ombro, e por que o infeliz do meu assistente e melhor amigo fez questão de me agendar. Esse pensamento me levou de volta ao momento em que Tray me informou o nome do médico, e instintivamente olhei em sua direção. Foi mais forte do que eu, não pude me conter, e me pus a rir descontroladamente.

O homem me olhava chocado, deve ter pensado que eu era maluca. Certamente.

– Desculpe doutor. – Ao chamá-lo desta forma, o nome *King* me veio à mente, e nem preciso dizer que ri mais ainda.

O doutor King cruzou os braços e se acomodou em seu trono. Sim! Aquilo não era uma cadeira e sim um verdadeiro trono.

– Vou esperar a senhorita se acalmar. Gostaria de um copo de água? – Perguntou, levantando uma sobrancelha, e por um momento me senti infantil demais.

Merda! Pigarreei mais uma vez. – Desculpe, me lembrei de uma coisa... – Disse, fazendo gestos com as mãos. Mas, por que estava dando explicações? – Bom, o motivo de minha vinda aqui...

– Do que se lembrou? – Perguntou, ainda com os braços cruzados me olhando profundamente. Que olhos eram aqueles? E eu achando que meu olhar verde água era o mais lindo do universo.

Remexi-me desconfortavelmente na cadeira. – Nada

demais doutor.

– Impossível! – Disse, pronunciando as sílabas devagar, passando a língua nos lábios, e dando um sorriso encantador em seguida. – Deve ter sido algo muito engraçado para você rir desta forma.

O que eu poderia dizer? Que estava rindo de seu nome? Ele continuou.

– Geralmente as pessoas entram de cara amarrada e até chorando em meu consultório. É a primeira vez que vejo alguém rir. Ainda mais dessa forma.

Seus olhos me invadiam, e comecei a sentir meu rosto ficar quente. Mas, o que era aquilo? Eu não estava ficando vermelha. Estava?

– Desculpe, não quis deixá-la sem jeito.

Estava. *Putá merda!* O doutor King, pegou sua Montblanc com a mão esquerda e escreveu alguma coisa em algum lugar. O filho da puta ainda era canhoto. – Sim, senhorita Brooks, o motivo da sua vinda aqui...

Sacudi a cabeça desviando meus olhos de sua mão perfeita. Adoro homens com mãos grandes, elas podem fazer verdadeiros e maravilhosos estragos na gente.

– Sim, estou com uma dor terrível no meu ombro que não passa de jeito nenhum.

– Não passa de jeito nenhum, significa dizer que já tomou

remédio para ela, senhorita Brooks? – Perguntou em tom acusatório.

Engoli em seco. – Sim, nada demais. Só alguns relaxantes musculares.

Ele deu um sorriso petulante enquanto digitava em seu Mac. – No plural ainda... –disse balançando a cabeça.

Qual era o problema dele? Iria ficar me criticando? *Foda-se! Tomei mesmo! Estava com dor, cacete!* Vontade eu tive, mas não falei, é claro. Ele continuou.

– Há quanto tempo sente essa dor?

– Pouco mais de um mês.

Respondi e o olhar que recebi foi impagável. Ele parou de digitar por alguns segundos, franziu o cenho e continuou. Não quero saber se ele vem de Harvard ou do raio que o parta, já estava mais do que na hora de esclarecer alguns pontos.

– Doutor, sou uma pessoa ocupada demais e é muito difícil estar em algum lugar que não seja a minha sala neste momento. – Disse, fuzilando-o com o meu olhar.

– Imagino que sim. Esta é a quinta vez que a senhorita remarca a consulta.

Pisquei. Ok, isso me desconcertou.

Ele concluiu meio sem jeito. – Está aqui na sua ficha. – Revirei os olhos e ele se levantou. – Vamos ver o que

exatamente temos nesse ombro senhorita Brooks.

O doutor King deu a volta em sua mesa e eu precisei levantar o meu rosto e olhar para cima para vê-lo. Posicionou-se atrás de mim.

– Levante-se. – Senti um arrepio em minha nuca e ele concluiu me indicando a direção. – Por favor.

Entramos em outra sala espaçosa e agradável onde havia uma espécie de maca e o doutor King solicitou que eu me sentasse nela. Obedeci. Estava de frente e ele se aproximou, ficando rente ao meu rosto. Não havia nada demais, sinceramente, não era nada invasivo, talvez o problema fosse eu. Talvez noventa e cinco por cento de meu cérebro fosse ocupado por pensamentos sexuais, eu não sei... Só sei que senti o seu perfume invadir meus sentidos quando pegou meu braço esquerdo. Que cheiro era aquele? Era uma mistura máscula a qual não consegui identificar, cheiro de homem de verdade.

Ele levantou meu braço com delicadeza, mas, logo fiz uma careta de dor.

– Desculpe. Levante-se, por favor. – Fiz o que ele ordenou. – Vire-se de costas para mim.

Cristo! Virei-me e senti sua mão em meu ombro esquerdo, seus dedos me apertaram sutilmente. Fechei meus olhos e juro que fiquei excitada com aquele toque. O que estava acontecendo?

– Dói se eu fizer assim? – Sua voz em meu ouvido e seus dedos penetrando minha carne. Eu estava tonta.

– Não. – Não sei como consegui responder.

– Então apertarei um pouco mais forte. Tudo bem?

Por que suas palavras tinham uma conotação sexual? Acho que estava enganada, talvez não fossem noventa e cinco por cento do meu cérebro a ser ocupado por pensamentos obscenos e sim ele todo. O doutor King fez pressão suficiente para eu sentir uma físgada em meu ombro. Curvei-me com um grito de dor, e suas mãos deliciosas me seguraram firmemente.

– Perdoe-me, mas eu precisava saber a intensidade da sua dor. – Disse, se posicionando a minha frente e me olhando docemente, concluiu. – Iremos cuidar dela.

Voltamos para a sala principal e o rei da selva se acomodou em seu trono. Nesse momento, por algum motivo o qual não sei explicar, lembrei-me de que a tal dor não se restringia apenas ao meu ombro.

– Doutor, há um detalhe o qual me esqueci de mencionar. Minha dor não se restringe ao meu ombro.

Ele parou de digitar em seu Mac e se virou em minha direção apontando seu indicador para mim. – Sim, o seu cotovelo também dói.

Fiquei surpresa e no exato momento um pensamento invadiu minha mente: como ele sabia que era meu ombro

esquerdo que doía? O cara era realmente bom. Sorri.

– Lembrou-se de outra coisa engraçada senhorita Brooks? – Perguntou sorrindo, e não pude deixar de sorrir mais ainda, balançando minha cabeça.

– Você nem me perguntou qual ombro doía e sabe que a dor atinge meu cotovelo. O senhor é bom.

Ele deu de ombros. – No quadro em que se encontra, é comum a dor irradiar para o cotovelo e o fato de você estar com o tronco desalinhado, mostra que há algum problema mais sério.

Pisquei. *Tronco desalinhado?*

– Além disso, devido à dor, você tende a tencioná-lo para baixo. – Eu estava impressionada e ele continuou.

– Sobre o que você tem, a boa notícia é que há tratamento e a má é que ele é longo e chato. – Fez uma pausa antes de continuar e eu tenho certeza de que se deliciava com o meu desespero. – A senhorita tem bursite crônica no ombro e precisará fazer um exame mais detalhado. Preciso ver se há algum dano em seu tecido.

Pisquei. *Dano?*

– Fique tranquila, não é nada grave, se fosse, você não estaria andando. – Pisquei de novo, ele estava me confundindo. – Você precisará de fisioterapia.

O que? Dei um sorriso nervoso. – Não tenho tempo para

isso doutor.

Ele franziu o cenho se virando em minha direção. – Então sua dor não deve ser tão ruim assim senhorita Brooks.

Disse de forma petulante, e eu juro que minha vontade foi mandá-lo ir à merda. Em vez disso, respirei fundo procurando me lembrar de algum mantra desses que aprendemos nas aulas de yoga.

– Doutor King, não me leve à mal, mas, sinceramente não tenho tempo para fisioterapias. Será que o senhor não pode me indicar um remédio que acabe de uma vez com essa dor e pronto?

Minha paciência estava a nível zero e o rei da selva cruzou seus braços, recostando-se em seu trono.

– Sou médico e não mágico. – sua voz era fria como o aço.
– Também não faço milagres. Medicina é coisa séria senhorita Brooks.

Foda-se! Pensei. Qual era o problema dele para falar comigo daquele jeito? Ele continuou me fuzilando com seus intensos e penetrantes olhos azuis.

– Há duas opções para você: fisioterapia e o tratamento medicamentoso que irei lhe passar ou continuar com sua dor. Simples assim. – Eu estava chocada e ele concluiu de forma mais branda. – Eu sinto muito.

Não diga? Remexi-me desconfortavelmente na cadeira.

Como eu faria um tratamento daquele com a vida que tinha? Será que havia algo mais sério? Exalei com força.

– O que exatamente tenho que fazer?

O doutor King me observou por alguns instantes antes de responder. – Angelina é simples.

Angelina?

– Eu vou te passar uma ressonância e quero que você faça. Não se assuste, não é nada demais, mas há coisas as quais não consigo ver. – pisquei e ele concluiu olhando diretamente em meus olhos. – Eu não consigo penetrar em você.

Putá merda! Cruzei e descruzei as pernas, isso não estava indo bem. Ele continuou implacável. – Eu quero vê-la *todas* as noites. – arregalei meus olhos. – Acompanharei suas sessões de fisioterapia de perto.

Ele estava jogando comigo? Meu ventre se contorcia dentro de mim, assim como a raiva que eu estava sentindo por aquele homem a minha frente. Maldito Tray! Vou acabar com a sua raça! O doutor King digitava em seu Mac enquanto minha mente estava um verdadeiro turbilhão e meu ombro doía. Seria um complô contra mim?

– Podemos marcar sua ressonância para amanhã?

O que? Eu estava perdida, não sabia que ele mesmo marcaria meu exame.

– Preciso consultar minha agenda doutor King.

– Fique à vontade senhorita Brooks.

Após acessar minha agenda online, marcamos a ressonância para quarta feira da próxima semana de manhã. O doutor King, porém, gostaria que eu começasse as sessões de fisioterapia o quanto antes.

– Não iremos aguardar o resultado do exame?

– Não há necessidade, você precisará de fisioterapia de qualquer jeito e quanto antes começar melhor para você.

Bufei, não havia escapatória. Acertamos os detalhes da fisioterapia que seria feita naquele mesmo prédio em outro andar e, junto com a receita médica, o doutor King me estendeu o seu cartão.

– Peço que me avise, por favor, caso precise remarcar senhorita Brooks.

Peguei o cartão em minhas mãos e nossos dedos se tocaram. Um arrepio me invadiu o corpo. Engoli em seco e me levantei e ele me acompanhou até a porta.

– Vejo você amanhã à noite Angelina.

Entrei no meu Audi e me joguei em meu banco. Cristo, o que foi isso? Olhei o cartão bem acabado em minhas mãos. Doutor Evan King, ortopedista, blábláblá. *Evan King*. Joguei-o dentro da bolsa e segui rumo ao meu escritório. Tray estava na sala, é claro, e eu entrei como um foguete.

– Conte-me tudo, não me esconda nada.

– Bursite crônica. Vou precisar de fisioterapia e uma ressonância magnética e tudo isso é culpa sua! – Disse lhe apontando o dedo e Tray pareceu chocado.

– Culpa minha? Quem foi que demorou em ir à consulta, desmarcando-a várias vezes? E por falar nisso e o velhote, gostou? Bom não é?

Perguntou com seu sorriso cínico e percebi que Tray sabia exatamente quem ele era.

– Filho da puta! Por que não me avisou que ele não era velho?

– Por que você estava indo ao médico e não a um encontro Angelina! Pelo amor de Deus! – Merda! Ele tinha razão. Qual era o meu problema, afinal? – Ei Angel, o que houve?

Tray me conhecia como ninguém para saber que algo estava fora de ordem ali, mas, como poderia explicar a ele se nem eu mesma entendia? Sentia uma raiva absurda daquele médico idiota, por outro lado, estava em suas mãos. Tremi com esse pensamento.

– Droga Tray, o cara é bom, mas é muito arrogante! – Exalei com força. – Como farei fisioterapia?

– Ei! A gente dá um jeito, eu estou aqui caramba! – Sorri carinhosamente para ele que me olhava atentamente. – Não é só isso... – Dizia me observando. – O que houve Angelina

Brooks?

O fato é que eu estava confusa, além de preocupada. Não entendia porque essa porcaria de médico estava querendo acompanhar minha fisioterapia e a necessidade de marcar meu exame para ontem. Será que não havia algo de mais profundo ou grave no meu caso?

– Acredito que ele teria dito se tivesse. – Tray concluiu. – Vai ver faz parte do procedimento dele acompanhar os pacientes.

Eu não podia acreditar naquilo. – Tray, esse cara é formado em Harvard e sei lá mais onde! Nem sei como está em consulta ainda!

– Faz sentido... – Respondeu mordendo o seu indicador. – Bom, vai ver ele gostou de você. – Revirei os olhos e ele concluiu. – O que é? Você é irresistível Darling e sabe disso!

Não pude deixar de rir com Tray, ele tinha esse poder de me deixar feliz em qualquer situação.

– Vamos almoçar, estou morta de fome! – Disse. – E você ainda precisa me contar os detalhes sórdidos sobre sua noite passada!

E me puxando pela mão, saímos abraçados pelo escritório.

Dois

A noite passada foi agitada. Há tempos não tinha problemas com sono, e costumava dormir como um bebê, mas foi realmente estranho. Não tive os horrendos pesadelos que me assombravam na adolescência, nada disso, apenas uma noite agitada. Sonhei com aquele médico idiota, que ele estava em cima de mim, deliciosamente em cima de mim, na verdade.

No sonho o meu ombro doía e acordei com o raio da dor, não sei o que deu origem a quê. Ele me pegava no colo e nós fodíamos em cima da tal máquina de ressonância magnética. Lembro-me de suas mãos poderosas em minha cintura e de seus olhos cintilantes em minha direção. Eu devia estar ficando louca...

Se a noite foi agitada, o dia foi frenético com reuniões em cima de reuniões. Ainda bem que Tray estava comigo o tempo todo. A Brooks Editora precisava de mim cem por cento, mas, estranhamente, eu estava com minha capacidade reduzida. Seria a porcaria do ombro? O tal exame na semana que vem? O raio da fisioterapia? Ou ainda o sonho com aquele médico idiota?

A noite havia chegado e eu estava naquela porcaria de sala aguardando ser chamada. *Eu odeio ficar esperando!* Mal esse pensamento passou por minha cabeça, ouvi meu nome. *Até que enfim!* Eu estava ali há cinco minutos, mas *tempo é dinheiro*, todos já devem ter ouvido isso alguma vez na vida.

Fui atendida por uma simpática senhora de meia idade que me fez algumas perguntas e me encaminhou para uma pequena sala com um aparelho esquisito, ao lado de uma espécie de maca. Onde eu estava me metendo?

O rei da selva idiota não estava lá. Ele não disse que acompanharia tudo de perto? E por que eu estava pensando nisso naquele momento? Fiquei furiosa comigo mesma por esta constatação e, pior ainda, fiquei realmente fora de mim quando me dei conta de que estava *decepcionada* pelo fato de ele não estar lá. Será que eu estava ficando na TPM?

Há quatro fases na vida da mulher em que ela enlouquece, surta de verdade. Não necessariamente nesta ordem, eis as fases: Quando ela fica na Tensão Pré-Menstrual, quando casa, quando engravida e quando separa.

Em relação à primeira, por algum motivo que não sei explicar, a gente vira um monstro, fica chata, chora e desanda a comer chocolates. Se isso não é surtar, não sei o que é. Sou uma mulher forte, Tray sempre me diz isso e acredito nele piamente, mas também passo por esta merda de TPM. Foda-se! Ninguém tem nada com isso!

Em relação às outras fases, eu não sei muito bem o que acontece, mas, acredito que tenha alguma relação com o sentimento de *posse*. Explico: a mulher acha que é *dona* do marido, da casa e do pobre coitado do filho que, na verdade, é do mundo. Dona do marido? Tenha dó... Como se alguém fosse realmente dono de alguém...

Graças a Deus a TPM tem tratamento, então, logo serei uma mulher totalmente sã de minhas faculdades mentais. Meus relacionamentos são breves demais para o sentimento de posse imperar. Eles duram uma noite apenas, isso é o suficiente para serem inesquecíveis para mim.

Voltando a minha via-crúcis, estava naquela porcaria de sala onde a mulher meia idade solicitou que eu me deitasse em uma maca. Ela era tão simpática, que não havia a menor possibilidade de eu ser grossa com ela ou sequer sair correndo daquela merda.

Após posicionar o tal aparelho próximo ao meu ombro, girou nos calcanhares sem antes deixar de me informar que eu ficaria ali por vinte minutos. Eu não pude acreditar naquilo. Quem ela pensava que eu era para me dar ao luxo de ficar deitada numa porcaria de maca sem fazer nada durante vinte minutos? Nem fodendo!

Assim que ela saiu, levantei-me e peguei meu iPad em minha bolsa. Precisava entrar em contato com Manolo Di Massi o mais rápido possível, estávamos em uma negociação milionária que seria excelente para a Brooks Editora. Esses vinte minutos poderiam até ser funcionais.

Poucos minutos, porém, ouvi uma voz máscula ecoar pela sala. Gelei e devo confessar que não foi somente pelo fato de ela estar num tom furioso e autoritário.

– Então é daqui que vem a interferência dos aparelhos...
– e após um sorrisinho idiota e totalmente petulante, concluiu.

– Eu deveria imaginar.

Olhei para o lado e me deparei com o rei da selva, perfeitamente vestido em seu jaleco branco, seu cabelo desalinhado e seus olhos azuis faiscando em minha direção. Cristo, como aquele homem podia ficar mais delicioso estando furioso? Ele passou a mão pelo cabelo antes de apontar para meu iPad.

– Senhorita Brooks, não é permitido o uso de aparelhos eletrônicos neste lugar.

Senti meu pescoço incomodar, e percebi que era pelo fato de eu estar olhando para cima. O homem parecia maior do que da outra vez. E que cheiro era aquele penetrando a sala e meus sentidos?

Penetrando?

– Senhorita Brooks?

Sua voz me trouxe de volta ao mundo. Eu estava meio tonta, sem saber o que dizer. Olhei para meu iPad e me deparei com um Manolo de boca aberta olhando o médico idiota.

Ah, por favor!

– Nos falamos depois, Manolo.

– Perfetto, tutto perfetto Angelina. – respondeu, e é claro que não se referia à minha ligação, muito menos ao meu negócio.

Eu vou matar esse médico idiota! Pensei furiosa.

Encerrei a transmissão antes mesmo de me despedir de Manolo, já que ele estava se deliciando com o tal doutor, sem dar a mínima importância para mim.

– Há avisos espalhados em todos os lugares proibindo o uso de aparelhos eletrônicos, senhorita Brooks. – disse em tom acusatório, estendendo a mão para pegar meu iPad.

Foda-se! Pensei, mas achei melhor dar o meu sorrisinho petulante – sim eu também tenho um - antes de responder.

– É mesmo? Não vi.

– Então talvez devesse marcar um oftalmologista também.

Filho da puta!

Antes que eu pudesse responder, o idiota pegou meu iPad de minhas mãos e colocou em cima de minha bolsa. A tensão entre nós era palpável e eu juro que eu iria matar esse idiota!

Ele me olhou por alguns instantes, antes de perguntar como estava meu ombro. *Oh, o médico preocupado está de volta!* Pensei.

– Estou bem. – respondi de forma ríspida e o rei da selva pareceu mais irritado ainda. Olhou-me profundamente e, mais uma vez, me senti invadida. Exalando com força, perguntou de forma branda.

– Você tem sentido dor Angelina?

Por que eu tremia quando ele me chamava pelo primeiro nome? Engoli em seco antes de responder.

– Senti um pouco, mas estou melhor.

O doutor King deu a volta, posicionando-se em frente à maca e, puxando uma cadeira, sentou-se na minha frente. Apoiou seus cotovelos em suas coxas, suas pernas ligeiramente abertas, e cruzando as mãos à frente do rosto, mordeu os polegares, antes de apoiá-los no queixo. Seus olhos cintilavam em minha direção como dois faróis na escuridão.

–O medicamento que lhe passei é forte, sua dor irá melhorar, mas, infelizmente não é imediato, – ele sorriu e eu fiquei perplexa. O doutor King tinha o sorriso mais encantador e sedutor que eu já vi na minha vida. Eu juro que nunca havia visto algo parecido e olha que já vi milhões de sorrisos pelo mundo a fora. – mas irá funcionar. – ele continuou. – Em que momento você sentiu dor?

Eu estava sem ar, sua pergunta me levou à minha manhã, quando acordei do sonho que tive com ele. Instintivamente olhei para suas mãos e não pude evitar lembrar-me do momento em que ele me pegava pela cintura, enquanto eu estava curvada na máquina de ressonância magnética. Comecei a suar e sentir um calor insuportável e aquela merda esquentando no meu ombro não estava ajudando.

– Este aparelho esquenta tanto assim?

Ele franziu o cenho. – Está muito quente?

Levantou-se rapidamente e, posicionando suas mãos onde emanava calor, mexeu em alguns botões e me perguntou se estava melhor. Assenti. Quando achava que estaria livre de suas inquisições, o doutor King sentou-se mais uma vez na minha frente, ficando da mesma forma como havia estado antes.

– Sim, senhorita Brooks... – ele me olhava de uma forma tão profunda que eu não conseguia desviar meu olhar. – Sua dor, estávamos falando sobre ela.

Engoli em seco. – Senti de manhã.

– Acordou com ela?

Perguntou de forma tão rápida e decidida que enrubesci. É claro que ele jamais poderia saber sobre o meu sonho, mas, quem deve teme, não é?

– Talvez eu tenha dormido de mau jeito. – cuspi.

Ele passou a língua nos lábios enquanto balançava a cabeça, me olhando intensamente. Essa merda não estava indo bem. Eu sentia um ódio mortal por aquele médico e, ao mesmo tempo, ele me atraía de alguma forma. Eu realmente devia estar ficando na TPM, como aquilo era possível? Meus hormônios deveriam estar enlouquecidos dentro de mim, talvez fosse isso. E por que eu estava ficando excitada com aquele olhar?

O aparelho apitou e levei um susto, fazendo com que o rei da selva risse ao se levantar para afastá-lo de mim. Qual era a graça afinal? Posicionando sua mão em meu ombro com delicadeza, falou com voz rouca.

– Levante-se, iremos para outra sala.

Revirei meus olhos enquanto me levantava.

– Achei que eu pudesse ir embora.

– Para que tanta pressa senhorita Brooks? – Perguntou estendendo minha bolsa e meu iPad. – Você ainda ficará sob meus cuidados por algum tempo. – e chegando um pouco mais para frente, concluiu. – Relaxe.

Relaxe? Como isso seria possível se o cheiro daquele homem me invadiu de uma forma, o suficiente para me deixar arrepiada e todos os poros de minha pele enlouquecidos? Era algo forte, intenso, cítrico. Másculo. Não consegui identificar aquela fragrância que me deixou ligeiramente tonta. O rei da selva informou que eu ainda faria mais alguns procedimentos antes de ir embora e solicitou que aguardasse um pouco.

– Não pegue o seu iPad, isso não irá demorar. – disse em tom debochado e minha vontade foi de dar-lhe um tapa e mandá-lo ir à merda. Por que ele tinha que ser tão desagradável?

Revirei meus olhos e sentei na cadeira em frente, desejando que ele fosse realmente o velho que pensei que seria. Talvez não fosse tão arrogante e... delicioso. Esse pensamento

me fez remexer desconfortavelmente na cadeira. *Que inferno!*

A voz da senhora de meia idade me trouxe de volta à realidade quando falou meu nome de forma doce.

– Senhorita Brooks, queria me acompanhar, por favor. – Disse com um lindo sorriso, estendendo sua mão.

Seu nome era Dorothy White e era uma das pessoas mais encantadoras que já vi na vida. Seu sorriso e sua voz doce eram capazes de acalmar qualquer ser.

A senhora White me conduziu à outra sala muito bem equipada, aliás, todo aquele centro era muito bem equipado, refrigerado, mobiliado e organizado. O rei da selva não estava presente. Onde estaria?

Durante uma hora, passei por mais alguns procedimentos, nada tão desagradável, mas irritante. Ficar ali sendo submetida àquela porcaria toda não estava me animando e, além disso, onde estaria o raio daquele médico idiota? Não que eu estivesse preocupada com ele, mas não havia dito que acompanharia tudo de perto? Era somente uma questão de palavra, nada mais.

Após uma hora, eu estava oficialmente liberada e confesso que até me sentia melhor. A senhora White me passou as últimas recomendações e não pude deixar de agradecer à massagem que me fez. Ela deu seu sorriso encantador, me dizendo que aquilo não era exatamente uma massagem, mas que eu poderia chamar desta forma se

quisesse.

– O doutor King teve uma emergência e precisou se ausentar, mas disse para a senhorita não deixar de tomar o seu medicamento e seguir todas as recomendações que lhe passou. – franzi o cenho, até quando esse médico iria ficar me dando ordens? – E ele disse que a senhorita já pode usar o seu iPad.

Filho da puta! Eu podia imaginar o seu sorrisinho petulante ao deixar o recado para mim e a vontade que tive foi de deixar meia dúzia de palavras mal educadas para ele, mas a senhora White era gentil demais para ouvir o que eu estava com vontade de dizer. Mas, por que esse idiota tinha que me irritar tanto? Agradei e dei o fora dali, o que mais poderia fazer?

Naquela noite eu estava uma pilha, nem o meu velho Jack e o meu bom e velho *Rock and Roll* me acalmavam. Pensei em ligar para Tray, mas o que poderia dizer? Eu precisava relaxar, na verdade, um orgasmo cairia bem. Senti-me extremamente irritada, quando as mãos do doutor King me vieram à mente ao pensar na palavra *orgasmo*. Qual era o meu problema?

Dirigi-me ao meu closet e peguei a minha *caixa da sacanagem* – sim, toda mulher bem resolvida deveria ter uma. Lá dentro, vibradores de todos os tipos e tamanhos, anéis, bolas tailandesas, preservativos, géis de todos os sabores, dentre outros brinquedos.

Após selecionar o meu vibrador preferido, um pau

perfeito, grande e com tecido que imita pele humana, deitei-me em minha cama selecionando a velocidade número um.

Eu gostava de começar devagar, provocando a mim mesma de forma lenta e cruel, para então aumentar a velocidade até explodir enlouquecidamente. No instante em que encostei a cabeça do meu pau-vibrador em meu clitóris, as mãos daquele médico idiota invadiram os meus pensamentos.

Aquilo não era possível! Eu deveria parar imediatamente, mas, estava ficando tão excitada que, simplesmente me deixei levar. Em algum momento, o meu pau-vibrador se transformou na língua do maldito e eu aumentei a velocidade para o nível dois.

Cristo! Eram sete níveis! E eu *sempre* gozava no sétimo nível.

Até aquele momento.

Flashes invadiram a minha mente: o idiota segurando a porcaria daquele celular, passando a língua pelos lábios, apertando sutilmente o meu ombro e me segurando pela cintura, o seu cheiro...

Nível três.

Sua voz chamando o meu nome, *Angelina*, e, nesse momento, eu o já tinha todo em mim e quando iria partir para o quarto nível...

Angelina.

Sua voz, mais uma vez, em meu ouvido e eu explodi. Forte. Foi um orgasmo intenso, profundo e, exausta, adormeci com o pau-vibrador ao lado do meu corpo e um sorriso completamente idiota – e satisfeito – no rosto.

Acordei confusa pela manhã, eu e o pau-vibrador ao meu lado. Balancei a cabeça. Não dormi nada, parecia que eu havia piscado e o dia havia chegado. Mas, era sexta feira e nada poderia ser melhor. Sexta feira é considerada o dia internacional do sexo, embora, para mim, sexo seja todos os dias.

Depois da noite atípica, cheguei ao escritório e encontrei Tray ao telefone, cenho franzido. Pude ouvir o final da conversa e logo entendi o problema.

– Mas já passou da hora disso ser resolvido Sebastian! Até quando iremos esconder? Eu não sou casado, não devo nada a ninguém...

Nesse momento, Tray suspirou fortemente, com certeza, completamente exausto daquela situação e, ao balançar a cabeça, me viu na porta.

– Depois conversamos, estou ocupado agora.

Fiz sinal para ele continuar, indicando que estava saindo da sala, mas suas mãos balançaram freneticamente indicando para que eu ficasse. Ele desligou o telefone e levou a cabeça às mãos, me deixando completamente destruída. Por mim o

mundo poderia acabar, mas Tray não poderia ter nenhum tipo de problema. Corri para abraçá-lo.

– Eu não sei quando Sebastian vai assumir nossa relação Angel. – ele disse em algum momento.

Diferente de mim, Tray acredita em histórias de amor e finais felizes, por mais que eu diga que essas coisas não existam. Como pessoas que não sabem se casam ou se compram uma bicicleta, Sebastian não sabia se queria homens ou mulheres. O mundo inteiro sabia que ele não era adepto ao sexo feminino, mas ele era filho de um grande veterano militar e ter deixado de seguir a carreira do pai para ser modelo já tinha sido escândalo demais. Como assumir que era gay? Balancei a cabeça, eu não sabia o que dizer para lhe dar esperanças.

– Hoje é sexta feira, o dia passará rápido e nós iremos nos divertir hoje à noite.

Ele me olhou incrédulo. – E Sebastian?

– Mande Sebastian à merda!

Tray riu escandalosamente com minha resposta, sabia que eu não tinha o menor tato para romances, mas estava tentando desesperadamente fazer com que ele se sentisse bem.

– Só você Angel. – disse balançando a cabeça enquanto se levantava. – Sai de mim tristeza! Vamos tomar nosso café. – e, acionando o botão do telefone, ordenou. – Babuska querida, vá buscar nossos cafés na Starbucks, por favor.

Olhei para ele incrédula, eu não podia acreditar que Tray estava mandando minha estagiária à Starbucks. Ele era terrível.

Finalmente a noite chegou. Eu estava entrando no meu Audi rumo a *Pink Elephant* e havia garantido que Paul Oakenfold estaria lá. Tray o adorava e ele realmente precisava se divertir. Sobre minha fisioterapia, havia ligado para o consultório daquele médico idiota e dito a sua secretária que não iria. O motivo? Não era da sua conta. Dane-se!

Encontrei Tray na porta e o lugar já “bombava”. É claro que não precisamos enfrentar a fila enorme, afinal era Angelina Brooks quem estava ali. Lá dentro Paul já animava a festa com *Password*, uma música sexy e animada, como a noite deveria ser. Segui direto para o bar a fim de pegar a dose do meu uísque enquanto Tray seguia com seu Cosmopolitan, típica bebida de mulherzinha.

A noite seguiu animada e nos esbaldamos na pista de dança. Não poderia ser diferente, eu e Tray éramos a sensação. Todos olhavam e estávamos mais do que acostumados. Ninguém, eu digo *ninguém* na face da terra poderia dizer que Tray não era homem pela forma a qual me segurava quando fazíamos nossa dança sensual. Ele e seu cabelo cor de mel totalmente desalinhado, sua calça jeans e camisa branca de manga curta com a gola em V mostrando sua pele e seu corpo bem trabalhado, seus olhos cintilando em minha direção dizendo *eu vou te foder agora*. Coitado de quem acreditasse, mas éramos artistas e Tray tinha essa incrível mania de adorar

chocar o mundo.

Meu Dolce rendado subia por minhas coxas e meu decote teimava em mostrar somente o suficiente para aguçar a curiosidade alheia. Eu e Tray brilhávamos e sinceramente não havia lugar para ninguém além de nós. Perdemos a noção do tempo e estávamos ensopados de suor quando chegamos ao bar.

– John, meu velho Jack. Preciso repor minhas energias.
– disse espalmando minha mão no balcão. Sim, eu era praticamente dona daquele lugar.

John estendeu minha dose e o Cosmopolitan de Tray, fazendo com que eu revirasse meus olhos. Ele sorriu, abrindo a boca em forma de “O” em seguida e ele olhava através de mim. Seria Sebastian? Eu não podia acreditar naquilo. Um arrepio subiu por minha nuca no exato momento em que senti o ar quente em minha orelha.

– Você deveria estar na fisioterapia, senhorita Brooks.

Put a merda! Fechei meus olhos, aquilo não estava acontecendo. Virei-me e me deparei com o doutor King, rei da selva e de todo o universo, tinha que admitir. O homem estava de uma forma que beirava a perfeição vestido em sua calça jeans e camisa escura, comprida com a manga puxada na altura dos cotovelos, ligeiramente aberta em seu peito. Engoli em seco ao ver o tom de sua pele deliciosa. Que músculos eram aqueles? Seu cabelo ligeiramente desarrumado e o seu cheiro... Como ele poderia cheirar daquela forma? Nem o

aroma cítrico que ecoava pela boate era capaz de anular o cheiro daquele homem. Seus olhos faiscavam em minha direção esperando por uma resposta.

– Eu avisei a sua secretária.

– Eu sei que sim, mas não sabia que faltaria a sua fisioterapia para vir à boate, senhorita Brooks.

Mentalmente eu já ensaiava um *foda-se! Você não tem nada a ver com isso*, quando Tray esticou a mão em sua direção.

– Doutor Evan King, muito prazer. Tray Martin.

Encarei Tray incrédula. O que ele pensava que estava fazendo? O rei da selva esticou sua mão para cumprimentá-lo com um largo sorriso.

– Muito prazer senhor Martin.

– Por favor, me chame de Tray.

Como é? Isso não estava acontecendo. De que lado Tray estava, afinal?

– Gostaria de se juntar a nós?

Eu juro que iria arrebentar o rostinho maravilhoso de Tray com navalha. – Acredito que o doutor King tenha outros planos, Tray. – rosnei.

O rei da selva deu seu sorrisinho petulante. – Na verdade senhorita Brooks, não tenho. – e olhando para Tray, concluiu.

– Será um prazer me juntar a vocês Tray.

Fiquei completamente chocada quando ele chamou John pelo nome e pediu uma dose de seu uísque, me olhando com os olhos em chamas.

– Parece que compartilhamos do mesmo gosto para bebidas senhorita Brooks.

– Eu gosto de bebidas fortes. – respondi de forma ríspida.

– E o que mais gosta que seja forte?

Seus olhos me fuzilaram enquanto pegou seu copo e não pude deixar de notar a força com que o segurou. Senti meu ventre se contrair, eu estava ficando tonta. Onde estava Tray? Será que eu estava ficando bêbada? O doutor King estendeu seu copo em minha direção.

– Um brinde às coisas fortes, senhorita Brooks.

Eu o olhava boquiaberta, quando escutei Tray dar um gritinho.

– Eu amo essa música Darling!

Eu não sabia ao certo se estava ou não bêbada, mas Tray eu tinha certeza de que não estava muito certo de suas faculdades mentais. O rei da selva sorriu de forma irresistível e virando sua bebida num só gole, me pegou pela mão.

– Vamos dançar Angelina, a noite é uma criança. – e encostando sua boca em minha orelha, concluiu. – Você

precisa relaxar.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, senti sua mão na minha cintura com força.

– Bem forte Angelina.

Rosnou em meu ouvido com voz rouca enquanto me conduzia rumo à pista de dança.

Eu estava perdida.

Três

A pista fervia. Àquela hora a boate estava lotada, Tray já se esbaldava no meio do salão e tive a certeza de que ele realmente não estava em seu estado normal, devido à forma como gritava e acenava para Paul, que estava em uma cabine no alto animando a festa com suas batidas eletrizantes.

Eu caminhava pela pista, sentindo as mãos do doutor King apertando com força minha cintura, e aquilo não fazia o menor sentido para mim. Livrei-me de suas garras, virando em sua direção.

– O que acha que está fazendo?

Ele deu seu sorrisinho petulante e virando o pescoço de lado, respondeu com o maior sarcasmo. – Levando você para a pista de dança Angelina.

Meu nome em sua boca era algo fora do comum. Sua língua batia em seus dentes quando pronunciava *Angelina* e, não sei ao certo, mas algo acontecia dentro de mim quando ele me chamava daquela forma. Ele concluiu.

– Afinal, você precisa relaxar.

Eu não podia acreditar naquilo. – Doutor King. Não creio que seja boa ideia...

Antes que eu terminasse de falar, ele pegou em minha cintura me puxando em sua direção e eu juro que pensei que

fosse me beijar, mas, sua boca deliciosa seguiu em direção a minha orelha, sua voz rouca em meu ouvido.

– Aqui você me chama de Evan. – Afastou-se e senti seus lábios tocarem meu rosto levemente. Ele me olhava como um falcão.

Eu me sentia tonta. A boate estava lotada, a batida da música intensa, e o cheiro daquele homem me invadindo os sentidos. Suas mãos apertavam minha cintura com força e eu me perguntava se teria bebido demais. Quem ele pensa que é para me dar ordens?

– Não é assim que funciona. – rosnei.

O doutor King me olhou profundamente, passando a língua nos lábios, cruzando os braços.

– Como quiser Angelina. – disse sem tirar os olhos de mim.

Lá estava o meu nome mais uma vez dançando em seus lábios, e eu juro que algo muito estranho aconteceu dentro de mim. De novo. O idiota ficou parado no meio da pista e as pessoas dançavam sem se importar se havia alguém ali, estavam soltas. Senti as mãos de Tray em minha cintura.

– Darling! Unafraid! – Disse, gritando o nome de sua música preferida, acenando para Paul mais uma vez. Ele me puxou para nossa dança, nosso show a parte na noite e eu me entreguei. *Foda-se esse médico idiota!* Eu estava ali para animar a noite do meu melhor amigo, a festa era nossa e o

doutor King não era mais do que um penetra indesejável.

Como de costume, eu e Tray fomos a sensação, éramos somente eu e ele, e o idiota daquele médico a nossa frente. As pessoas dançavam e era impressionante como ninguém esbarrava nele. O doutor King estava parado no meio da pista com seus braços cruzados, todos os seus músculos acentuados, me olhando atentamente e era difícil identificar suas emoções. Luzes coloridas passavam por seu corpo, por seu cabelo desalinhado, iluminando seus olhos que pareciam brilhar ainda mais e me dei conta de que não conseguiria me desvencilhar daquele olhar. O homem não piscava, pelo amor de Deus!

Fechei meus olhos enquanto Tray atrás de mim apertava minha cintura, minha cabeça em seu ombro, braços em volta do seu pescoço, enquanto descíamos ao som daquela música sensual e assim ficamos até que ouvi a voz de Tray em meu ouvido.

– Uau! Temos visita!

Abri os olhos, certa de que o rei da selva estaria na minha frente, mas o que vi foi um lindo homem de cabelo claro e olhos verdes cintilantes segurando uma dose de Tequila numa mão e limão na outra.

– Uma bebida sexy para uma dança sexy. – disse olhando para Tray e depois para mim.

Ok, entendi o recado. Alguém estava sobrando na história

e, naquele momento, era eu. Olhei para Tray com minha sobancelha levantada, eu sabia que ele não iria beber aquela Tequila. Diferente de mim, ele era muito fraco para bebidas.

– Uma bebida sexy para uma dança sexy, servida por um homem sexy.

Disse com uma piscadinha, pegando o limão e o shot de suas mãos, virando de uma vez só e a visão que tive valeu a noite. A minha frente pairava um chocado doutor King, me olhando com a boca aberta em forma de “O” e olhos arregalados. Sorri de forma petulante pensando no quanto isso poderia ser interessante. Olhando o meu mais novo amigo, perguntei.

– Gostaria de dançar conosco?

– Um trio? - Ele propôs.

– Por que não?

A música rolava solta e, mais uma vez, me entreguei à festa. Eu, Tray e nosso novo amigo, dançando no meio da pista para total horror do rei da selva. Eu estava no meio dos dois e nossa dança era extremamente sensual e logo outras pessoas se juntaram a nós. O que era um trio se transformou num grupo.

Olhei para frente e o rei da selva havia sumido. Será que ele tinha ficado chocado demais? Foda-se ele! Eu estava ali para fazer a segunda coisa que mais sabia na vida: me divertir. A primeira era ter orgasmos, é claro.

Em algum momento, Tray e nosso mais novo amigo estavam mais íntimos e ouvi a voz do desconhecido em meu ouvido.

– Ele é seu namorado?

Olhei para Tray e, embora ele não pudesse ouvir a pergunta, já sabia do que se tratava. Nossa intimidade é tanta, que falamos somente com o olhar e naquele momento entendi que Sebastian estava fora de questão. Pelo menos por enquanto.

–Ele é todo seu.

Seguindo em direção a Tray, beijei-lhe o rosto antes de sussurrar em seu ouvido. – Não se esqueça da mensagem.

Tray sorriu e eu me senti aliviada. Meu amigo estava feliz e eu seria capaz de viver somente por isso.

Segui para o bar. Eu estava sozinha, mas meu nome é Angelina Brooks, e eu não ficaria assim por muito tempo.

– Meu uísque John. – disse batendo no balcão.

– Você irá para a sua terceira garrafa da noite Angelina.

Embora pudesse parecer acusatório, seu tom era doce.

– Dê-me uma Tequila então. – John piscou e eu sorri. – Vamos lá John, faça o seu trabalho.

Enquanto ele preparava minha bebida, dei uma boa olhada em volta. O rei da selva havia sumido. *Dane-se! Quem*

precisa dele? Pensei. Peguei minha Tequila e a virei de uma vez, quando senti meu iPhone vibrar. Era Tray.

“Noite agitada Darling. Detalhes sórdidos amanhã.”

Sorri. Eu e Tray tínhamos alguns códigos e a mensagem era um deles, graças a Deus ela foi positiva e Sebastian que se danasse. Segui em direção ao banheiro e tive a ligeira sensação de estar um pouco tonta. A boate estava lotada e a batida parecia mais frenética do que das outras vezes. Será que eu estava bêbada? Aquilo não era possível, há anos não ficava bêbada.

Saí do banheiro e senti um puxão em meu braço. Foi tudo rápido demais e quando me dei conta, estava encostada numa parede em algum lugar escuro.

– Você não deveria estar bebendo. – Puta merda! Era aquele médico idiota! – Você está tomando medicamentos.

– Foda-se! – Bradei e ele arregalou seus intensos olhos azuis em minha direção.

– Você é muito desagradável, sabia?

– Não mais que você. – cuspi.

– Qual é o seu problema?

– Qual é o seu? – Ele me olhou durante alguns instantes sem nada dizer e, mais uma vez, me senti invadida. Aquele homem parecia enxergar dentro de mim. – Qual é o seu problema, doutor King? – Rosnei.

Aproximando-se de mim, grudou o seu corpo no meu, me deixando prensada entre ele e a parede, sua ereção na minha barriga. Pegando em minha mandíbula com força, rosnou muito perto de minha boca.

– Aqui você me chama de Evan.

Não consegui tirar meus olhos de seus lábios, eles eram grossos e ele passou a língua bem devagar, antes de repetir. – Evan, Angelina.

Foi a última coisa que ouvi antes de sentir sua boca na minha. Ele me engolia de tal forma... Sua mão varreu o meu rosto, apertando minha nuca com força, enquanto eu sentia a outra em minha cintura.

Bem forte.

Ele afastou minhas pernas com as suas, sua ereção em minha barriga e o seu joelho forçando minha abertura, na altura do meu clitóris.

Putá merda!

Sua mão saiu de minha cintura, subindo pelo meu corpo, até chegar a minha nuca, onde apertou com vontade, mãos subindo por meu cabelo e segurando no alto de minha cabeça.

Evan me apertava, sua mão estava agora em meu rosto e descia pelo meu corpo, parando em meu seio, roçando seu dedo por cima do meu vestido. Sua língua estava em minha boca, explorando-a com urgência. Seu beijo era rude, duro e

primitivo e ele gemia em mim, mordendo meu queixo, passando a língua no meu lábio, engolindo-o.

Sua mão seguiu para o meio de minhas pernas e apertou minha coxa com força. Sua boca não largava a minha.

– Angelina.

Ele sussurrava e parecia que lia meus pensamentos. Sua voz chamando o meu nome me deixava enlouquecida, sou obrigada a confessar. Ele parou de me beijar, sua boca em meu ouvido.

– Bem forte Angelina. – Ao dizer isso, sua mão me invadiu e eu estava encharcada, é claro.

Bem forte! Eu estava tonta, a mão de Evan era implacável, eu sentia seu dedo dentro de mim fazendo movimentos circulares, apertando o meu clitóris.

– Bem forte. – Ele repetiu mordendo meu lábio e não aguentei, explodi em mil pedaços nas mãos do rei da selva, no meio da boate com milhares de pessoas em volta.

O meu corpo parecia que iria despencar e Evan me segurou em sua perna, sua mão em meu pescoço, seus dedos pelo meu lábio e pude sentir o gosto de minha própria excitação.

– Você gosta com força Angelina. – aquilo não era uma pergunta e ele olhava para minha boca. – Resta saber quanto forte você aguenta.

O mais impressionante, era que eu não conseguia ter nenhum tipo de atitude. Com certeza eu deveria estar ficando bêbada, sempre era eu, Angelina Brooks, quem dava as cartas. Eu não estava acostumada a ser conduzida.

Senti a boca de Evan mais uma vez na minha com urgência, suas mãos em minha nuca, levantando o meu cabelo, me apertando com força. Ele mordida meu lábio e contornava-o com a língua, sem tirar seus olhos dos meus.

Espalmei minhas mãos em sua bunda perfeita, apertando-o e Evan gemeu. – Com força Angelina. – Dizia enquanto me beijava.

Em algum momento, Evan parou o beijo, me olhando profundamente por alguns instantes, antes de me puxar pela mão. O lugar estava lotado e mal dava para andar e ele me posicionou na sua frente, sua mão em minha nuca, apertando com força enquanto me conduzia rumo à saída.

Lá fora a fila estava enorme, e muitas pessoas ainda esperavam para entrar. Evan se dirigiu à frente da boate, onde um perfeito leão de chácara lhe jogou uma chave.

– Obrigado James. – disse caminhando até a sua Harley-Davidson estacionada.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, me estendeu o capacete, me posicionando no assento e quando dei por mim, estávamos voando por Nova York.

Minhas mãos estavam em sua cintura e, ainda que eu

estivesse com o capacete, minha cabeça recostada em suas costas. É claro que eu estava bêbada, isso era romântico demais para mim. Onde estava o meu carro? Nunca eu sairia daquela boate ou de qualquer outro lugar sem o meu carro. Definitivamente eu não estava bem.

Olhando em volta, pude reconhecer o caminho e no momento em que vi o Central Park, Evan fez uma curva entrando na garagem de um luxuoso arranha céu. Mal chegamos ao elevador, senti sua mão em meu pescoço, seu dedo roçando meus lábios. Ele me olhava de uma forma como ninguém me olhou antes e, naquele momento, eu seria capaz de dar qualquer coisa por seus pensamentos.

A porta do elevador se abriu e Evan me pegou pela mão, entramos, ele tocou o botão e me colocou contra a parede, suas mãos ao lado do meu rosto, espalmadas no espelho. Seus olhos devoraram meu corpo e sua forma de me olhar me excitou.

Agarrando sua blusa com fúria, mordi seu lábio com força sem me importar se havia ou não câmeras por perto. Voyeurismo era algo que me excitava e, de qualquer forma, eu não voltaria mais ali.

Espalmei minha mão em seu pau, apertando-o forte e Evan gemeu.

– Com força Evan.

Ele abriu a boca e deu um pequeno sorriso. Cristo! Como aquele idiota era lindo. Qualquer mulher ingênua teria se

apaixonado ali, mas eu não sou *qualquer mulher* e muito menos ingênua.

Chegamos ao seu andar e, pela altura, deveria ser a cobertura, mas não me dei o trabalho de olhar. Saímos do elevador com Evan beijando minha boca e arrancando o meu vestido, enquanto eu tirava sua blusa arrebatando todos os botões, e assim fomos deixando nossos pedaços pelo caminho.

Seu apartamento era como o meu: enorme e confortável, mas com uma decoração máscula e, ainda assim, aconchegante.

Eu estava com uma *lingerie* vermelha da Agent Provocateur, e ele parou por alguns instantes me avaliando. Seu olhar quente me excitou e antes que ele pudesse ter qualquer tipo de reação, ajoelhei-me em sua ereção e o coloquei inteiro na minha boca.

Evan se surpreendeu com o meu movimento repentino, levando suas mãos à parede para se apoiar. Eu o engolia enquanto lançava meus olhos de gato em sua direção. Evan me olhou em êxtase e sua boca se abriu num gemido silencioso.

Passei minha língua em toda sua deliciosa extensão, fazendo movimentos circulares em sua cabeça, enquanto segurava suas bolas. Evan mordeu o lábio e fez sons primitivos, me excitando cada vez mais.

– Angelina. – rosnou com os olhos fechados.

Levei minha boca a sua virilha e de novo para suas bolas, enquanto mantinha minhas mãos ocupadas em sua extensão. Eu sentia que Evan estava perto, era questão de minutos. Seus olhos se abriram e sua voz saiu rouca e sexy.

– Agora não.

Suas mãos apertaram o meu braço com força, me puxando para cima, e seus olhos me devoraram mais uma vez, enquanto sua mão espalmada pelo meu corpo me acariciava.

Fechei meus olhos, estava em êxtase. Seu toque era perverso, quente e sedutor. Eu já disse que adoro mãos de homens e ali soube que as de Evan me fariam um completo e delicioso estrago.

– Abra os olhos Angelina. – Evan ordenou e tremi ao ouvir meu nome mais uma vez em sua boca. – Eu quero que você olhe para mim.

Antes que eu pudesse fazer qualquer tipo de protesto, Evan me deitou em sua transparente e enorme mesa de jantar. Senti o frio do vidro em minhas costas e o quente de sua mão em minha barriga, subindo em direção ao meu seio. Sua grande mão afastou o tecido do meu sutiã com reverência e senti sua língua molhada em meu mamilo. Fechei meus olhos e ouvi sua voz rouca.

– Olhe para mim Angelina.

Abri meus olhos e eles encontraram o azul profundo de Evan em minha direção enquanto me invadia. Sua língua

circulava meu mamilo enquanto sua mão tocava a minha entrada, por cima do tecido de minha lingerie. Eu estava completamente encharcada, Evan me tocava como ninguém o fez antes.

Sua língua desceu por minha barriga, circulando o meu umbigo, antes de continuar o seu caminho até a minha virilha, onde distribuiu mordidas suaves. Eu me contorcia e sentia que o vidro não estava mais frio embaixo de mim.

– Você está molhada Angelina. – sua voz era extremamente sexy. – Eu sinto o seu cheiro daqui. – disse muito próximo de minha entrada, fechando seus olhos por instantes. – Você é uma delícia.

Sua boca estava em minha virilha e diabolicamente devagar, Evan afastou minha calcinha com os dentes, enquanto eu sentia sua língua roçar minha pele. Aquilo era extremamente torturante.

– Oh Cristo! Isso é maldade!

Evan sorriu. – Você não parece ser o tipo de mulher que gosta de homens bonzinhos, Angelina.

Ele tinha razão.

Foi a última coisa que disse antes de cravar seus dentes em minha calcinha e rasgá-la com fúria com seu grito abafado, e mergulhar dentro de mim.

Oh céus! Senti a língua de Evan e naquele momento, me

perdi em sensações. Como um homem poderia ter uma língua daquelas? Sentia dentro de mim de baixo para cima, de cima para baixo, girando, penetrando... Aquilo era diabolicamente sedutor e delicioso. O doutor Evan King sabia realmente como levar uma mulher à loucura.

Suas mãos apertavam minha coxa com força e sua voz em meu ouvido na boate *Bem forte Angelina*, me veio à mente no momento em que explodi, mais uma vez. Meus gemidos se misturaram aos dele e enquanto eu gozava, Evan me apertava cada vez mais.

Mal voltei de órbita, Evan pegou minhas pernas e as posicionou em seus ombros. Seus dentes rasgaram a embalagem do preservativo e ele rolou em seu delicioso comprimento.

– Bem forte Angelina.

Cacete! Esse homem tinha poderes telepáticos? Suas mãos apertaram minha cintura no momento em que ele me invadiu, me preenchendo completamente.

Putá merda! Exalei com força, Evan era grande demais e deveria ter consciência disso, pois me deu alguns instantes para que eu me adaptasse. Sua mão acariciou o meu cabelo, nossos olhos se cruzaram e ele sorriu, levando o seu dedo aos meus lábios no momento em que começou a fazer movimentos dentro de mim.

– Olhe para mim Angelina. – disse à medida que

intensificou os movimentos e eu não consegui desviar meus olhos dos seus. Sim, aquilo não fazia o menor sentido para mim, desde quando eu seria fodida por um homem olhando em seus olhos?

Evan era implacável e me penetrava com força. Senti suas mãos em minha cintura e logo estava em seu colo, minhas pernas enroscadas em seu corpo enquanto ele empurrava para dentro de mim. O homem tinha uma força absurda e me fodia em seu colo com a maior facilidade.

Cravei meus saltos em sua bunda perfeita e minhas unhas em suas costas, enquanto mordida seu ombro.

– Porra Angelina! – Rosnou. – Crave seus saltos em mim.
– Disse em meu ouvido. – Crave-os com força.

Fiz o que ele ordenou e ele me penetrou mais forte enquanto me apertava. Suas mãos deliciosas apertaram a minha bunda, sua língua em meu ouvido e foi o suficiente para eu encontrar aquilo que me fazia mais feliz na vida. De novo. Era o terceiro orgasmo que aquele homem me dava em menos de uma hora. Evan me apertava, enquanto mordida o lóbulo de minha orelha.

– Eu quero te virar do avesso, Angelina.

Mal terminou de falar, Evan me soltou e me levou de volta à mesa. Senti o frio do vidro mais uma vez, agora em minha barriga. Meu traseiro estava para o alto e senti a mão de Evan espalmando-o antes de penetrar minha abertura molhada

mais uma vez.

Ele segurou meu cabelo, puxando-o para trás, enquanto senti seu pau implacável e duro dentro de mim. Ouvi sua respiração em meu ouvido e as mais deliciosas e sujas palavras que uma mulher pode ouvir enquanto é fodida por um verdadeiro homem. É desta forma que eu gosto e Evan King definitivamente sabe como fazer uma mulher feliz.

– Angelina.

Disse um segundo antes de encontrar sua libertação dentro de mim. Evan King gozou silenciosamente, suas mãos em meus seios e sua boca beijando minhas costas, gemendo em minha pele. Ele repousou sua cabeça em mim e pude ouvir quando disse um palavrão baixo, me fazendo sorrir.

– Cansado doutor King?

Ele sorriu afastando-se enquanto tirava o preservativo.

– Você está?

Sorri me virando em sua direção, aquele homem não tinha a menor ideia de quem era Angelina Brooks.

– Sexo nunca me cansa Evan, principalmente se for bom.

–Vou tomar isso como um elogio Angelina. – disse me pegando pela mão. – Que tal um uísque?

Levantei minha sobrancelha. – Ué, já posso beber agora?
– Perguntei de forma sarcástica.

– Não é o uísque que me interessa e sim o gelo.

Sua voz era sexy e seu olhar, ardente e eu juro que senti meu ventre se contrair com seu tom de promessa.

– Espero sinceramente que não esteja cansada Angelina.
– continuou, enquanto pegava uma pedra de gelo e passava por meus lábios. – Ainda preciso te mostrar o restante da casa.

Tudo o que Evan King e eu tínhamos era uma noite apenas. Naquele momento, eu soube que ela seria longa, e sou obrigada a confessar que só poderia agradecer por isso.

Quatro

Estava encostada no grande sofá da sala com Evan no meio de minhas pernas, sua boca em mim, sua língua gelada me invadindo deliciosamente. Senti a pedra de gelo dançando em sua boca, tocando o meu clitóris, me levando à loucura.

Quando sentia que eu estava quase lá, ele parava e me beijava rudemente. Seu beijo era urgente e primitivo. Suas mãos me apertavam, uma no meio de minhas coxas, a outra em minha nuca. Evan descia pelo meu corpo, parando demoradamente em meus seios, dando a devida atenção a cada um deles com sua boca gelada até fazer o seu caminho de volta a minha entrada.

Ele me levantou posicionando-me de joelhos no sofá de forma que eu fiquei com o corpo arqueado no encosto, traseiro para o alto. O homem tem uma verdadeira fissura por traseiros! Senti sua mão em minha pele, subindo por minha coxa.

– Angelina. – disse com voz rouca, proferindo um forte tapa em minha bunda e eu arfei sentindo sua mão subir por minhas costas, apertando minha nuca, segurando firme em meu cabelo. Senti sua respiração em meu ouvido.

– Bem forte do jeito que você gosta. – rosnou antes de me penetrar com fúria.

Uma, duas, três... Dez vezes! Evan tinha uma força

absurda e o mais impressionante era que ele não me machucava. Poucos são os homens que conseguem foder uma mulher de forma tão primitiva sem ser estúpido. Evan tinha o ponto certo e tudo o que ele fazia me excitava completamente.

Cheguei ao orgasmo rapidamente e, dessa vez, ele não impediu, pelo contrário. Puxou meu cabelo em sua direção colando sua boca em meu ouvido onde ouvi as mais deliciosas obscenidades que já escutei na vida. Sua grande e perfeita mão apertou meu pescoço sutilmente, o suficiente para eu ficar alguns instantes sem ar e Cristo! Aquilo aumentou ainda mais o meu prazer e eu gozei como nunca em minha vida.

Evan afrouxou o movimento, acariciando minha pele onde antes apertou. Subindo sua mão até minha boca, virou o meu rosto para si e me beijou com urgência, encontrando sua própria libertação.

– Angelina. – sussurrou, antes de soltar meu rosto e envolver minha cintura, mantendo meu corpo junto ao seu.

Eu respirava aceleradamente. *O que foi isso?* Eu pensava. Senti Evan sair de dentro de mim e inacreditavelmente me senti vazia. Definitivamente eu estava bêbada.

– O que seu corpo tem Angelina? – Ouvi-o sussurrar em meu ouvido e um arrepio me invadiu.

Evan me virou em sua direção e posicionou sua mão aberta em minha clavícula, subindo pelo meu rosto enquanto me olhava com aqueles olhos intensos e qualquer tentativa

para me desvencilhar deles foi em vão.

– Você sabia que o meu elevador tem câmera? – Perguntou de repente, e eu sorri sacudindo a cabeça.

– Todos têm.

Evan levantou sua sobrancelha grossa. Meu Deus, como aquele homem era lindo!

– Então, quer dizer que não se importa em ser observada? – Perguntou, com a voz mais sexy que eu já ouvi na vida, e antes que eu pudesse responder, concluiu. – Na verdade *gosta*, não é senhorita Brooks?

Olhei para sua maldita boca, foi algo que não pude evitar. O homem mordida o lábio e seu olhar era deliciosamente sacana. Sorri levantando uma sobrancelha e imediatamente, Evan pegou o meu braço com força, me conduzindo pela sala.

– Então você gosta de ser observada Angelina? – Meu nome em sua boca, e sua mão me apertando fizeram meu ventre se contrair. Mais uma vez sua voz estava em meu ouvido. – Espero que não tenha medo de altura.

Sorri. Aquele homem não fazia a menor ideia sobre mim. Senti o frio do vidro em meus seios quando Evan encostou meu corpo em sua enorme janela que ia do chão ao teto, sua mão apertando o meu pescoço, sua voz rouca em meu ouvido.

– Tem sempre alguém que vê Angelina.

Sua outra mão me invadiu e eu arfei. – Ainda encharcada.

– rosnou.

Senti seus dedos dentro de mim enquanto sua mão apertava meu pescoço e seus dentes mordiam o lóbulo de minha orelha.

– Tem sempre alguém que vê Angelina. – ele repetiu. – E você *gosta* de ser observada e você *deve* ser observada, Angelina.

Ele pronunciou o meu nome devagar e eu juro que estava tonta. Já tinha perdido a conta de quantos orgasmos havia tido com aquele homem. Meu Deus, o que era aquilo? Eu estava enlouquecida e ele implacável.

– Não é a toa que gozou na boate. – Deus! Eu iria enlouquecer! – Quantas pessoas viram você perder os sentidos ali Angelina, e quantas estão te vendo agora? Está chegando, não é?

Estava. Sentia seus dedos furiosos dentro de mim, sua respiração em meu ouvido, sua mão em meu pescoço e a porra do seu pau na minha bunda. Era impressionante que ele ainda estivesse duro.

– Você vai gozar Angelina. Agora.

Inacreditável, mas foi o que aconteceu. Explodi em mil pedaços mais uma vez nas mãos do rei da selva e, por mais incrível que pudesse parecer, eu estava exausta. Perdi as forças completamente, sentindo Evan me segurar em seus braços. Meus olhos pesavam, eu não conseguia abri-los,

parecia que estava perdendo os sentidos.

Senti sua mão em meu rosto, sua boca na minha e tenho certeza de que ele disse alguma coisa, mas eu estava longe demais para entender. Pela primeira vez em toda sua vida, Angelina Brooks tinha sido virada do avesso.

Senti a claridade me invadir. *Quem abriu a minha cortina?* Abri os olhos assustada. Que cama era aquela com lençóis negros? Olhei em volta, aquele não era o meu quarto e eu estava nua. Flashes espocaram em minha mente. Cristo! Evan... Evan King... Doutor King?

Sentei-me na cama assustada. Embora não estivesse com nenhum vestígio de ressaca, nenhuma dor de cabeça ou qualquer mal estar, com certeza eu estava bêbada na noite passada. Eu estava na casa do rei da selva, que era o *meu* médico e havia fodido com ele, aliás, diga-se de passagem, a melhor trepada da minha vida. *Putá que pariu o que eu fiz? Onde estão minhas roupas? Onde está o meu carro?*

Levantei-me procurando minha bolsa e meus pertences. O quarto era másculo, enorme e aconchegante, decorado em tons escuros - preto e cinza. Meu Deus, eu havia infringido todas as minhas regras na noite anterior. Levei as mãos à cabeça. Nada meu estava ali e eu precisava de uma roupa, não poderia sair nua pela casa.

Olhei para o perfeito closet à minha frente e peguei a primeira blusa que vi. Uma branca social, máscula e tinha o cheiro dele. *Merda!* Tudo ali tinha o cheiro daquele homem,

que inferno!

Após uma passada rápida pelo banheiro para tentar me recompor, saí pelo enorme apartamento, e logo pude sentir o cheiro do café e de algo delicioso sendo preparado. Franzi o cenho, eu não deveria estar ali.

Virei-me em direção à cozinha, e me deparei com um verdadeiro deus grego de bermuda clara, sem camisa, cabelo desalinhado preparando o que parecia ser um delicioso café da manhã. Ele se virou em minha direção com um largo sorriso e senti algo se esmagar dentro do meu peito.

– Bom dia! Fiquei em dúvida se deveria acordá-la ou deixá-la dormir mais um pouco. – e me olhando de forma sedutora, concluiu. – Você deve estar exausta.

Sua piscadinha despertou sensações em mim e eu balancei a cabeça.

– Bela camisa! – Ele continuou e olhei para meu corpo amaldiçoando a mim mesma por aquilo.

– Não achei minha roupa. – respondi mais ríspida do que pretendia e Evan pareceu surpreso.

– Ei, tudo bem. – disse levantando as mãos em sua defesa.
– Isso foi um elogio, ok?

Bufei. O fato é que não queria elogios, queria minha roupa, minha bolsa e dar o fora dali o mais rápido possível. – Onde estão minhas coisas?

Ele piscou parecendo confuso. Ok, talvez eu estivesse sendo dura demais, mas eu já disse que não deveria estar ali.

– Estão na sala junto com a chave do seu carro.

Balancei a cabeça, não me lembrava de ter pegado a chave do meu carro com o manobrista. Evan concluiu. – Pedi ao James ontem para trazer o seu carro até aqui.

James? Lembrei-me vagamente de que Evan agradeceu a um armário por ter entregado a chave de sua moto, mas não de ter ouvido qualquer coisa a respeito do meu carro. E *como* ele sabia *qual* era o meu carro? Sacudi a cabeça. Foda-se! Eu precisava sair dali. Dirigi-me à sala, em busca do que me era concreto em toda aquela cena grotesca a minha volta e Evan veio atrás de mim.

–Ei, você não quer um café? O que você costuma comer de manhã? Eu fiz omelete e há pães quentes...

Pelo amor de Deus, eu não podia acreditar naquilo!

– Evan estou bem. – respondi levantando as mãos para que ele parasse de falar, tentando não soar de forma tão bruta. – Eu vou trocar de roupa e ir embora e a gente esquece que tudo isso aconteceu, ok?

Ele pareceu chocado e deu um sorriso nervoso passando a mão pelo cabelo. – Como é?

Suspirei fechando meus olhos por alguns instantes. Era por isso que eu dava o fora antes de eles acordarem.

– Evan, não me leve a mal, mas, não era para eu estar aqui. – tentei explicar, mas ele pareceu mais confuso ainda. Olhei-o por alguns instantes. Cristo! Como aquele homem era lindo!

– Eu infringi todas as minhas regras com você ontem Evan. *Todas*. Para começo de conversa, você é meu médico e nós não deveríamos... – Movimentei minhas mãos deixando a frase incompleta e sua expressão me fez pensar que ele concordava comigo. Ele franziu o cenho.

– Eu sei Angelina. – respondeu passando a mão pelo cabelo.

– Mas nós somos adultos e saberemos lidar muito bem com essa situação. – Evan me olhou surpreso e eu continuei. – O que nós tivemos ficará naquela noite e não irá se repetir.

– Naquela noite? – Perguntou confuso.

– Sim, uma noite apenas. Será que tudo o que teremos Evan.

Ele me olhou por alguns instantes e, mais uma vez, me senti exposta. – Mas, gostaria que você continuasse a tratar do meu problema. – ele piscou e eu concluí. – Só confio em você para isso e se não for nenhum problema para você... – Tentei soar profissional.

Ele deu um sorriso nervoso passando a mão pelo cabelo mais uma vez. – Isso não será problema para mim.

Observei por alguns instantes e uma sensação estranha me invadiu. Eu precisava cair fora daquele lugar imediatamente. – Irei me trocar. – disse levantando as roupas em minhas mãos e, enquanto saía, pude sentir seu olhar cravado em mim.

Entrei no quarto rapidamente e fechei a porta respirando aceleradamente. O que estava acontecendo comigo? Por que me sentia perdida, invadida? Troquei de roupa e a imagem do olhar confuso de Evan não saía de minha mente, por mais que tentasse me desvencilhar. Respirei fundo. Sair daquele lugar, era só isso de que eu precisava.

Cheguei à sala e antes que pudesse dizer qualquer coisa, Evan me estendeu uma caneca fumegante.

– Beba um café, pelo menos.

Aquela atitude me incomodou profundamente. – Não funciona assim.

Ele bufou. – Pelo amor de Deus Angelina! É só uma xícara de café, que mal há nisso?

É claro que eu precisava de boa xícara de café, mas a imagem daquele homem ali, me oferecendo uma, após uma longa e inesquecível noite de sexo parecia romântica demais para mim.

– Nos veremos em minha consulta, doutor King. – disse pegando minha bolsa e ele pareceu incrédulo. Balançando a cabeça, me indicou a direção da porta.

– Como desejar, senhorita Brooks.

Caminhei até a porta e assim que ele a abriu, ouvi sua voz dura.

– Seu carro está na garagem logo a frente da saída do elevador. Espero que tenha gostado das instalações, senhorita Brooks.

Merda! Ele parecia magoado e por que eu me importava com isso? Olhei-o profundamente por alguns instantes antes de me dirigir à saída. O elevador já me aguardava, mas, antes de abrir a porta, olhei mais uma vez em sua direção.

– Desculpe Evan.

Sussurrei baixinho e fui embora rapidamente, mas, ainda assim, pude ver seus olhos arregalados em minha direção.

A porta do elevador se fechou e eu estava sozinha, finalmente. Encostei-me no espelho e a imagem de Evan ali comigo na noite passada me invadiu. Balancei a cabeça, eu não deveria ter vindo. Droga! O que eu fiz? *O melhor sexo da sua vida Angelina!* A frase veio rapidamente e lembrei-me do meu nome na boca de Evan, sua língua, seu beijo... *Chega! Que inferno!*

Cheguei à garagem e me dirigi ao meu carro rapidamente, precisava sair dali o quanto antes. Ao ligá-lo, mais uma vez a música tocou alto, mas eu precisava de algo mais forte. Selecionei minha playlist e logo Rammstein invadiu meus ouvidos e aumentei o som ao máximo. *Links 2,3,4*, uma

pancada, mas sua letra não poderia ser mais atual.

Pode um homem partir corações? Podem os corações falarem? Pode o homem torturar corações? Pode o homem roubar corações? Querem meu coração do lado certo, mas então eu olho para baixo, ele bate do lado errado! (Links 2,3,4. Rammstein)

Sim, meu coração bate do lado errado e não me importo. Melhor assim do que perder o brilho da vida por um amor insano. A imagem de minha adorável mãe me veio à mente e eu precisei sacudir a cabeça. *Ela está em paz agora Angelina.* Repeti como um mantra, eu precisava me convencer disso.

Cheguei a minha casa rapidamente, o idiota morava perto de mim, inferno! Entrei como uma flecha no elevador, precisava estar em minha casa. Uma boa caneca de café e um banho relaxante resolveriam os meus problemas. Por que a imagem daquele médico idiota me estendendo aquela xícara me invadiu? *Foi só uma noite de sexo como outra qualquer Angelina.*

Abri a porta e Emma, minha governanta, estava em casa. Graças a Deus! Alguém para me distrair.

– Senhorita Brooks! – Disse com alegria. Emma estava para lá de acostumada com minha vida agitada.

– Bom dia Emma, preciso de um café urgente.

Ela me deu seu largo sorriso antes de me dizer como se revelasse um segredo. – Fiz ovos mexidos e panquecas.

Sua frase me levou de volta à casa do rei da selva e à imagem dele de short na cozinha preparando a omelete. Balancei a cabeça e Emma continuou.

– Está um lindo dia de sol senhorita Brooks, como você gosta. A mesa está preparada na sala. – disse docemente estendendo minha caneca de café. Como aquela mulher conseguia estar sempre com aquele sorriso encantador no rosto eu não saberia dizer.

– Obrigada Emma.

Após meu banho, sentei-me à mesa para meu delicioso café da manhã quando a campainha tocou me fazendo sorrir, sabia exatamente quem era.

– Bom dia Chicotinha! – Ouvi Tray cumprimentá-la. – Dê uma voltinha! Cadê o avental que lhe dei?

– Tray deixe Emma em paz! – Disse sorrindo de onde estava.

– Mas ela precisa usar aquele avental Darling!

Tray era terrível. Emma tinha um pouco mais de cinquenta anos e estava comigo desde muito tempo. Em seu aniversário, dentre outros presentes, ele lhe deu um avental com a imagem de David de Michelangelo, fazendo com que Emma ficasse com o corpo nu dele quando o vestia.

– Eu já disse que aquele avental inspira, embora o tamanho não seja muito adequado.

– Tray!

– O que é Darling? Você acha que tia Emma não faz essas coisas?

Emma deu de ombros sorrindo enquanto se dirigia à cozinha e Tray veio a minha direção.

– Hum... Vestida em seu robe de seda, vejo que acordou agora há pouco.

Engoli em seco, não estava preparada para falar sobre a noite atípica de ontem, por outro lado, devido ao seu tom de voz, sabia que sua noite havia sido daquelas.

– Pelo jeito nosso amigo da boate tinha o pau maior que o de David de Michelangelo, suponho.

Tray sorriu. – Detalhes sórdidos em três, dois, um!

Disse estalando os dedos, e então soube que meu sábado seria maravilhoso.

Cinco

Conforme previ meu sábado foi perfeito, eu e Tray ficamos juntos então não podia ser diferente. Ele me contou os detalhes sórdidos de sua noite com nosso novo amigo do qual não me lembro do nome e, embora parecesse satisfeito, sabia que ainda se doía por causa de Sebastian e vê-lo daquela forma me matava.

À noite fomos à Broadway assistir a *Chicago* pela milésima vez. Gostamos das músicas, das danças e é claro, dos bailarinos. Após o show, demos uma esticadinha rápida em algum lugar, eu precisava de uma bebida e inacreditavelmente não pensava em orgasmos. Teria sido a overdose da noite anterior?

Por causa do meu problema no ombro, não praticava minhas atividades físicas há um tempo, então resolvi correr pelo Central Park no domingo, além de fazer yoga na tentativa de controlar pensamentos indesejáveis. Sabe aquela história do *equilíbrio entre corpo e mente*? Eu ansiava por isso.

Era impressionante como me lembrava daquele médico idiota e isso era extremamente irritante, além de absurdo. Desde quando eu passei a pensar nas noites de sexo que tinha? Foi uma noite como outra qualquer, pelo amor de Deus! Ainda não havia falado nada com Tray, embora tivesse solicitado um relatório detalhado sobre ela.

– Fiz um sexo quente e aqui estou! – Disse abrindo os braços. A ideia de mentir para meu melhor amigo me incomodava, era algo que nunca fiz e, embora não tivesse mentido diretamente, havia *omitido* a maior parte da história, o que para mim é a mesma merda.

Após passar o restante do domingo em casa trabalhando e ter uma segunda feira agitada, a terça não deixava a desejar. A grande conferência com Manolo Di Massi foi o acontecimento do dia. Ele era peixe grande e eu tinha certeza de que seria meu, mas sabia que não seria uma negociação fácil. *Eu juro que vou pescar esse filho da puta!* Pensava enquanto brilhantemente usava meus argumentos para trazê-lo a Brooks Editora.

– Vou jantar com Sebastian. – ouvi Tray dizer quando terminamos de arquitetar nosso diabólico plano corporativo para a próxima reunião. Balancei a cabeça.

– Seja duro com ele. – O olhar que recebi foi impagável e franzi o cenho. – Não desse jeito que você está pensando!

– Um dia você saberá o que é gostar de alguém Angel.

Revirei os olhos. Por que Tray precisava ser tão romântico? Aquilo me assustava, não queria vê-lo choramingando pelos cantos.

– Você não irá à fisioterapia hoje? – Perguntou em tom acusatório. Havia faltado à fisioterapia no dia anterior e descaradamente faltaria naquele dia também.

– Preciso definir a estratégia com Di Massi.

– Angelina, desse jeito você nunca ficará boa desse ombro! Nem toda Harvard do doutor Delícia irá te salvar!

Pisquei. Que porra era aquela? – Doutor Delícia? – Perguntei incrédula.

– Vai dizer que não? – Perguntou, levantando uma sobrancelha e me senti como se estivesse sido pega fazendo algo proibido. Nesse momento seu telefone tocou - Sim, estou no elevador. – disse me jogando um beijo. Sebastian o esperava na recepção e dei graças a Deus.

Eram quase sete da noite quando liberei minha estagiária. Não havia nada que a pobre coitada pudesse fazer além de me servir café. Ouvi uma batida na porta e Barbara entrou vermelha como um tomate.

– Senhorita Brooks, há uma pessoa aqui para você. – pisquei. Quem poderia ser uma hora daquelas? – Disse que é seu médico.

Senti todo meu sangue se esvair. *Meu médico?* Enquanto reunia algumas letras, na tentativa de formular uma palavra que o expulsasse dali imediatamente, o idiota entrou sem sequer ser convidado. Aquela beleza toda era realmente necessária?

– Muito obrigado por sua gentileza.

Disse tocando o ombro de Barbara e imediatamente a

galinha corou. De novo. O que era aquilo? Vi quando deu um sorrisinho para o idiota antes de se reportar a mim.

– Se precisar de mim, senhorita Brooks...

– Você está oficialmente liberada Barbara.

Juro que naquele momento o *oficialmente* quis dizer *no olho da rua*. Mas o que afinal havia de errado comigo?

– Nos vemos amanhã, obrigada. – conclui de forma branda e a pobre coitada girou nos calcanhares fechando a porta.

– Que história é essa de aparecer no meu escritório a essa hora? E como sabe onde trabalho? – Cuspi sem sequer deixá-lo respirar.

O doutor King me olhou por alguns instantes e eu daria qualquer coisa por seus pensamentos. Passando a mão pelo cabelo, começou.

– Em primeiro lugar, boa noite. Lembra-se de mim? Sou *seu médico*, aliás, por sua própria solicitação, diga-se de passagem.

Engoli em seco e ele continuou implacável. – Quanto ao seu endereço, está na sua ficha e a justificativa que usou para faltar dois dias de seu tratamento foi *compromissos profissionais inadiáveis*.

O rei da selva colocou as mãos no bolso e caminhou em minha direção enquanto falava. – Acredito que o seu caso não

seja grave. Ainda. Mas, a senhorita tem um problema e um tratamento para tentar resolvê-lo.

Ele estava na minha frente e colocou suas mãos perfeitas em cima da minha mesa, inclinando seu tronco em minha direção. Senti meu ventre se contrair, seu cheiro me invadiu e seus olhos faiscaram muito perto dos meus, me deixando tonta.

– Eu vim aqui para dizer que estou deixando o seu caso, senhorita Brooks. – pisquei e ele concluiu. – Mas lhe indicarei um excelente médico.

– Eu não quero outro médico! – Disse automaticamente, deixando o doutor King surpreso. E a mim também. Pigarreei. – Pelo que me consta, já tenho um excelente médico.

O doutor King se afastou, cruzou seus braços e me olhou profundamente virando a cabeça de lado. – Então me considera um excelente médico? – Era uma afirmação, mas seu tom foi de pergunta. – Então por que não segue minhas recomendações?

Bufei me sentindo uma criança levando uma bronca dos pais. – Você se refere à fisioterapia...

– Refiro-me a tudo Angelina!

Interrompeu-me e lá estava o meu nome em sua boca malditamente deliciosa. Engoli em seco e ele continuou duro.

– Você faltou três dias de fisioterapia, contando com o

final de semana, são cinco sem tratamento, faz uso de bebidas alcóolicas, inclusive oferecidas por desconhecidos, e sabe-se lá se usa os medicamentos que lhe passei.

O que ele tinha a ver com aquilo? Ele parecia irritado e a tensão entre nós era palpável.

– Não posso continuar como seu médico se você não se adequa a mim.

Tremi, ele passou a mão pelo cabelo e a língua nos lábios ao pronunciar suas últimas palavras, enquanto me olhava intensamente. O pior é que ele tinha razão, mas não queria dar o braço a torcer, é claro.

– Mudo de médico, mas o tratamento será o mesmo. Qual é a diferença? – Bradei.

– A diferença é que *eu* não preciso disso. - Abri a boca em forma de “O”. Eu estava chocada e a merda é que merecia cada palavra que escutava. Ele continuou. – Supostamente amanhã será o dia do seu exame...

– Por que supostamente? – Interrompi. Aquele idiota estava começando a me assustar.

Ele passou a mão pelo cabelo mais uma vez, realmente estava irritado, e exalou com força antes de responder. – Por que não sei se você irá amanhã Angelina.

Merda! Realmente aquela ressonância me incomodava, aliás, todo o ambiente hospitalar para falar a verdade, não

podia ser diferente, afinal. Ele continuou.

– Embora eu não seja mais o seu médico, seu exame continua marcado.

Pisquei confusa. – Então você veio decidido e está somente me comunicando.

Sussurrei mais para mim mesma, e isso foi ridículo. Acontece que eu estava perdida ali, totalmente sem rumo. Analisei minha situação por alguns instantes: eu estava com algum problema, supostamente em meu ombro, precisava fazer um exame detalhado e o médico mais experiente que eu poderia encontrar estava abandonando o meu caso. Será que eu tinha algo grave? Balancei a cabeça.

–Angelina. – sua voz me trouxe de volta à realidade. Ele deu a volta, sentando-se em minha mesa enquanto pousava sua mão em meu ombro. – Você está bem?

Olhei-o confusa. Não tinha reparado, mas não conseguia disfarçar meu desconforto, e, para ser sincera, o meu pânico. Flashes de minha mãe correndo, médicos tentando resolver o seu problema, espocavam minha mente. *Não há nada que possamos fazer.* Era impressionante como me recordava da expressão daquele médico mesmo depois de tanto tempo. *A doença de sua mãe é hereditária.* Fechei meus olhos com força.

– Droga Angelina, fale comigo! – Abri meus olhos ao ouvir sua voz.– Nós tivemos uma noite incrível e no dia seguinte você age daquela forma... – Ele procurava as palavras. –

Combinamos que seguiríamos profissionalmente. – ele me olhou intensamente. – E então você simplesmente desaparece.

– Sim, concordo com você, aquilo foi um erro.

Ele me olhou chocado, e por que isso me incomodava? Essa merda não estava indo bem. O que aquele médico idiota estava fazendo no meu escritório àquela hora, sacudindo o meu universo daquela maneira?

– Não precisava vir até aqui para me dizer que estava fora do meu caso, sua secretária poderia ter feito isso. – assumi um tom duro e imediatamente seu corpo se retesou.

– É assim que faz com seus clientes senhorita Brooks?

– Eu não dispenso clientes doutor King.

– Sim, só os homens com quem trepa durante a noite.

Mais uma vez fiquei de boca aberta, e antes que ele pudesse vislumbrar qualquer vestígio de arrependimento pelo que havia dito, minha mão voou em seu rosto. Dei-lhe um tapa tão forte que, desta vez, foi ele quem ficou chocado. Segui como um foguete até a porta para expulsá-lo imediatamente de minha sala quando senti sua mão agarrar o meu braço, sua voz em meu ouvido.

– Perdoe-me Angelina. – seus olhos estavam tão perto dos meus, que desta vez tive a certeza de que ele enxergou minha alma. – Mas você me tira do sério, porra!

Foi a última coisa que disse antes de grudar sua boca na

minha, e lá estava aquela maldita língua dentro de mim. Senti sua mão em minha nuca me apertando e me puxando para si, seu pau duro em minha barriga, e eu estava morrendo ali. Deitou-me em cima da mesa e escutei minhas coisas caírem no meu carpete. Foda-se! Abri minhas pernas e ele se encaixou ali, me apertando com sua mão forte, pressionando sua ereção na minha entrada.

– Você fode o meu juízo Angelina. – disse em minha boca e sua mão me invadiu por dentro de minha calcinha. – Molhada. – Ele completou com voz rouca.

Evan mordeu meu lábio, duro a ponto de feri-lo. – Isso foi pelo tapa. – e, passando a língua onde havia mordido, concluiu com a expressão mais sacana que eu já vi. – Embora eu tenha merecido.

Ele subiu meu vestido e sem pudor nenhum rasgou minha calcinha e levou-a ao rosto inalando profundamente. Passando a língua nos lábios, guardou-a no bolso de sua calça jeans escura enquanto seu dedo roçava o meu clitóris.

– O que o seu corpo tem Angelina? – Sussurrou baixo antes de se ajoelhar e enfiar sua boca em mim.

Arfei.

Senti a língua de Evan implacável dentro de mim. Cristo! Quem tirava o juízo de quem ali? Suas mãos apertaram o meu traseiro e eu ouvi os seus gemidos enquanto me devorava. Como alguém poderia ser tão intenso daquela forma?

Aquilo não deveria estar acontecendo, Evan não deveria estar ali, muito menos com sua língua dentro de mim, mas eu simplesmente não tinha força para fazê-lo parar. Eu queria que ele parasse? Merda! Por mim ele não sairia dali nunca mais. Que pensamento idiota foi esse?

Senti sua língua em minha virilha e ele me cheirava como um animal, e eu sentia-me como se estivesse no cio.

– Eu preciso estar dentro de você Angelina. – sussurrou com os olhos fechados, muito perto de minha pele. Engoli em seco, aquele homem era algo que eu não poderia jamais definir.

Evan se colocou de pé, puxando-me pela cintura de forma que fiquei sentada na beirada da mesa, sua mão veio à minha nuca e ele me apertou com força, me olhando profundamente. – O que seu corpo tem? – Repetiu me pegando no colo enquanto seguia em direção a minha cadeira. O que ele estava fazendo?

Evan me colocou de volta em cima da mesa e sentou-se abrindo minhas pernas. Seus olhos brilharam ao ver minha excitação. – Perfeita. – disse antes me de consumir.

Ele ficou em mim por horas, eu poderia dizer, e perdi a conta de quantos orgasmos me proporcionou. Em cima da minha mesa, encostada na parede, em meu sofá e até no meu banheiro.

– Agora eu vou foder você Angelina, bem forte do jeito que você gosta.

Disse em meu ouvido me levando para fora da sala. *Meu*

Deus, quando ele tirou a roupa?

– Espero que seu escritório esteja vazio. – eu estava tonta e definitivamente isso não era uma coisa normal. Evan concluiu implacável. – Pensando bem, espero que não. Você gosta de ser observada. Não é Angelina?

Puta que pariu!

Ele me levou à recepção, em direção à elegante parede preta onde se lia em dourado *Brooks Editora*, que ficava em frente ao elevador. Aquilo era absurdo e deveria parar imediatamente, mas, quem disse que eu queria parar? Estava excitada demais para isso.

Aquele prédio era meu e naquele andar, somente minha sala, que era enorme e Evan fez questão de batizar todos os lugares, além das outras cinco usadas para as grandes e mais importantes reuniões da empresa. Apesar de não haver mais ninguém ali, eu sabia que o trabalho fervia em outros andares. E se alguém resolvesse falar comigo?

Evan me colocou de frente para a parede e pude sentir o frio em minha barriga. Segurou meus pulsos, posicionando-os acima de minha cabeça. Com a outra mão, puxou meu cabelo.

– Veja o seu nome ali em cima senhorita Brooks. – rosnou em meu ouvido antes de me penetrar rudemente.

Evan apertou meus pulsos, enquanto sua outra mão envolveu o meu seio, beliscando o meu mamilo. – A porta é de vidro Angelina. E se alguém aparecer?

Cristo! Eu gemia descontroladamente, era impressionante o que eu estava sentindo. Ficamos ali pelo que pareceu uma eternidade e senti suas mãos em todas as partes do meu corpo, mas foi com uma em meu pescoço e a outra roçando o meu clitóris que ouvi suas palavras em meu ouvido.

– Venha comigo agora Angelina.

Eu e Evan nos perdemos um no outro, em meu escritório, no que poderia ser à vista de todos. Eu estava exausta. E assustada. O que era aquilo? E quando pensei que nada mais pudesse me chocar, senti sua mão mais uma vez em meu pescoço, desta vez sutilmente, sua voz em meu ouvido.

– Nem pense em sair correndo Angelina. – e para meu total desespero, concluiu. – Nossa história está apenas começando.

Seis

Pela forma como Evan me olhava, minha expressão deveria estar, no mínimo, assustadora. Eu estava chocada com sua ousadia. Como assim *apenas começando*?

– Desculpe, mas qual a parte do *uma noite apenas* você não entendeu? – Tentei não soar tão estúpida.

Ele pareceu não se abalar, me olhando profundamente. – Bom, aqui estamos mais uma vez, não é?

Engoli em seco. *Merda!* – Um pequeno descuido, não se repetirá. – respondi afastando-o de mim e voando para minha sala.

Nossas roupas estavam espalhadas, sutiã no sofá, vestido em cima da mesa, a boxer no banheiro, e o restante em outros lugares dos quais não me lembro. *Onde está a minha calcinha?*

Escutei o barulho da porta e ele entrou gloriosamente nu. Cristo, ninguém deveria ser tão perfeito assim.

– Você deveria ser mais descuidada Angelina.

Encarei-o cética, ele estava de gozação? Franzi o cenho. – Onde está minha calcinha?

– Eu tenho uma proposta. – retrucou, ignorando solenemente a minha pergunta.

Pisquei. – Proposta?

– Sim, uma proposta para você. – disse cruzando seus braços e virando o pescoço de lado, concluiu. – Para nós dois, na verdade.

Balancei a cabeça, meu pressentimento não era nada bom. Eu estava encostada em minha mesa. Evan veio até mim e me colocou sentada encaixando seu corpo entre minhas pernas.

– Deus! Angelina, eu sinto você quente daqui. – disse com voz rouca.

Putá merda! O pior é que eu estava. O homem estava nu, pelo amor de Deus! E duro! Como eu poderia estar de outra forma?

– Uma noite apenas. – ele interrompeu meus pensamentos – Essa é minha proposta.

Eu não estava entendendo merda nenhuma e ele continuou.

– Eu farei essa proposta a você todas as noites Angelina, e você aceita se quiser. – Eu estava chocada e Evan concluiu. – Enquanto quiser.

Senti todos os meus órgãos se esmagarem dentro de mim, uma dor absurda dilacerando o meu peito como se algo profundo, adormecido por tanto tempo, tivesse sido cruelmente despertado. Nunca em minha vida recebi uma proposta daquelas, principalmente feita por um homem daquele. Evan me olhava intensamente e não havia qualquer vestígio de que estivesse brincando.

– Não estou propondo um relacionamento sério Angelina, nem um namoro ou casamento... – Continuou buscando as palavras. Ele estava nervoso e passava a mão pelo cabelo constantemente. – Nós somos adultos e você *sabe* que o acontecimento de hoje não foi apenas *um pequeno descuido*.

Engoli em seco mais uma vez e ele continuou. – Estou disposto a fazer essa proposta a você todas as noites e se você aceitar teremos o melhor, mais quente, mais louco, o mais fodido e delicioso sexo de nossas vidas, porque em minha opinião, é isso que nós temos. – e se aproximando do meu rosto, concluiu. – E na sua também.

Eu estava tonta, tentando respirar e essa definitivamente não era eu. Era impressionante como aquele homem estava virando o meu universo do avesso.

–Minha única exigência – disse levantando o seu indicador. – Exclusividade. – Antes que eu pudesse sequer processar o significado daquela palavra, Evan continuou implacável. – Se tudo o que teremos será uma noite apenas, nada mais justo que tudo seja exclusivo, para nós dois.

Eu estava em choque. Senti sua mão deliciosa em meu ombro subindo para o meu pescoço. – Angelina.

Cristo! O meu nome de novo em sua maldita boca.

– Você não dirá nada agora. Nós estamos aqui e quer você queira ou não, essa noite já nos pertence. – seus dedos me apertaram sutilmente e ele olhou para minha boca. Seu olhar

era tão quente e lascivo, que fiquei molhada. – Embora eu esteja longe de ter terminado com você.

Evan me beijou rudemente e suas mãos levantaram o meu cabelo, apertando-o. Senti seu pau no meio de minhas pernas e minha vontade era de tê-lo em minha boca. Foda-se! Ele tinha razão, aquela noite já era nossa.

Sem deixar de beijá-lo, virei seu corpo posicionando-o na mesa, ficando na sua frente. Agarrei-o intensamente e Evan gemeu em minha boca enquanto eu o tocava.

Suas mãos passearam loucamente pelo meu corpo, reivindicando cada parte dele. Ele me apertava com vigor, seus dedos cravados em minha pele, seus dentes no meu lábio.

Minha língua desceu por seu pescoço, passando por seu tórax deliciosamente duro, até me ajoelhar em sua frente, lançando meus olhos de gato em sua direção.

Arfando, falou um palavrão baixo no momento em que o tive inteiro em minha boca. Não sei quanto tempo levei ali, mas o fato é que Evan estava louco.

– Angelina... – Ele rosnou quando segurei suas bolas e o chupei em toda sua extensão. Evan gozou em minha boca com gemidos abafados, segurando em meu cabelo, completamente extasiado.

Olhei para cima e o encontrei de olhos fechados, respiração acelerada. Impressionante como era bonito. Seus olhos se escureceram no momento em que me olhou me

puxando em sua direção e me beijando de forma primitiva.

– Eu ainda não terminei com você Angelina.

Porra!

– Evan, precisamos sair daqui. – disse sorrindo, recebendo de volta o sorriso mais encantador que já vi em um homem.

Ele perguntou aonde iríamos e eu tremi sem saber o que dizer. Não queria voltar para sua casa, por outro lado, nunca tinha levado ninguém a minha. Ele aguardava sua resposta e decidi rapidamente que a guerra em meu próprio território me traria certa vantagem.

– Posso pegar uma carona? – Perguntou sorrindo, e me informou que havia vindo de táxi. Evan era um homem imprevisível.

Estava me vestindo quando, mais uma vez, dei falta da minha calcinha. – Está bem guardada. – Foi sua resposta e eu contestei. – Angelina, para que precisa dela se irei tirá-la?

Seu olhar era ardente e o seu tom de promessa fez meu ventre se contrair. Adoro propostas sacanas. Caminhei em sua direção arrancando a boxer de suas mãos.

– Se irá confiscar minha calcinha... – dei um sorriso malicioso–ficarei com isso.

Evan piscou. – E o que faremos se eu ficar de pau duro?

– Estou torcendo para isso Evan. – respondi dando uma piscadinha, pegando minha bolsa. – Vamos embora, a noite é uma criança. – concluí em tom debochado e o sacana sorriu. Cara de pau!

Após a tensão no elevador, onde a energia entre nós era palpável, chegamos ao estacionamento praticamente vazio àquela hora. Acionei o controle do meu Audi e, ao abrir a porta, Evan puxou minha bolsa jogando-a no banco e me pegou pela nuca, me reclinando no carro após bater a porta abruptamente.

– O que seu corpo tem Angelina? Não me canso de perguntar. – seu joelho separou minhas pernas, sua mão estava em meu pescoço e seus olhos em minha boca e Evan salivava. – Você está fodendo o meu juízo Angelina.

Evan mordeu meus lábios no momento que seus dedos me invadiram. Deus! Na minha sala e agora no estacionamento!

– E se aqui tiver câmeras Evan? – Joguei.

Senti seus dedos roçarem dentro de mim. – Estou torcendo para isso Angelina.

Filho da puta!

E mordendo o lábio concluiu com voz rouca. – Você gosta.

Sorri, eu estava gostando daquele jogo. – E você Evan, gosta?

Ele soltou um gemido quando segurei seu pau.

Puxei-o para dentro do carro e fodemos ali dentro, em minha garagem e eu não estava blefando. Havia câmeras que provavelmente nos captaram, mas, dane-se! Eu daria um jeito nisso depois.

A noite só estava começando, e eu já tinha perdido a conta de quantos orgasmos Evan havia me proporcionado. É claro que não aceitaria sua proposta absurda, o que significava que realmente teríamos uma noite apenas, sendo assim, não me restava outra opção a não ser aproveitar.

Sete

Nosso trajeto não foi longo, principalmente porque a mão deliciosa de Evan não saía da minha coxa, e o que é bom, dura pouco, não é o que dizem? Eu podia jurar que sentiria a marca daquela mão em minha pele durante dias, e eu não estava enganada. Ele me apertava e acariciava enquanto conversávamos banalidades. Chegamos a minha casa e Evan se comportou como se vivesse ali.

– Posso preparar seu uísque? – Perguntou caminhando até meu bar me fazendo sorrir.

– Eu quem deveria fazer as honras, não acha? – Sentei-me em sua frente.

– Sou um excelente barman senhorita Brooks. – Disse, abrindo a garrafa do meu velho Jack.

– É mesmo? – Perguntei, levantando minha sobrancelha.

Evan passou a língua nos lábios antes de perguntar se eu queria meu uísque puro ou com gelo, respondendo antes mesmo que eu esboçasse minha resposta.

– Puro. Deixaremos o gelo para depois Angelina.

Putá merda! Meu ventre se contraiu com a lembrança do que fizemos em seu apartamento. Mais uma vez, Evan apertou minha coxa me deixando molhada. Lentamente, derramou o uísque nos meus seios passando sua língua e levando aos

meus lábios.

– Puro, Angelina. – *Cristo!*

Ele serviu nossas bebidas e propôs um brinde que me chocou.

– Uma noite apenas.

Quase engasguei.

Puxando minha mão, me conduziu pela minha própria sala em direção ao som. O que estava acontecendo comigo? Desde quando Angelina Brooks se permitiria ser conduzida desta forma sem ter qualquer tipo de reação? A questão era que Evan me deixava tonta, desnorteada. Ele era imprevisível e deliciosamente sedutor. Apertou o play e a voz de Marvin Gaye pedindo *Let's get it on* preencheu o ambiente. *Vamos deixar rolar. Até você Marvin, se virando contra mim?*

Evan deu um longo gole em seu uísque largando-o em algum lugar, fazendo o mesmo com meu copo antes de me pegar pela mão. Meu corpo se retesou. Era só o que faltava dançarmos no meio da minha sala!

– Deixe rolar Angelina. – disse com um sorriso sacana fazendo referência à música enquanto apertava minha mão. – Essa noite é nossa então... – Passou a língua nos lábios antes de concluir com voz rouca. – *Carpe Diem.*

Olhei-o surpresa e ele sorriu me puxando em sua direção, sua boca na minha, sua ereção em minha entrada.

– Sim, eu vi sua tatuagem.

“Colha o dia de hoje e confie o mínimo possível no amanhã”, à tradução literal da expressão que tanto adoro e que está tatuada na minha costela, na lateral esquerda do meu corpo.

– Carpe Diem Angelina. – Evan repetiu me enlaçando em seus braços enquanto Marvin Gaye me torturava.

“Esta é a hora, sim, vamos deixar rolar, por favor, deixe rolar. Eu sei que você sabe que eu tenho sonhado com isso. Você não, baby? Meu corpo inteiro te deseja. Ohh. Eu não vou me preocupar, eu não vou pressionar você, baby. Então, vamos lá, baby. Pare de me enrolar. Vamos deixar acontecer. Eu quero que aconteça, você não deve se preocupar se isto é errado. Se o espírito se move em você, deixe-me te enlouquecer.” (Let’s get it on – Marvin Gaye).

Enquanto dançávamos, suas mãos acariciavam minhas costas expostas pelo decote do meu vestido, seus dedos em minha pele e sua voz em meu ouvido, *me deixe te enlouquecer*. Fechei os meus olhos, ligeiramente tonta. O que estava acontecendo comigo?

Imediatamente um alerta vermelho se instalou em minha cabeça, ordenando que eu acabasse com aquela situação naquele minuto. Aquilo não estava indo bem e talvez eu

estivesse entrando num caminho sem volta.

Acabe com isso Angelina! Meu cérebro dizia. *Deixe-me te enlouquecer!* Evan sussurrava.

Senti sua mão em meu pescoço, e seus dedos tocaram o meu queixo, levantando o meu rosto. Olhei em sua direção, e o brilho dos olhos daquele homem, me invadiu de uma forma totalmente insana. Ele me olhava fundo e qualquer tentativa para me desvencilhar dali foi em vão. E eu tentei.

Seu dedo tocou o meu lábio, contornando-o. Evan fechou seus olhos, e algo se esmagou dentro de mim mais uma vez.

– Angelina. – Sussurrou antes de me beijar profundamente.

Dessa vez seu beijo não foi rude, mas, ainda assim, foi tão intenso que poderia ter me partido em mil pedaços. Suas mãos em meu corpo, me apertando com urgência e sua língua me invadindo de uma forma totalmente desesperada.

Arranquei sua blusa enquanto ele se livrava do meu vestido e em poucos segundos, éramos apenas um. Estávamos no chão e Evan deliciosamente dentro de mim, segurando minhas mãos acima de minha cabeça, me penetrando com força.

Segurei em seu perfeito traseiro enquanto laçava minhas pernas em torno de sua cintura. Sua outra mão agarrou meu pescoço, apertando minha mandíbula enquanto mordida seu próprio lábio. Sua respiração estava acelerada e ele me olhava

de uma forma tão intensa que senti um aperto no peito. O que se passava na cabeça daquele homem?

Seus lábios se movimentaram e um sorriso sacana se formou. Ele levou seu indicador a minha boca e eu o chupei. Evan soltou um gemido antes de contornar meu mamilo com ele e puxá-lo enquanto me penetrava fundo.

– Forte, rápido e duro. É dessa forma, não é Angelina? – Sua voz enlouquecedora, rouca em minha boca. – Responda! – Ordenou com autoridade.

– Sim – arfei. – É dessa forma Evan.

Ele sorriu mordendo meu mamilo, contornando-o com a língua, investindo mais forte em mim, me preenchendo completamente. Eu estava enlouquecida e não duraria muito tempo ali. Seus dentes cravaram em meu pescoço no momento em que explodi. Meus gemidos foram abafados por sua grande mão que tapou minha boca no momento em que eu gozei. Evan me olhou intensamente, mordendo seu próprio lábio, antes de dizer meu nome e se perder dentro de mim.

– Uma noite apenas Angelina. – disse, antes de enterrar sua cabeça em meu pescoço.

– Está com fome? – Perguntei algum tempo depois.

Evan levantou sua cabeça me olhando de forma sedutora, levantando sua sobrancelha. – Você está?

O duplo sentido de sua pergunta me fez rir. Aquiesci.

Estava faminta e louca para saber a novidade que Emma havia deixado para mim. Ela gostava de fazer suas experiências gastronômicas e eu adorava ser sua cobaia.

Seguimos ate a cozinha e nos deliciamos com um perfeito salmão ao molho de maracujá. Estava divino, como sempre. Emma era perfeita.

– Preciso do telefone dela! – Evan disse animado. – Meu Deus Angelina, irei roubá-la para mim!

– Nem pense! – Adverti sorrindo, levando minha taça de vinho à boca.

Evan quis saber a quanto tempo Emma trabalhava para mim. – Há muito tempo. – respondi, e ele pareceu um pouco constrangido. Merda!

– Emma está comigo desde o momento em que a Brooks Editora foi inaugurada. – comecei. – Meus pais eram brasileiros, mas nasci aqui em Nova York. Vivemos um pouco no Brasil e... – Fiz uma pausa supostamente para saborear o meu vinho, mas o fato é que não sabia muito bem como continuar. Nunca havia falado da minha vida macabra com ninguém a não ser Tray.

– Bom, acabei voltando para cá, conheci Tray e depois de muita luta e muito trabalho, a Brooks Editora foi inaugurada e Emma chegou. Isso há quase seis anos.

– Seis anos nessas mãos maravilhosas! – Exclamou sorrindo, apontando para seu prato. – Você é uma mulher de

sorte senhorita Brooks.

Rimos e após um silêncio confortável, Evan começou.

– Também nasci e vivi aqui também, mas passei grande parte da minha vida em muitos lugares. França, Holanda, Inglaterra...

– Você se formou em Harvard. – ele levantou sua sobrancelha e eu concluí. – Você não conhece o Tray. Ele jamais marcaria um médico para mim que não fosse, no mínimo, excelente!

Ele sorriu. – Justo. – Após uma garfada, continuou. – Segui a carreira do meu pai, ele é um grande exemplo para mim. – disse com um sorriso terno. – Foi por opção, eu amo a medicina Angelina. – Evan ficou pensativo, passando a mão pelo cabelo. – Harvard foi um período difícil, mas, sobrevivi.

O que será que queria dizer? E por que eu estava interessada? Aquilo tudo estava ficando íntimo demais.

– Sobremesa? – Perguntei, me levantando com meu prato. – Acredito que seja alguma experiência tão deliciosa quanto.

Após o jantar, eu estava pronta para despachar Evan de nossa noite quando, mais uma vez, me surpreendeu.

– Que tal um banho? – Olhei-o cética, mas antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, concluiu com voz grave. – Quero te foder dentro do seu chuveiro, Angelina.

Puta merda! Aquilo me acendeu. Dentro do chuveiro?

Imediatamente a imagem de Evan em pé dentro de mim com a água escorrendo por nossos corpos nus invadiu minha mente me deixando totalmente excitada.

Sua mão estava em meu pescoço, mais uma vez apertando minha mandíbula. – Bem forte. – concluiu.

Jesus! Naquele instante entendi que Evan não era um pedaço de mau caminho, como talvez Tray o definisse, mas o caminho inteiro. Ele era como uma droga, que eu não conseguia me desvencilhar.

Sua mão ainda apertava minha boca e seus olhos estavam cravados nela. Seu brilho era tão intenso, que cheguei a pensar que pudesse me cegar. Quem sabe era isso? Quem sabe eu realmente estivesse ficando cega ao ponto de não conseguir enxergar a coisa certa a fazer?

– Uma noite apenas Evan. Por que não um banho?

Senti a água quente em minhas costas e as mãos de Evan em cada parte meu corpo, ensaboando-o com delicadeza e, tenho certeza, com certa reverência. Ele dedicou um tempo a mais em meus seios e eu arfei. Suas mãos deliciosas, realmente eram o paraíso e viriam a ser minha perdição.

Descendo por minha barriga, fez seu caminho até minha entrada sem sequer me tocar, caminhando diretamente para minha coxa. Suas mãos me apertaram com força enquanto eu o sentia duro em minha bunda. Seus dentes cravaram no lóbulo de minha orelha e sua língua desceu pelo meu pescoço.

Evan me torturou por um longo tempo, sempre chegando tão perto... E indo embora. Tão perto e tão longe. Eu iria enlouquecer ali.

– Evan, pelo amor de Deus!

– O que foi Angelina?

O meu nome em sua maldita boca! – Onde está a porra do foder bem forte que você me prometeu? – Bradei, e ele riu deliciosamente.

– Você precisa disso Angelina, precisa de mim.

Fiquei chocada. *Filho da puta!* – Quem você pensa que é dou...

Mal terminei de falar. Evan me virou rudemente em sua direção, sua mão em minha mandíbula me apertando, seus olhos queimavam. Imprensou-me na parede com força.

– *Eu* preciso disso, porra! E você também! – Roçando seu indicador no meu lábio, concluiu. – Não venha me dizer que não.

Evan me beijou duro no momento em que seus dedos me invadiram. Eu sentia sua língua dentro de mim e seus dentes em meus lábios. Ele gemia.

– Eu preciso do seu corpo. – suas palavras em meus ouvidos despertavam sensações novas em mim. – Você vai gozar Angelina.

A essa altura Evan me invadia completamente. Seus dedos dentro de mim, sua língua em minha boca e seus olhos nos meus varrendo minha alma. Eu estava completamente exposta, não tinha para onde ir, onde me esconder. Eu estava assustada como nunca em minha vida. Como deixei chegar a esse ponto? Seus dedos passeavam dentro de mim e eu estava cada vez mais excitada. Era uma mistura de sensações: pânico, êxtase e um desejo insano por aquele homem.

Evan mordeu meu queixo enquanto seu dedo torturava o meu clitóris, sua outra mão apertando minha nuca. Seus movimentos ficaram mais intensos e eu estava completamente entregue. Perdida, como nunca em minha vida. Nenhum homem me tocou daquela forma, do jeito como Evan King fazia.

– Seu corpo Angelina – disse, passando a mão em minha clavícula, me olhando com reverência. – Seu corpo será a minha perdição.

Evan mergulhou em minha boca num beijo rude intensificando seus movimentos e eu explodi caindo em seus braços. Estava em êxtase, bêbada. Exausta.

– Minha perdição. – Tenho certeza de que o ouvi repetir.

Após o banho eu estava esgotada e Evan me trouxe para cama se deitando ao meu lado.

– Por favor, bata a porta quando sair.

Não pude ver sua expressão, estava longe, de olhos fechados, mas ainda atenta o suficiente para perceber a

decepção em sua voz.

– Está me expulsando Angelina?

– Uma noite apenas, Evan. É tudo o que temos, você sabe.

– Exatamente. – Senti seu peso no colchão e sua mão em meu cabelo, mas não tive forças para impedi-lo. – Está escuro ainda, tecnicamente, a noite não acabou.

Seu braço me envolveu puxando meu corpo junto ao seu. Balbuciei alguns desaforos mandando-o embora, mas tudo o que Evan fez, foi grudar sua boca em meu ouvido.

– Durma Angelina. Apenas durma.

Oito

Estiquei o meu braço, mas o outro lado da cama estava vazio. Abri os olhos, sobressaltada, tinha certeza de que Evan estivera comigo durante um longo tempo. Pude sentir seu braço em volta do meu corpo, suas mãos me segurando firme e sua respiração em meu ouvido.

Sentei-me em minha cama. Nunca alguém havia deitado ali, nem mesmo Tray. Droga! Precisava falar com ele sobre Evan. Olhei para o lado vazio mais uma vez. Então era essa a sensação?

Balancei a cabeça, não estava acostumada a estar *deste* lado, já que era sempre eu quem saía na madrugada, abandonando sem nenhum remorso quem estivesse comigo. Acontece que eu sabia que Evan não estaria mais ali, aliás, eu mesma havia *determinado* isso. Então que porra de sensação estranha era essa?

Precisava me levantar e me arrumar, tinha uma merda de exame para fazer. Após tantos anos estaria de volta ao ambiente hospitalar e estava nervosa por isso. Era esse o motivo então, a explicação para esse aperto estranho em meu peito.

Cheguei à cozinha e o cheiro das iguarias matinais que Emma preparava me invadiu, mas eu não estava com fome.

– Uma xícara de café pelo menos, senhorita Brooks. –

disse com sua voz doce e seu sorriso terno, enquanto me estendia uma fumegante.

No momento em que a peguei, meu celular tocou. Será que era a secretária para desmarcar o tal exame?

– Brooks. – Atendi rapidamente sem olhar o visor.

– Que porra é essa de Brooks? – Ouvi a voz de Tray do outro lado e balancei a cabeça. – Deixarei passar por que sei que está uma pilha. – suspirei fortemente e ele continuou. – Angel, deixe-me ir com você!

– Não precisa, Tray, estou bem. – Era mentira, é claro.

– Vou fingir que não escutei isso.

Ele parecia bravo. Droga! É claro que conhecia a minha história o suficiente para saber que eu estaria de qualquer forma, menos bem.

– Desculpe. – soltei um longo suspiro antes de continuar. – Não é nada fácil, mas preciso encarar isso sozinha Tray. Já passou da hora, na verdade. – completei, me dirigindo à sala.

Após alguns instantes, ele respondeu relutante. – Ok estarei na editora e se você sentir qualquer vestígio de que mudará de ideia quanto a isso, me ligue que irei na hora. – Sorri e ele continuou. – Promete.

Revirei os olhos. – Eu prometo.

– Pare de revirar os olhos, Angelina.

Eu sorri. Tray era terrível. Perguntei como foi o jantar com Sebastian.

– Dei uma de Angelina Brooks, vamos ver se funciona.

Não pude conter meu riso. – Finalmente! Quero os detalhes sórdidos na hora do almoço. – Tray grunhiu e eu continuei. – Veja a apresentação para o Di Massi que enviei para o seu e-mail. Conversaremos sobre isso quando eu chegar.

– Sim senhora. – respondeu em tom sarcástico. – Amo você Angel e estou realmente bravo por ir sozinha.

Eu também o amava mais que tudo nesse mundo. – Tray, eu preciso.

Após um momento de silêncio e um longo suspiro, concluiu. – Você está certa, mas *me ligue!* – Disse, enfatizando suas últimas palavras antes de desligar.

Chegando ao local do exame, eu estava mais nervosa do que poderia imaginar e, confesso que não sabia ao certo se seria somente por causa do procedimento. Aquele era o prédio onde Evan trabalhava, aliás, naquele momento havia me dado conta de que aquilo tudo deveria ser dele.

Das vezes em que estive lá, estava tão apressada que não reparei na recepção elegante e na fachada do imponente edifício com o nome de sua família cravado no mármore escuro indicando o nome da clínica.

Uma voz doce me chamou e a reconheci na hora, era a senhora White. O que estaria fazendo ali? Pensei que fosse da fisioterapia. Cumprimentei-a com delicadeza e ela me indicou a direção, me estendendo um avental e solicitando que eu o vestisse. Que constrangedora essa coisa de avental.

– Não preciso deixá-lo aberto nas costas, não é? – Perguntei, e a senhora White soltou uma bela gargalhada.

– Não senhorita Brooks. – e, chegando perto do meu rosto, contou-me como quem revela um segredo com uma piscadela. – Seu exame será no ombro.

Ela estava me assustando. Entrei na tal salinha e me troquei. Onde estaria Evan? Balancei a cabeça. Que história era aquela de Evan? Era o doutor King ali, droga!

Entreí numa sala grande e fria. Muito fria, na verdade, com uma máquina enorme no centro e um painel de vidro atrás dela. Eu sabia muito bem o que era aquilo. Sabia que ali atrás havia pessoas em uma parafernália eletrônica operando aquilo tudo.

A senhora White apareceu de novo e me instalou na tal máquina. Meu corpo se retesou no momento em que solicitou que eu me deitasse.

– Está tudo bem? – Perguntou preocupada.

Respirei profundamente, precisava me acalmar. Era só uma porcaria de exame, nada mais. Assenti e me deitei. A senhora White fez os procedimentos travando o meu corpo

naquele espaço minúsculo. Passou-me as orientações de como eu deveria me comportar: sem mover um músculo sequer. Depois me cobriu e saiu. Onde estaria Evan?

Alguns minutos se passaram num silêncio mortal. Flashes de minha mãe fazendo esse exame várias vezes invadiram minha mente, e fechei meus olhos na tentativa de bloqueá-los.

– Angelina.

Putá que pariu!

Aquela voz em meus ouvidos. Imediatamente os pensamentos cessaram, e imagens do meu sonho com Evan me fodendo naquela porcaria de máquina enquanto chamava meu nome ocupou minha mente completamente. Eu estava ficando louca?

– Começaremos o exame. Se sentir qualquer desconforto é só apertar a campainha. – assenti e ele concluiu. – Por favor, não se mexa.

Cristo! Sua conotação foi sexual ou eu era pervertida demais? A máquina fez um barulho ensurdecedor e mesmo estando com o fone, deu para ouvir. Eu sabia que o exame havia começado.

Fechei meus olhos, mas não conseguia impedir os pensamentos ruins. Minha mãe ali deitada com a doença já avançada, quando não conseguia controlar seus movimentos. É claro que este tipo de exame se tornou inviável e, ainda que

a amarrasse, seu corpo se mexia involuntariamente.

Lembrei-me de sua expressão, quando parecia não estar mais aqui. Ela era tão bonita, como poderia ter ficado daquela forma? Ela não merecia isso. O meu pai sim. Ela não. Senti minha respiração acelerada e me lembrei de Tray. Ele estava certo, deveria ter vindo.

De repente o barulho cessou e a máquina se moveu. Abri meus olhos e me deparei com o profundo azul de Evan. Seu cenho estava franzido numa mistura de preocupação e outra emoção a qual não soube identificar.

– O que houve? O que está sentindo? – Perguntou, enquanto me desamarrava rapidamente.

Balancei a cabeça, não estava entendendo. – O exame acabou? – Perguntei confusa. Apesar dos anos, me lembrava de que aquela merda era demorada.

Evan balançou a cabeça. – Nem começamos.

Pisquei. Não havia raiva em sua voz, apenas preocupação. – O que houve Angelina? – Perguntou pousando a mão em meu ombro.

Fechei meus olhos. O que eu poderia dizer? Eu só queria sair daquele lugar imediatamente. Eu realmente não estava preparada.

– Você tem claustrofobia? – Não respondi e ele continuou. – Deveria ter me avisado, embora a máquina seja aberta... - Ele

parecia confuso.

– Não sou claustrofóbica Evan.

Não havia percebido, mas minha respiração estava entrecortada.

– Acalme-se. Quer um copo de água? Podemos remarcar o exame, se você não se sentir confortável para continuar.

Que merda era aquela? Seria o procedimento correto? Dane-se, não queria saber! A oferta foi boa.

– Não preciso de água, mas gostaria de remarcar o exame.

Evan me olhou surpreso. Embora tivesse oferecido, não esperava que eu aceitasse, mas ele não conhecia a minha história.

– Tudo bem, não há problema. – disse passando a mão pelo cabelo. – Dorothy virá ajudá-la. – E levantando o seu indicador de uma forma que só ele sabia fazer, concluiu. – Um minuto.

Evan desapareceu e no segundo seguinte, a senhora White entrou e segurou meus ombros. – Venha comigo senhorita Brooks.

Ela me conduziu à pequena sala onde eu estivera antes e me vesti, tirando aquele avental ridículo. Quando saí, ela estava me esperando do lado de fora.

– Deseja alguma coisa senhorita Brooks? Um café ou um

copo de água?

Perguntou docemente e balancei a cabeça. Não precisava de nada a não ser sair dali o quanto antes.

– O doutor King a aguarda no consultório.

Franzi o cenho. – Não me lembro de ter marcado consulta. – procurei não ser ríspida demais, mas realmente precisava de ar puro.

A senhora White apenas sorriu. – Ele a aguarda senhorita Brooks.

Revirei os olhos rumo ao elevador que chegou rapidamente. Apertei o botão, mas ele logo parou no andar acima e uma loira vestida em seu jaleco branco entrou falando ao celular.

– Nada na agenda de hoje? – Ela perguntou enquanto entrava sem sequer me dar bom dia, mas antes que a porta se fechasse, colocou seu braço forçando-a a abrir novamente. – Isso me fez ter uma ideia fantástica! – Disse encerrando a ligação e saindo do elevador. Mulher maluca.

Cheguei ao andar onde ficava o consultório de Evan e tive a surpresa de encontrá-lo vazio. Onde estaria sua secretária? Mal havia pensado, ouvi uma voz esganiçada atrás de mim.

– Senhorita Brooks?

Perguntou com o celular na mão. Ela estava surpresa em me ver ali e por alguns instantes, eu não soube o que dizer.

Ela deveria saber, afinal. Balancei a cabeça.

– Ev... O doutor King – corriji. *Merda!* – me aguarda.

– A senhorita está marcada?

Por que ela estava tensa? – Hum não, mas...

– Você precisa estar marcada para ser atendida. – disse rispidamente enquanto abria a agenda.

Como é? Eu estava prestes a fazê-la engolir aquela merda de agenda junto com todas as palavras que tinha me dito quando a voz de Evan ecoou pelo ambiente.

– Se você estivesse no seu lugar Alexandra, saberia que a senhorita Brooks estava agendada.

Ela tremeu perante o seu tom de voz e seu olhar gélido e confesso que eu também. – Senhorita Brooks, por favor.

Ele me indicou a direção de seu consultório e eu segui, não antes de lançar meu olhar felino na direção daquela vaca.

– Doutor King eu estava no banh...

– Agora não Alexandra. – respondeu, movimentando a mão e entrou, fechando a porta atrás de si.

Eu já estava sentada quando Evan se acomodou em seu trono passando a mão pelo cabelo. – Desculpe. – disse rapidamente. – Esse não é o comportamento esperado de uma secretária. Acontece que Valery está de licença médica e Alexandra, a recepcionista, ficou em seu lugar.

Ele balançava as mãos e parecia pouco confortável. Mas, por que me dava tantas explicações?

– Não precisa se desculpar...

– Preciso sim. – ele me cortou. – Se fosse sua primeira consulta eu a teria perdido.

Ele tinha razão, aquela não era a forma de se receber um paciente. E por que suas últimas palavras tiveram um duplo sentido para mim? Remexi-me desconfortavelmente na cadeira e ele continuou.

– Como se sente?

Entendi que estava perguntando sobre o exame. Assenti e ele quis saber o que aconteceu. Pisquei, não queria falar sobre aquilo.

– Há outra forma de saber o que eu tenho? Outro tipo de exame?

Sabia que minha pergunta foi imprudente, mas já havia feito. Evan chegou seu corpo perfeito para frente, cotovelos apoiados na mesa, mãos entrelaçadas e aqueles intensos e profundos olhos azuis na minha direção.

– O que há Angelina?

Meu ventre se contraiu ao ouvir o meu nome. Cristo, eu precisava me concentrar. Ele deu um sorriso sacana antes de continuar.

– Você dormiu mal ontem à noite?

Agora Evan sorria de lado de uma maneira irresistível e juro que minha vontade foi sentar em seu colo e montá-lo ali. Mas o que afinal havia de errado comigo? Ele se levantou caminhando em minha direção e recostou-se em sua mesa, apoiando suas mãos nela, de frente para mim.

– Angelina. Sou o seu médico e realmente preciso saber o que houve ali.

Engoli em seco. Ele estava coberto de razão. Balancei minha cabeça prestes a falar quando a porta abriu.

– Evan querido, será que podemos almo...

Evan virou o pescoço em direção à porta, não antes de franzir seu cenho. Não consegui ver quem exatamente estava ali, seu corpo obstruía totalmente o meu campo de visão, mas pude reconhecer a voz que ouvira minutos antes no elevador falando ao celular.

–Pensei que fosse encontrá-lo sozinho. – disse a loira aguada entrando na sala para total horror de Evan. Ela estava sem o seu jaleco e com um decote nada apropriado para o ambiente de trabalho. Seus olhos verdes cravaram em mim e juro que se um raio pudesse sair de lá eu teria morrido eletrocutada naquele minuto.

– Como pode ver, não estou sozinho Elizabeth. – Evan parecia irritado, e ela o olhou incrédula antes de cravar seus olhos em mim mais uma vez. – Estou com uma paciente. –

disse de forma mais branda.

– Muito próximo dessa paciente, não acha?

Que merda era aquela? Quem era Elizabeth? E por que estavam falando de mim como se eu não estivesse ali? Aliás, era notório que eu estava atrapalhando alguma coisa muito íntima. Levantei-me.

– Doutor King, nossa consulta terminou. – Ele me olhou incrédulo – Irei remarcar o exame e avisarei a sua secretária. Obrigada.

Mal dei o primeiro passo, senti sua mão em meu braço. – Nossa consulta ainda não terminou senhorita Brooks. Sente-se, por favor.

Evan caminhou lentamente em direção a tal Elizabeth e segurou em seu cotovelo, conduzindo-a até a porta.

– Por favor, estou em consulta. Falarei com você mais tarde.

– Mas não havia ninguém marcado!

A loira sussurrou muito baixo, mas pude ouvir seu sotaque inglês. Como ela sabia que não havia ninguém marcado? Imediatamente me lembrei de sua ligação no elevador e da reação daquela vaca ao me receber e liguei os pontos. Quem era essa mulher, afinal?

Senti uma raiva mortal crescer dentro de mim ao me lembrar da reação que tive ao acordar, aquele sentimento

idiota de solidão que me invadiu. Que merda era aquela que eu estava fazendo? Lembrei-me de minha mãe e imediatamente fechei meus olhos com força. Tray realmente deveria ter vindo.

Evan voltou e não estava nada confortável. Aquele homem me fez uma proposta na noite passada e, segundo ele mesmo, faria todas as noites com uma única exigência: exclusividade. Quem era ele para falar de exclusividade?

– Angelina.

Fechei meus olhos. Eu realmente não conseguia me manter sã quando o ouvia me chamar daquele jeito. Ele continuou.

– O que aconteceu aqui...

– O que aconteceu aqui é problema seu e não meu. – comecei. – Não me interessa. Só acho que você deveria rever suas contratações doutor King, pois as chances de perder pacientes realmente são grandes com uma merda de equipe dessas.

Eu estava possessa e queria dar o fora dali o quando antes. Que merda de dia era aquele?

– Remarcarei meu exame e avisarei a sua secretária.

Levantei-me para ir embora, mas Evan se posicionou na minha frente rapidamente, seu corpo grudado no meu. – Angelina, me escute.

Cristo! – Senhorita Brooks. – rosnei.

Evan cruzou seus braços. – Ah... Quer dizer que agora é senhorita Brooks? Não é dessa forma que você gosta que a chame quando estou dentro de você *Angelina*.

Tremi. – Você não está dentro de mim, Evan, e nunca estará. A noite acabou.

Respondi petulante. Seu corpo se retesou e senti um aperto no peito. Engoli em seco.

– Eu sou sua paciente e se o senhor não puder lidar com isso de forma profissional, sugiro que me dê uma excelente indicação para resolver o meu caso. Sua secretária será informada sobre o meu exame.

Caminhei até a saída e confesso, tentando desesperadamente me manter em pé. Eu estava vulnerável, o meu passado não me deixava de outra forma e ele tinha vindo à tona com força total naquela manhã.

– Você está com ciúmes Angelina. - ouvi a voz de Evan no momento em que cheguei à porta e juro que minha vontade foi de lhe dar um tapa. – E não há motivos para isso. É em você que eu penso Angelina, é você que me deixa louco. Eu não consigo me livrar de você, por mais que eu tente.

O senti atrás de mim enquanto eu apertava com força o aço frio da maçaneta até meus dedos ficarem brancos.

– O que você está fazendo comigo Angelina, eu não sei

dizer. – sua voz em meu ouvido, e suas mãos em minha cintura me apertando, me virando em sua direção, imprensando meu corpo contra a porta.

– Porra Angelina, você sabe disso! Você sabe que mexe com a porra dos meus sentidos. – seus olhos percorriam o meu corpo e suas mãos apertavam a minha carne. – Não me venha com essa merda de uma noite apenas, nós sabemos que somos mais do que isso!

Sua mão apertou minha mandíbula e senti sua ereção em minha virilha. – Você me tira do sério, você me enlouquece e eu nunca senti isso por ninguém. – e me olhando profundamente enquanto me apertava, concluiu. – Por ninguém Angelina.

Evan me beijou e sua ereção parecia que entraria em mim ainda que estivesse vestido. Não consegui deixar de retribuir seu beijo, ele gemia em minha boca e suas mãos reivindicavam cada parte do meu corpo e eu realmente precisava sair dali.

Sentia como se estivesse entrando em um buraco negro. Evan era assim e eu sabia que se entrasse, não sairia de lá nunca mais, seria sugada por ele e por todas aquelas sensações confusas, intensas e insanas que me fazia sentir. Eu não poderia fraquejar, meu nome era Angelina Brooks, pelo amor de Deus!

Minhas mãos o empurraram e eu estava ofegante. – Por favor, me indique outro médico. – Foi tudo o que consegui dizer enquanto olhava para o chão e lentamente me virava para sair.

– Olhe para mim Angelina.

Com o corpo trêmulo abri a porta e saí da sala deixando Evan ali parado. Caminhei até o elevador a passos largos e senti os olhos da vaca da recepcionista cravados em mim. Foda-se ela!

Consegui chegar ao meu carro e entrei batendo a porta, respirando com dificuldade. O que estava acontecendo comigo? Sentia a boca de Evan na minha, suas mãos pelo meu corpo e seu beijo me invadindo a alma. Suas palavras ecoavam na minha mente junto com a imagem de seus olhos desesperados.

Olhe para mim Angelina.

Minha respiração estava entrecortada, isso não podia estar acontecendo comigo. Onde foi que errei? Quando o deixei entrar assim em mim tão rapidamente? Imagens do desespero de minha mãe e da indiferença de meu pai me vieram à mente. Até hoje não sabia ao certo se ela havia morrido por sua doença ou por causa do amor insano que sentia por aquele homem abominável. E eu não queria aquilo para mim.

Senti uma dor absurda em meu peito, algo se apertava dentro de mim. Eu iria surtar em questão de segundos. Peguei meu telefone e cliquei no único contato que havia em meus favoritos. Tray atendeu no primeiro toque.

– Estou indo agora.

– Pelo amor de Deus...

Foi à única coisa que consegui responder com a voz trêmula. Eu estava perdida. A barreira de Angelina Brooks havia sido rompida.

Nove

Em poucos minutos a porta do meu Audi se abriu e Tray me abraçou, dizendo que estava ali. Sem fazer perguntas, colocou-me no banco do carona, abriu minha Louis Vuitton e pegou o meu Ray-Ban.

– Ninguém deveria ver Angelina Brooks borrada de maquiagem, nem mesmo eu. – disse colocando os óculos no meu rosto com ternura e não pude deixar de esboçar um sorriso.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, selou meus lábios rapidamente e ligou o carro.

– Vamos cair fora desta merda!

Acordei sobressaltada em minha cama. Eram duas da tarde e levantei-me em direção à sala, onde encontrei Tray ao telefone.

– Ela ainda está dormindo. – ele ouvia atentamente enquanto balançava a cabeça. – Não se preocupe doutor, darei o recado assim que ela acordar.

Meu corpo endureceu imediatamente ao ouvir a palavra *doutor*. Tray desligou o telefone e se virou, correndo em minha direção quando me viu – Angel!

– Estou bem. – garanti na tentativa de acalmá-lo. Balancei a cabeça. – Meu Deus, a reunião com Di Massi.

– Está tudo resolvido.

Em todos esses anos, essa era a primeira vez que Angelina Brooks faltava ao trabalho e eu realmente me sentia confusa em relação a isso.

– Como assim tudo resolvido?

– Hey! Eu existo, sabia? E você não me contratou só por causa dos meus lindos e irresistíveis olhos! – Não pude deixar de sorrir e Tray concluiu. – Nossa reunião está marcada para amanhã no mesmo horário.

Tray me puxou pela mão me conduzindo ao sofá. – Supostamente você teve um “contratempo” – disse fazendo sinal com as mãos indicando aspas. – e não pôde comparecer. É claro que deixei vazar na imprensa uma notícia bombástica, algo do tipo “algum picão milionário rondando a Brooks Editora”.

Arregalei meus olhos e Tray prosseguiu. – Quem sabe Di Massi não se dá conta de que não é tão essencial assim e que pode plenamente ser substituído? – Eu estava chocada. – Essa sua falta veio bem a calhar Darling. Vamos ver agora se esse filho da puta cede.

Pisquei e Tray sorriu ficando sério em seguida. – Vamos esquecer isso, por enquanto. Quero saber como se sente.

Balancei a cabeça. – Você estava certo, eu realmente não deveria ter ido sozinha Tray.

– Hey... Tudo ao seu tempo Angel. – disse acariciando o meu cabelo, fazendo uma pausa antes de continuar. – O seu médico ligou.

Engoli em seco e ele concluiu. – Doze vezes.

Arregalei meus olhos. *Doze vezes? Que merda era aquela?*
Ele continuou.

– Resolvi atender na décima e ele retornou mais duas vezes. Disse que ficou preocupado com a maneira a qual você reagiu ao exame.

Minha mente estava um turbilhão. Embora a preocupação de Evan fosse totalmente condizente, o fato de ele ter ligado doze vezes para mim não passaria despercebido por Tray e eu realmente precisava falar com ele a respeito do nosso caso ou o seja lá o que fosse aquilo.

– Eu disse que você chegou um pouco cansada, que lhe dei um chá e seu calmante e você foi dormir. Não entrei em detalhes, não sei até onde ele tem conhecimento sobre sua história... – disse me analisando. – Ele falou um bocado por causa do calmante. – concluiu franzindo o cenho.

– E o que ele tem a ver com isso? – Soei de forma ríspida e Tray logo completou.

– Você quem dirá.

Merda!

– Ele realmente é um bom médico, ligou doze vezes! –

Completo de forma sarcástica e fechei meus olhos, balançando a cabeça.

– Tray... – Como eu poderia lhe dizer? Olhei para ele e o filho da puta sorriu, abrindo a boca em forma de “O”.

– Angelina Brooks você está trepando com o doutor delícia! Puta que pariu! – Disse pulando pela sala como se aquilo fosse a melhor notícia do mundo.

Franzi o cenho. Será que ele não entendia a gravidade da situação? – Tray, ele é meu médico!

– E daí? – Eu não podia acreditar naquilo. – Desde quando você passou a ser puritana Angelina Brooks? – Perguntou cruzando os braços.

Revirei meus olhos. – Não se trata de ser puritana Tray. Ele é *meu* médico!

– Seu médico é um dos homens mais deliciosos que já vi na vida! Que mal há nisso? – Eu estava cética. – Hey, o que há? – Perguntou sentando-se ao meu lado, segurando minhas mãos. Olhando-me profundamente, perguntou com cuidado. – Você está envolvida com ele?

– Pelo amor de Deus Tray! – Levantei-me rapidamente. – É claro que não! Foi uma noite apenas! – Respondi balançando a mão. – Quer dizer, duas, sei lá... – Fechei meus olhos. – Escute o que tivemos acabou.

– Como assim acabou? Você é louca ou o quê?

– Tray, você *sabe* que não estou atrás de romance. – disse seriamente.

– Quem está falando de romance aqui é você Angel. – rebateu levantando uma sobrancelha. – Sexo pode acontecer por algumas noites sem ser necessariamente um romance...

– Eu não acredito que estou tendo essa conversa com você. – caminhei em direção ao meu bar, eu precisava de uma dose do meu velho Jack.

– Hey! O que pensa que está fazendo? – Perguntou, tirando a garrafa de minha mão. – O doutor King deu ordens expressas para você não colocar uma gota de álcool na boca.

Como é?

– O *doutor King* não está aqui agora e estou pouco me lixando para o que ele diz ou pensa. – rosnei furiosa pegando a garrafa de volta.

Tray segurou meu ombro. – Angel você tomou calmante – disse balançando a cabeça, semblante preocupado. – Não faça isso, por favor.

Merda! Assenti largando meu Jack e ele continuou. – Você precisa ligar para o seu médico – olhei-o cética. – ou ele ligará de novo. – concluiu sorrindo e levantando os ombros.

– Que ligue! – Dei de ombros.

– Angelina Brooks perversa!

Resolvi mudar de assunto e perguntei sobre Sebastian. Tray me contou que deu um ultimato nele: ou ele assumia a relação ou estaria tudo acabado. Sei que estava com o coração partido, mas era o necessário a fazer e finalmente ele havia percebido isso.

Passamos o restante da tarde trabalhando na nossa estratégia para trazer Di Massi à Brooks Editora e acreditávamos piamente que ele não passaria do dia seguinte. A notícia que Tray fez vazar estava realmente funcionando.

O doutor King ligou no fim da tarde, mas não quis falar com ele e Tray atendeu dizendo que eu estava melhor, mas ainda dormindo. Ele foi embora após o jantar, aliás, Emma se superou nesse dia com seus pimentões recheados. Estavam simplesmente divinos.

Meu telefone tocou algumas vezes e, mesmo sem olhar o visor, eu sabia exatamente quem era. Eu não iria atender, não estava preparada. Era impressionante, mas cada vez que eu me lembrava de Evan, a imagem da loira inglesa vinha aminha mente. Elizabeth era o seu nome. O rei e a rainha e eu realmente não tinha nenhum lugar nessa merda.

Eram dez da noite e eu me preparava para dormir quando a campainha tocou. Seria Tray? Emma? Abri e me deparei com Evan e, mais uma vez, sua presença me varreu a alma.

Vestido com uma camisa vermelha e calça jeans escura, Evan me olhou tão profundamente que estremeci.

– O que está fazendo aqui?

– Por que não atende as minhas ligações?

Engoli em seco cruzando meus braços a frente do corpo.

– Por que não sei quem está me ligando, se é meu médico ou...
– travei.

– Ou o que? – Perguntou com voz grave dando um passo a frente.

Balancei a cabeça. – Evan, por favor...

Ele passou a mão pelo cabelo me olhando intensamente e mais uma vez senti algo se esmagar dentro de mim.

– Você não sabe o quanto fiquei preocupado com você Angelina.

Merda. Aquilo me derrubou. Ele continuou. – Como se sente?

Garanti que estava bem dizendo que ele não precisava se preocupar comigo.

– Tarde demais Angelina.

Putá merda! Meu nome em sua boca e meu corpo contra mim mais uma vez. Eu estava tremendo, meu ventre enlouquecido e eu realmente precisava me controlar.

– Eu preciso saber o que aconteceu esta manhã Angelina, eu sou seu médico. – tocando o meu ombro com ternura, olhou-me profundamente antes de concluir. – Fale comigo.

Estou aqui como seu médico, por favor, fale comigo.

Evan King era o melhor e o médico mais indicado para tratar do meu problema, seja lá qual fosse, e ele estava ali, na minha frente, no momento em que talvez o meu passado estivesse trazendo sua herança macabra para mim.

O problema era que ele também era o homem que abalava minhas estruturas e virava o meu universo de cabeça para baixo. Como médico, eu precisava dele e não poderia estar mais agradecida por sua presença em minha vida neste momento. Como homem, bom, eu também precisava dele, embora ainda não soubesse exatamente como. Merda! É claro que precisava dele e não poderia estar mais desesperada por isso.

Eu estava confusa, perdida como nunca em minha vida, logo eu, Angelina Brooks, dona do universo. Evan me olhava aguardando sua resposta, enquanto sua mão pousava em meu ombro fazendo todas as células do meu corpo enlouquecerem dentro de mim. Fechei meus olhos por instantes.

– Entre, por favor.

Evan me pegou pela mão e me conduziu pelo meu próprio apartamento, fechando a porta e caminhando até o meu sofá, enquanto eu, Angelina Brooks, não conseguia ter qualquer tipo de reação. Era fato, realmente eu estava completa e totalmente fodida.

Dez

Evan King estava na minha frente enquanto eu tentava me concentrar na minha situação. O problema era que aquele olhar não me ajudava em nada. Eu realmente precisava do meu velho Jack.

– Quer beber alguma coisa? – Perguntei.

Evan sorriu. Cristo! Aquele sorriso tinha algo de divino.

– Vamos nos manter sóbrios, Angelina.

Não era possível o meu nome mais uma vez em sua maldita e perfeita boca.

– Estou aqui para ouvir você.

Balancei a cabeça fechando os meus olhos. Evan tinha razão: ele era o meu médico e realmente precisava de todo o meu histórico. Senti uma fígada em meu ombro e me perguntei se isso não seria psicológico. Olhei em sua direção e respirei fundo. Talvez eu não estivesse pronta para falar naquele momento e talvez nunca estivesse. Evan me olhava em expectativa e eu exalei com força, sentindo um aperto no peito.

– Minha mãe morreu com quarenta e sete anos. Eu era muito nova quando ela ficou doente, ainda estávamos aqui nos Estados Unidos. – fechei meus olhos tentando organizar meus pensamentos. – Por algum motivo o qual desconheço, acabamos voltando para o Brasil, eu ainda era jovem e não

conseguia entender muito bem suas mudanças de humor.

Evan me olhava com atenção e balançou a cabeça me encorajando a continuar.

– Em algum momento ela estava bem e, então, de repente, não estava mais... Ela passou a agir de forma estranha, não conseguia falar direito, tinha problemas com sono e seu raciocínio ficou prejudicado.

Eu peguei uma almofada aleatoriamente no sofá, precisava apertar alguma coisa. Eu me sentia desconfortável, aquela era uma situação atípica. Ninguém além de Tray conhecia a minha história e eu me sentia fragilizada quando falava a respeito dela, e sentir-se fragilizada realmente não era uma sensação boa.

– Os sintomas de minha mãe evoluíram de forma rápida e ela ficou extremamente dependente de tudo e de todos. Acontece que ela só tinha a mim e ao meu pai. – franzi o cenho sentindo a bile subir em minha garganta. – ou seja, ela só podia contar comigo, uma adolescente de dezessete anos.

Evan piscou várias vezes, e concluí fechando meus olhos.

– Minha mãe tinha Doença de Huntington.

Houve um instante de silêncio e ainda com meus olhos fechados, ouvi quando Evan sussurrou. – Eu sinto muito Angelina.

Meus olhos continuaram fechados, não consegui abri-los.

– Ela tinha a minha idade quando descobriu Evan. – disse com a voz embargada.

Quando finalmente abri meus olhos, ele me olhava profundamente e sentou-se ao meu lado, envolvendo o meu corpo e foi impressionante como me senti protegida. Isso era ridículo, mas era a verdade e eu não poderia negar, por mais que eu quisesse. Eu estava em seus braços e não havia outro lugar no mundo em que eu quisesse estar naquele momento.

– Eu estou condenada Evan.

Ele me olhou assustado, engolindo em seco. – Você fez o teste genético?

Pisquei confusa. – Huntington é hereditária e eu sou filha de uma portadora cuja doença avançou de forma rápida e brutal. – fechei meus olhos mais uma vez tentando me controlar. – Ela ficou deformada Evan e não conseguia controlar seus movimentos. Seus braços se mexiam involuntariamente, ela não conseguia falar...

Eu sentia que estava pirando ali, mas o fato é que eu não conseguia mais parar de despejar minha angústia.

– Ela ficou apática, tinha delírios e alucinações e seus braços não paravam quietos. Um dia eu a olhei e os músculos de seu rosto ficaram rígidos e ela ficou com aquele semblante assustador. Era uma careta horrorosa. Eu sonhei com ela todas as noites – olhei-o profundamente antes de concluir. – durante anos.

Foi à vez de Evan fechar seus olhos por instantes. – Ela era tão bonita... – continuei e ele acariciou o meu cabelo com ternura.

– Eu trabalhava o dia inteiro para ter dinheiro para o tratamento e a noite cuidava dela, dava os medicamentos... Ela tomava de tudo Evan, antipsicóticos, antidepressivos, hipnóticos, tranquilizantes... Nunca me esquecerei da expressão do médico ao me dizer que não havia nada mais que pudesse ser feito.

Evan me olhava fixamente enquanto eu derramava toda aquela história grotesca.

– O meu pai, aquele filho da puta, não fazia nada além de trepar com suas amantes na sala enquanto minha mãe jazia no quarto como se fosse uma demente. – apertei meus olhos e a almofada em meu colo até meus dedos ficarem brancos. – Ele quem deveria ter sofrido daquela maneira, não ela. – sussurrei. – E minha mãe achava que ele era um santo... Era tão apaixonada por ele que ficou completamente cega.

Respirei fundo tentando me acalmar. Falar daquele homem nunca era fácil para mim.

–Um dia eu dobrei o meu turno trabalhando doze horas seguidas e corri para casa para cuidar de minha mãe. No domingo eu já não aguentava mais, não conseguia me manter em pé, eu estava virada há praticamente três dias e tinha tomado de tudo o que você possa imaginar para que eu conseguisse fazer isso Evan.

Percebi quando o seu corpo endureceu, mas segui adiante.

– Era fim de tarde, eu... – Engasguei e minha voz ficou embargada. Essa era sempre a parte mais difícil. – Havia uma poltrona ao lado da cama de minha mãe e era lá que eu ficava. Eu juro que tentei manter os meus olhos abertos e eu realmente achei que estivessem...

Evan não piscava mediante o meu desespero e eu apertei mais ainda a almofada em meu colo.

– Eu escutei um barulho e ele vinha ao longe até que acordei sobressaltada. – olhei-o sentindo-me derrotada. – Eu cochilei Evan, cochilei durante minutos e foi o suficiente... Eu não sei como foi, mas ela se engasgou... Eu... Eu juro que eu tentei! Eu gritei, chamei aquele homem horrendo, mas ele estava trepando com alguém na sala e não veio... Eu não consegui Evan... Não consegui!

Eu estava desesperada, completamente fora de mim. Senti suas mãos em meu rosto e sua voz em meu ouvido.

– Shh... Chega, não diga mais nada, por favor.– Ele me apertava em seus braços. – Fique aqui comigo meu anjo, fique aqui... – dizia beijando minha cabeça, acariciando o meu cabelo e assim ficamos por um longo tempo.

Eu ainda estava em seus braços e Evan me acariciava quando disse baixinho. – Você sabe que não foi sua culpa Angelina. – meu corpo se endureceu e ele se afastou apenas o

suficiente para segurar meu rosto em suas mãos antes de continuar. – A Doença de Huntington é fatal e isso aconteceria com sua mãe mais cedo ou mais tarde.

Levando uma mecha de meu cabelo atrás da orelha, disse com ternura. – Além disso, você estava sobrecarregada e, pelo que me disse, no estágio da doença de sua mãe, você não era a pessoa mais indicada para cuidar dela. Em seu estágio avançado a Doença de Huntington necessita de cuidados profissionais.

Evan selou meus lábios com um beijo silencioso e encostou sua testa na minha. – Não se martirize por isso meu anjo, não foi culpa sua.

Fechei meus olhos. Já tinha ouvido isso de Tray, é claro, não com tanta propriedade em relação à doença, mas ele também disse que a culpa não era minha. O problema é que aquela cena ficou em minha mente durante anos, assim como as caretas que minha mãe fazia, os movimentos involuntários de seus braços e os sons estranhos que produzia.

Evan me perguntou mais uma vez sobre o teste genético e balancei a cabeça confusa. Eu não tinha a menor ideia do que era aquilo.

– Angelina, você não está condenada.

Olhei-o incrédula. – Evan, a Doença de Huntington é hereditária e minha mãe era portadora e como médico, você sabe que é uma doença dominante.

– Anjo, tecnicamente você está no grupo de risco. Há cinquenta por cento de chances de você carregar uma cópia do gene normal de sua mãe. – Pisquei. O que ele estava dizendo? Ele me chamou de *Anjo*?

– O médico que tratou minha mãe me disse que a Doença de Huntington é dominante e por seu tipo ser agressivo e eu ser descendente direta, era praticamente impossível eu não ser portadora.

Evan parecia chocado. – Quem falou uma coisa dessas para você? – Perguntou piscando várias vezes. – Meu Deus Angelina...

Ele passou a mão pelo cabelo e me olhou fixamente. – Sua mãe tinha a doença e como eu disse isso faz com que você esteja presente no grupo de risco, mas não a faz portadora dela.

Evan pegou minhas mãos que ainda apertavam a almofada e levou aos seus lábios beijando-as docemente antes de continuar.

– Geneticamente falando, sua mãe pode ter transmitido a você uma cópia normal ou uma defeituosa do gene, ou seja, há uma probabilidade de cinquenta por cento porque a outra cópia do gene normal você herdou do seu pai.

Franzi o cenho. Nada naquele homem asqueroso era normal e saber que eu poderia ter qualquer vestígio dele me embrulhava o estômago, por mais inconsequente que isso

pudesse parecer.

Segurando minhas mãos, concluiu. – Você precisa fazer o teste genético, Angelina. É ele que irá determinar se você é portadora ou não.

Engoli em seco, olhando para os lados de forma tensa. – Essa minha dor no ombro Evan, eu...

– Meu anjo, a sua dor no ombro não tem nenhuma relação, são coisas distintas. É mais provável que tenha sido causada por atividade física intensa. Isso – disse apertando o meu ombro levemente – é ortopédico. Huntington é neurológico.

Fechei meus olhos, suspirei, estava tão apavorada com tudo isso. No meu aniversário de trinta e dois anos, a primeira coisa que veio a minha mente foi que essa era a idade que minha mãe tinha quando adoeceu e então, um tempo depois eu comecei a sentir uma dor a qual nunca havia sentido antes. Eu liguei os pontos de forma macabra e a partir daquele momento eu não tive paz, até ali com Evan.

– Obrigada. – respondi abrindo os meus olhos e Evan me olhou de forma tão profunda que achei que eu fosse me partir em mil pedaços.

Ele me encarou seriamente, dizendo com cuidado. – Marcarei uma consulta para você com o melhor especialista, você estará em excelentes mãos. – pisquei e ele continuou.

– Remarcarei sua ressonância e estarei com você durante

todo o procedimento, não há o que temer. – e sorrindo docemente, concluiu. – E nós voltaremos à sua fisioterapia e às suas medicações.

O fato de Evan ter mencionado a ressonância me levou de volta àquela fatídica manhã onde o encontrei com a rainha loira da Inglaterra e meu corpo endureceu imediatamente.

– Eu agradeço tudo o que está fazendo por mim Evan. – disse desconfortável, soltando minhas mãos que ele ainda segurava.

– Eu posso fazer muito mais Angelina. – pisquei e ele continuou. – Diga, o que você quer de mim? Do que você precisa?

Cristo! Senti-me ligeiramente tonta e não consegui me desvencilhar do seu olhar. – Diga. – ele sussurrou mais uma vez.

Balancei minha cabeça, eu precisava dar um jeito naquilo. Eu estava exposta, fragilizada e a imagem daquela cena grotesca dele com aquela mulher idiota falando sobre mim como se eu não estivesse ali rondando minha mente. Quem seria ela? Por que eram tão *íntimos*? Senti uma raiva mortal crescer dentro de mim mais uma vez. Eu não queria ficar como minha mãe.

– No momento eu gostaria que fosse embora.

Abri meus olhos e a imagem que tive me acompanharia por toda a minha vida. Ali eu soube que jamais viria alguém

tão decepcionado como Evan King estava naquele momento.

Algo se esmagou dentro de mim e gritou desesperadamente para que eu o abraçasse e dissesse que não era nada daquilo que eu queria. Mas o que afinal estava acontecendo comigo?

Evan passou a mão pelo cabelo e se levantou em direção à porta. – Ligarei para você para falar sobre sua consulta e seu exame... – e, perdido, concluiu balançando a cabeça. – ou melhor, mandarei Valery ligar. Boa noite Angelina.

Evan caminhou até a porta e a cada passo que dava eu sentia como se algo estivesse saindo de dentro de mim e toda minha força estivesse sendo sugada. Ele estava indo embora e inacreditavelmente, no momento em que ele abriu a porta, eu percebi que não queria que ele fosse.

– Evan!

Ele parou imediatamente virando-se em minha direção no momento em que eu corri até ele. Foi tão rápido, ele correu até mim e em segundos eu estava em seus braços mais uma vez. Ele me apertou contra seu corpo e suas mãos seguraram o meu rosto enquanto me beijava alucinadamente.

– Angelina.

Evan me deitou no sofá, seu corpo em cima do meu e eu sentindo o seu pau na minha entrada.

– Uma noite apenas, Angelina. – apertando minha

mandíbula, rosnou em minha boca. – Mais uma noite meu anjo. Mais uma noite...

Evan King me beijou duro e firme enquanto sua mão apertava minha boca e descia pelo meu corpo rumo a minha abertura molhada e eu o apertava contra mim, segurando em seu cabelo, arqueando meu quadril de encontro a sua ereção desejando, para o meu total desespero, que aquela noite durasse para sempre.

Onze

Evan estava em cima de mim, sua mão segurando meus braços acima de minha cabeça enquanto a outra apertava minha mandíbula. Ele me olhava de forma tão profunda e estava tão perto...

Fechou seus olhos por instantes antes de me beijar rudemente mais uma vez, mudando de posição para me colocar por cima, e imediatamente o som ligou. Evan piscou e eu revirei os olhos.

– Tray. Ele largou o controle em cima do sofá.

Evan sorriu e o pensamento completamente idiota de que eu gostaria de ver aquele sorriso todos os dias me invadiu. Balancei a cabeça pegando o controle quando ele o tirou de minha mão.

– Deixe. *Depeche Mode*, eu gosto desse som. – e me olhando intensamente, concluiu. – Sim, *I am you*, Angelina. – disse se referindo ao nome da música.

Cristo! Que revolução era aquela no meu corpo?

“Não há como voltar atrás. Estamos nessa armadilha. Nada de negar os fatos. Não, não, não. Nenhuma desculpa para dar. Sou eu com quem você está. Nós não temos alternativa. Não, não, não.”

Evan me beijou duro enquanto Depeche Mode me

torturava com aquela merda de refrão. O que era Evan King senão uma grande armadilha na qual eu havia caído?

Eu vivia sensações opostas: medo e prazer. Aquele homem me torturava e me satisfazia.

“Esse vício do qual ambos somos parte nos leva mais fundo na miséria, nos deixa desejando infindavelmente.”

Suas mãos perfeitas seguraram o meu traseiro e seu dedo contornou o fio da minha calcinha até chegar a minha abertura antes de rasgá-la, jogando-a longe.

“Tanto prazer que parece com dor.”

Evan se livrou do meu vestido e tomou meus seios em suas mãos, levando-os à boca.

Arfei.

Senti sua língua em meu mamilo e meu ventre se contorceu dentro de mim.

“Tão entrelaçado que eu não consigo me libertar. Eu sou você e você é eu.”

Ele me virou ficando por cima se livrando de sua roupa enquanto eu o ajudava. Ele levou sua mão perfeita ao meu rosto, segurando-o enquanto me olhava profundamente.

– Aqui somos um, Angelina. – disse antes de me beijar rudemente.

Putá merda! Evan me beijava forte e eu sentia sua ereção

em minha virilha. Ele desceu pelo meu pescoço, mordendo-o, sugando-o. Levando o seu indicador à boca, disse com voz rouca.

– Se você fosse minha, eu marcaria você. – e rodeando meu mamilo com seu dedo molhado, concluiu. – Exatamente aqui.

Cristo!

Seu dedo desceu pelo meu corpo até meu umbigo. – E aqui. – descendo por minha virilha, continuou me torturando. – e aqui também.

Passando a língua nos lábios, concluiu virando o pescoço ligeiramente de lado. – Mas você não é minha Angelina. – olhando-me intensamente, perguntou com voz rouca. – Ou é?

Por que eu estava atordoada? Por que não conseguia ter qualquer tipo de reação? Meu nome é Angelina Brooks, pelo amor de Deus! Sacudi minha cabeça, eu precisava voltar a ser eu mesma.

– Angelina Brooks não é de ninguém, Evan. – disse levantando minha sobrancelha e o filho da puta sorriu.

– Sinto lhe informar, mas aqui você é. – Evan sugou meu mamilo com força e eu arfei. Posicionando meus braços acima da minha cabeça, concluiu. – Aqui você é minha, Angelina.

Senti sua boca pelo meu corpo e quando eu pensei em fazer qualquer tipo de protesto pelo que ele havia dito, sua

língua me invadiu.

Cacete!

“Sem escapatória desta bagunça onde estamos. Tanto prazer que deve ser um pecado.”

Evan King me consumiu com sofreguidão. Sua língua me torturou por longos minutos e eu me perdi em sua boca várias vezes. Boca, dedos, língua... Ele beijou cada pedaço da minha pele, mordeu, sugou... Eu realmente não sei dizer por quanto tempo ficamos ali.

Em determinado momento eu o virei e sem aviso o tomei em minha boca. Evan estava tão duro e eu o levei profundamente a minha garganta, segurando suas bolas, passando a língua.

– Não Angelina...

Mas eu não parava, queria que ele se perdesse comigo da mesma forma que eu me perdia com ele. Não era possível que ele conseguisse manter o seu controle enquanto o meu ia para o inferno. Eu precisava da certeza de que ambos estávamos realmente perdidos um no outro.

“Eu sou você e você é eu.” A música continuava.

– Angelina... Porra!

Ele rosnava e era exatamente o que eu queria. Sua mão perfeita apertou o meu cabelo com força e sua boca despejou as palavras mais sujas enquanto eu o tinha em mim.

Evan rangia e fazia sons primitivos e é claro que aquilo me excitava completamente. Eu sabia que ele estava perto.

– Angelina, você será minha perdição. – rosnou antes de se render a mim de forma silenciosa.

Eu ainda o tinha em minha mão quando passei a língua nos lábios lhe dando um olhar sacana e, mais uma vez, Evan segurou minha mandíbula com força colando sua boca na minha. Seu beijo era quente e eu sentia seus dentes cravados em meus lábios.

Sem aviso, me puxou pelo braço pegando o envelope do preservativo que estava em cima da mesa de centro.

– Venha Angelina, vamos oferecer um espetáculo aos nossos espectadores anônimos. – disse rudemente enquanto me levava rumo à janela como da outra vez.

– Tem sempre alguém que vê, não é? – Perguntou em minha orelha enquanto me imprensava contra o frio do vidro.
– Eu gostaria de foder você na boate, Angelina, do jeito que estou fazendo agora, na frente de todos.

Porra!

– Sua boceta me enlouquece! – Rosnou antes de me penetrar duro e rude, puxando o meu cabelo para baixo, beijando minha testa.

Gemi.

– Shh... Eu só estou começando Angelina...

Sua mão estava em meu pescoço e ele me acariciava enquanto me penetrava deliciosamente. Eu iria morrer, era fato. Eu sabia que não aguentaria muito tempo ali.

À medida que Evan intensificava seus movimentos dentro de mim, sua mão apertava mais o meu pescoço enquanto a outra puxava o meu cabelo.

– Shhh... – Dizia enquanto eu gemia.

Em um momento ele era carinhoso, sua mão acariciava o meu pescoço, e então ele se tornava rude quando me apertava com força. Era impressionante eu não sentir dor nenhuma. Como ele conseguia fazer isso? Como ele conseguia ser rude sem me machucar, só me oferecendo prazer?

– Será que estamos sendo filmados, Angelina?

Putá merda! Eu gemia de forma descontrolada. Como ele sabia que Voyeurismo me excitava completamente?

Sua mão soltou o meu cabelo e seguiu em direção ao meu clitóris. Evan me tocava de forma torturante enquanto apertava o meu pescoço e mordida o lóbulo de minha orelha me dizendo as mais deliciosas orgias.

Espalmei minhas mãos no vidro e no momento em que Evan mordeu o meu ombro com força, eu explodi mais uma vez, me perdendo em seus braços.

–Angelina... - Disse antes de se perder dentro de mim...

Abri meus olhos sentindo-me deliciosamente dolorida como se Evan ainda estivesse dentro de mim. Olhei para o lado e a cama estava vazia. Eu estava sozinha. Por que me sentia, mais uma vez, estranha a respeito disso?

Levantei-me, precisava me arrumar e trabalhar, o dia seria longo. Havia a reunião com Di Massi, a fisioterapia à noite e ainda receberia notícias sobre minha consulta com o especialista.

Embora eu quisesse muito fazer o teste genético e tirar essa dúvida de mim, eu tinha medo. E se eu possuísse o gene defeituoso? E se ficasse como minha mãe ficou? Balancei a cabeça resolvendo que faria como sempre fiz em minha vida: cada coisa ao seu tempo e um dia de cada vez.

– Carpe Diem. – disse a mim mesma.

Cheguei à editora e encontrei Tray em minha sala lindamente vestido em sua calça jeans escura, camisa preta e cachecol cinza.

– Humm esse seu vestido vermelho é para nossa reunião com Di Massi ou para sua fisioterapia mais tarde?

Olhei-o incrédula. – Vá à merda!

Tray riu escandalosamente. – Eu te amo Darling! – Revidou me dando um selinho. – De hoje esse velhote não passa. – disse se referindo a Di Massi.

Eram dez e meia quando o meu celular tocou. Olhei a

combinação de números desconhecidos na tela e soube exatamente quem era.

– Brooks.

– Senhorita Brooks, bom dia.

Tremi. – Bom dia doutor King.

– Hum, estamos tão profissionais hoje. – Abri minha boca, mas ele logo completou. – Espero que tenha dormido bem.

– Você dormiu? – Disparei sem pensar. *Merda!*

Pude ouvir quando ele sorriu. – Deliciosamente bem senhorita Brooks, embora, um pouco eufórico esta noite.

Fechei meus olhos e a imagem de Evan deitado atrás de mim me invadiu. Sua ereção na minha bunda e sua mão pelo meu corpo, enquanto lambia minha orelha. Lembrei-me quando virou meu corpo e deitou em cima de mim, sua língua em meu...

– Mas estou ligando para falar sobre sua consulta Angelina. – disse interrompendo meus pensamentos e eu pisquei. – Como está seu horário hoje?

Balancei a cabeça. – Tenho uma reunião importante hoje às duas da tarde.

Eu não poderia faltar à reunião com Di Massi de jeito nenhum.

Evan respondeu que poderia marcar minha consulta

antes da fisioterapia e após acertarmos o horário, ele me informou que seria no mesmo prédio e me passou o andar.

– Vejo você à noite senhorita Brooks. – disse antes de desligar.

Eram exatamente quatro da tarde quando entramos na minha sala, Tray com a garrafa de champanhe nas mãos.

– Dom Pérignon? – Indaguei.

–Darling, Marilyn Monroe bebia Dom Pérignon, você acha mesmo que podemos beber outra coisa menor que isso?

Não pude deixar de rir. Tray era impagável. Ele abriu a garrafa com um estouro e encheu nossas taças.

– Eu disse que o velhote era nosso. Um brinde a Brooks Editora que agora detém a maior fatia do mercado editorial americano! – Disse batendo sua taça na minha.

– Um brinde a você Tray. Você foi fundamental nisso tudo.

Ele movimentou sua mão para que eu parasse de falar, enquanto bebia. – Deixe de bobagem Angel, nós funcionamos juntos e agora o velhote estará conosco.

– Você sabe que precisa parar de chamá-lo dessa forma, não é? – Eu conhecia Tray o suficiente para saber que se ele não parasse com aquilo imediatamente, de certo chamaria o próprio Di Massi de velhote.

Tray levou as mãos à boca.

– Imagine?

Ele correu em direção à porta e voltou. – Buongiorno Angelina, buongiorno Tray. – disse de forma afetada imitando Di Massi.

– Aí eu respondo *Olá velhote! Sua bicha velha!*

– Tray! – Quase engasguei com meu champanhe enquanto ria descontroladamente.

Encarreguei-o de organizar a festa para o lançamento de Di Massi a Brooks Editora, Tray era fantástico para assuntos relacionados à mídia e marketing.

– É melhor você ir, está perto da hora da sua consulta. – pegando minha mão, perguntou com ternura. – Você quer que eu vá junto?

Exalei com força antes de responder. – Estou bem. De verdade. – Eu não sabia muito bem o porquê, mas me sentia calma. –Talvez seja a possibilidade de saber que há uma chance de eu não ter essa merda.

Ele sorriu. – Uma chance não Darling, cinquenta.

Olhei-o com carinho e ele me abraçou. – O doutor Delícia estará lá?

Eu não podia acreditar naquilo. – Como é que eu vou saber?

Tray deu seu sorrisinho sacana.

– Tudo bem Angel, você realmente não tem como saber. – e apontando seu indicador na minha direção, concluiu. – Ligue-me assim que sair de lá ou morrerei seca de preocupação!

Cheguei à clínica, e mais uma vez, olhei sua fachada imponente sentindo um arrepio em meu corpo ao ler o nome *King* gravado no mármore escuro. Entrei na garagem para estacionar o meu carro conforme Evan sugeriu na mensagem que me enviou à tarde.

Dirigi-me ao andar do tal médico. Eu estava no horário e, talvez pelo fato de estar ali, comecei a me sentir um tanto nervosa. Virei meu pescoço de um lado para o outro, tocando os meus ombros, massageando-os e imediatamente a imagem de Evan surgiu em minha mente. Respirei fundo, em seguida, abri a porta para entrar no consultório.

– Senhorita Brooks – chamou a secretária, instantes depois. - O doutor King irá atendê-la.

Pisquei. *Como é?*

– Queira me acompanhar, por favor. – concluiu.

Antes que eu pudesse dizer ou sequer raciocinar qualquer coisa, a secretária me encaminhou em direção a uma sala onde um simpático senhor de meia idade me aguardava. Imediatamente reconheci seus intensos olhos azuis e seu rosto da foto que vi anteriormente no consultório de Evan.

– Senhorita Brooks, por favor. – disse docemente, me

indicando a direção.

– Obrigada por me receber doutor King, imagino que essa consulta tenha sido um encaixe. – disse sentando-me.

–As prioridades do meu filho são as minhas, senhorita Brooks. – pisquei e ele continuou me olhando intensamente. – Evan me disse que vocês são grandes amigos.

Seu tom era, ao mesmo tempo, de pergunta e afirmação e balancei a cabeça sem saber ao certo o que dizer. Mas o que havia de errado comigo? Pigarreei.

– Sim, Evan e eu somos amigos e ele também é meu médico. Estou com um problema no meu ombro que ele está tentando resolver.

– Evan não tenta, Evan consegue senhorita Brooks. – engoli em seco e ele concluiu com um sorriso encantador. – você está em excelentes mãos.

Mãos... As mãos de Evan realmente eram excelentes. Balancei minha cabeça e o doutor Nathan King se dirigiu ao seu Mac Book enquanto eu pensava na minha situação. Eu estava prestes a obter respostas sobre o grande enigma da minha vida. Era fato. A sorte estava lançada.

Doze

Após fazer algumas perguntas pessoais e digitar em seu Mac, o doutor Nathan King me forneceu algumas informações.

– Senhorita Brooks, sou neurologista e chefo grandes equipes de pesquisadores. Na verdade, temos grandes centros de pesquisas, eu e o meu filho, cada um na sua especialidade. – disse com certo orgulho.

– Achei que aqui fosse um centro de ortopedia. Pelo visto, me enganei completamente.

Ele sorriu balançando sua cabeça. – Certamente, senhorita Brooks. Vejo que Evan não tem sido um bom amigo. – engoli em seco e ele continuou. – Parece que ele não lhe mostrou todo o complexo.

Complexo? Realmente eu estava em outro bloco e sacudi a cabeça ao ter esta constatação. O doutor continuou.

– Evan chefia o setor de Ortopedia e Traumatologia, eu o de Neurologia, e temos mais dois centros, além das pesquisas: o de Fisioterapia chefiado pelo doutor Walker e o de Radiologia e Diagnóstico por Imagem pela doutora Hill.

Doutora? Remexi-me desconfortavelmente na cadeira ao lembrar-me da rainha inglesa entrando no elevador de jaleco. Seria ela? Ele continuou.

– O centro de Radiologia acaba atendendo aos nossos, na

verdade, e trabalhamos diretamente com eles. O doutor Walker faz um excelente trabalho com Evan, então você deve estar se perguntando o que um centro de Neurologia faz no meio disso tudo. – disse ternamente, respondendo em seguida.

– Eu comecei tudo isso aqui, senhorita Brooks. Você nem sonhava em nascer. – ele apontou seu indicador em minha direção e foi inevitável não me lembrar de Evan. Como eles eram parecidos. Sorri.

– Evan sempre quis ser médico, mas sua especialidade foi diferente da minha. – disse pensativo. – Bom, aqui estamos! – Concluiu após alguns instantes, levantando os braços.

– Então, senhorita Brooks, após esta breve explicação que deve tê-la entediado bastante, vamos falar sobre o seu caso.

– Por favor, doutor King! Não fiquei entediada! De forma alguma! – Respondi agitada e ele sorriu docemente. Ele era tão encantador!

– A senhorita é muito gentil. – seus lábios estavam curvados num terno sorriso até ele ficar sério de repente e me olhar profundamente. – Evan me contou sua história. – engoli em seco mais uma vez e ele continuou. – E é por isso que você veio a mim. Ainda não é a hora de procurar um especialista em Huntington, se é que algum dia será.

Pisquei. – O senhor diz isso por que eu ainda não fiz o tal teste genético?

Ele assentiu. – Senhorita Brooks, sem a certeza do teste

não há como dizer que você é portadora de Huntington, ainda que seja descendente direta de uma pessoa que tenha sido acometida pela doença. Você está em risco, e essa é a única certeza que podemos ter.

Olhei de um lado para o outro. Eu estava nervosa, aquela informação era totalmente nova. Durante todos esses anos eu acreditei piamente que não haveria escapatória para mim e desde o momento em que Evan explicou-me, isso girava ciclicamente em minha cabeça.

– Por ser uma doença geneticamente dominante, eu sempre acreditei que seria portadora – disse baixo, balançando a cabeça e fechando os meus olhos. Só eu sabia o sofrimento que passei.

– Ser geneticamente dominante não significa que você está condenada, e sim, que somente uma cópia do gene defeituoso é necessária para que você tenha a doença. – balancei a cabeça e ele concluiu. – Eu sinto muito que tenha pensado diferente durante todo esse tempo.

Era impressionante, eu havia recebido essa informação do médico que cuidou de minha mãe. Várias vezes, inclusive. Será que houve erro médico em relação ao seu caso? Será que ela poderia ter vivido por mais tempo? Balancei a cabeça, eu não queria pensar naquilo. Eu precisava me concentrar.

– Como funciona tudo isso, doutor?

– Você já possui um gene normal e pode, com toda a

certeza, obter o normal herdado de sua mãe também. A probabilidade é de cinquenta por cento. – assenti e ele continuou. – Eu lhe indicarei o teste genético, é um procedimento simples. Será colhida uma amostra de sangue e dentro de algumas semanas teremos o resultado.

– E se eu for portadora, quanto tempo eu terei? – Perguntei mais agitada do que deveria. A verdade é que eu estava apavorada ali, não queria ficar como minha mãe ficou.

O doutor Nathan King me olhou ternamente e era impressionante a tranquilidade que ele emanava. Ele deu um pequeno sorriso antes de começar a falar.

– Vamos por partes. – disse pegando uma folha de papel e uma caneta e, diferente de Evan, ele não era canhoto. – sou um excelente médico, mas um péssimo desenhista, por favor, tenha compaixão. E boa vontade. – disse com uma piscadinha e eu não pude deixar de sorrir.

–Cada célula humana contém vinte e três pares de cromossomas e em cada par, um cromossoma é proveniente da mãe e outro do pai. Huntington é uma doença dominante por que é preciso apenas uma cópia do gene defeituoso para que ela se manifeste. – balancei a cabeça assentindo e ele continuou fazendo os seus círculos no papel.

– Em um desses cromossomas, há o gene que codifica uma proteína chamada *huntingtina* – disse fazendo um círculo maior e escrevendo três letras dentro dele enquanto dizia o seu nome: *htt*.

– Na primeira parte desse gene, existe uma sequência que irei chamar de “CAG”. – e prosseguiu, me olhando profundamente. – É a quantidade de repetições de CAG que caracteriza o gene defeituoso e define se uma pessoa é portadora de Huntington ou não.

Engoli em seco, remexendo-me desconfortavelmente na cadeira. – E qual é essa quantidade, doutor?

– Acima de quarenta repetições é, sem dúvida alguma, um gene defeituoso. Resultados entre trinta e seis e trinta e nove também são considerados anormais, porém, há grandes chances da pessoa ser afetada muito tarde, ou até mesmo nunca.

Franzi o cenho, aquilo era muito confuso.

– Quer dizer então que para eu estar realmente livre disso, eu preciso ter um resultado abaixo de trinta e seis. – afirmei de forma nervosa e o doutor King me olhou por instantes antes de responder.

– Resultados entre vinte e sete e trinta e cinco repetições de CAG são considerados normais, porém, há um pequeno risco de que essas repetições aumentem em gerações futuras. – eu estava chocada e ele continuou. – Um resultado abaixo de vinte e sete repetições é considerado absolutamente normal.

Recostei-me na cadeira, exausta. Pelo o que eu havia entendido, se eu tivesse um resultado entre vinte e sete e trinta e cinco repetições, estaria livre, mas, talvez não fosse prudente

ter um filho. Bom, a verdade é que eu nunca havia pensado em ter um filho.

– Quanto maior o número dessas repetições, mais cedo se apresentam os sintomas.

O doutor King concluiu interrompendo os meus pensamentos e eu balancei a cabeça me lembrando de minha mãe. Ela tinha a minha idade quando começou a apresentar os sintomas. O doutor Nathan me olhou seriamente.

– Somente falaremos em Huntington após o teste genético, por enquanto, você se encontra no grupo de risco e não há nada que comprove que você é portadora. – e recostando-se em sua cadeira, sorriu ternamente antes de concluir. – Um dia de cada vez, senhorita Brooks.

Carpe Diem. Não pude deixar de pensar.

Fiquei um bom tempo com o doutor Nathan King. Conversamos bastante, falei sobre a progressão da doença de minha mãe e sobre minha própria saúde. Ele me fez uma “anamnese completa”, conforme ele mesmo disse com seu sorriso encantador, e após me informar que sua secretária marcaria o meu teste genético, saí de seu consultório me sentindo aliviada, por mais incrível que isso pudesse parecer. Não havia nada de concreto em minha situação, nenhuma resposta positiva, nada... Porém, havia algo que eu não tinha antes: *esperança*. E se ela era a última que morria, podíamos dizer que eu estava renascendo ali.

Segui para a fisioterapia, onde fui recebida pela senhora White que, entre uma conversa e outra, me revelou ser assistente direta de Evan. *Por isso ela está em todos os lugares.* Pensei.

Fiz todos os procedimentos, recebi sua “massagem milagrosa” e o seu sorriso encantador quando eu lhe agradei na hora de ir embora.

Evan não havia aparecido em nenhum momento e eu cheguei a cogitar deixar um recado agradecendo ao encaixe da consulta. Mas o que afinal estava acontecendo comigo? Balancei a cabeça e me despedi da senhora White.

– Até amanhã senhorita Brooks. – quase revirei os olhos mediante seu tom levemente acusatório.

No momento em que me virei para sair, um negro charmoso, cabeça raspada e olhos escuros, vestido em seu jaleco impecavelmente branco entrou. Ele aparentava ter a idade de Evan.

– Senhorita Brooks. – disse, vindo em minha direção. – Como se sente?

Ele tinha uma prancheta em sua mão, que não pude deixar de olhar, e levantou-a em minha direção.

– Evan me enche a paciência para que eu use um *tablet*, mas, digamos que eu seja um pouco antiquado. – respondeu sorrindo, me estendendo sua mão. – Mark Walker.

Então esse era o doutor Walker.

– Muito prazer, doutor. Angelina Brooks, mas isso o senhor já sabe.

– Por favor, sem formalidades. – pisquei. – E o seu ombro?

– Após receber a bela “massagem” – disse fazendo gestos com as mãos indicando aspas – da senhora White, não há como não me sentir maravilhosamente bem.

O doutor Walker deu um sorriso encantador. Ele era um homem muito bonito. – As mãos de Dorothy são mágicas!

Assenti e ele me informou que estava trabalhando diretamente com Evan no meu caso. Estremeci ao ouvir o seu nome pela segunda vez em menos de um minuto. Onde ele estaria? E por que eu estava preocupada com isso?

– Vamos torcer para que dez sessões de fisioterapia sejam suficientes. Sou fisioterapeuta, mas reconheço que não é nada agradável fazer esses procedimentos todos os dias. – e chegando perto do meu rosto, como quem revela um segredo, concluiu com uma piscadinha. – Tirando as mãos de Dorothy, é claro.

Sorri.

– Até amanhã, senhorita Brooks. – Por que seu tom era tão acusatório quanto o da senhora White?

Após me despedir do doutor Walker, cheguei à garagem, em direção ao meu Audi e levei um baita susto. Em pé,

encostado no meu carro, vestido com uma calça jeans e camisa de manga comprida branca, braços cruzados a frente do corpo, estava Evan, que me recebeu com um largo sorriso.

– Desculpe, não quis assustá-la. – eu estava com a mão em meu peito, tentando me recuperar. – Eu gosto de onde sua mão está. – disse se aproximando e o seu cheiro másculo me invadiu.

– Evan, por favor. – Cristo! Ele já estava praticamente em cima de mim. – você realmente me assustou.

– Desculpe. – pediu mais uma vez levando a mão à cabeça e me olhando de forma tão sexy, que senti um frio na barriga.

Que merda era aquela de frio na barriga?

Abri a boca para falar alguma coisa, mas sua língua foi mais rápida do que a minha. Em segundos, ela estava dentro de mim me silenciando completamente.

Evan me beijou e, apoiando sua mão em minha nuca, levantou o meu cabelo, puxando-me para si. Pensei no quanto aquilo era louco e que eu deveria me afastar imediatamente, quando senti seu pau na minha entrada. Foi o suficiente para todos os pensamentos se dissiparem imediatamente.

Ele encostou o meu corpo em meu próprio carro e sua mão varreu o meu rosto, sua boca mordendo a minha.

– Como foi sua consulta? – Perguntou enquanto me beijava.

–Você quer mesmo que eu te responda agora? – Rebatí.

Evan sorriu deliciosamente. – Eu já sei como foi sua a consulta Angelina. – respondeu me olhando intensamente e, contornando meus lábios com seu dedo, concluiu. – Tudo ficará bem.

Mal processei suas palavras, ele me beijou novamente. Sua mão percorreu minha coxa, levantando o meu vestido, seu dedo em minha abertura por cima da calcinha.

– Eu tenho planos para esta noite, Angelina.

Putá merda! Balancei a cabeça. Eu precisava ir para casa e não queria que Evan viesse comigo. Merda! É claro que queria Evan comigo!

– Iremos realizar suas fantasias hoje. – ele concluiu com voz rouca.

Fantasias? – Evan, me desculpe, mas não gostaria que fôssemos para minha casa hoje.

Ele sorriu maliciosamente. – E quem disse que iremos para sua casa, Angelina?

Pisquei. – Tão pouco gostaria de ir para a sua. – respondi levantando minha sobrancelha.

Evan sorriu mais ainda. – Você é duro na queda, senhorita Brooks. – disse mordendo o lábio, e apertando minha mandíbula, concluiu. – mas eu gosto.

Evan mordeu meu lábio após contorná-lo com a língua. – E, para a sua informação, não iremos para casa. – e virando o pescoço de lado enquanto sua mão ainda apertava minha mandíbula, concluiu. – Pelo menos por enquanto.

Balancei a cabeça, eu estava zozza. Que merda era aquela? Ele esticou sua mão em minha direção. – A chave do seu carro.

Como é? Abri a boca, mas o filho da puta concluiu com um sorriso sedutor. – Por favor?

Franzi o cenho pegando a chave na minha bolsa e segui ao banco do motorista.

– Você não irá dirigir o *meu* carro! Era só o que faltava!

Eu estava realmente irritada – e excitada – com sua ousadia. *Doutor de merda!* Pensei.

Evan sorriu mais ainda. Qual era a porra do problema dele, afinal? Ele puxou o meu braço, colando o seu corpo junto ao meu. Arrancando a chave de minha mão, sussurrou perto de minha boca.

– E quem disse que iremos no *seu* carro, senhorita Brooks?

Completamente chocada, vi Evan colocar *minha* chave em seu bolso, enquanto me puxava pela mão em direção ao Porsche escuro metálico estacionado ao lado do meu.

– Por favor. – disse me indicando a direção assim que

abriu a porta e, por incrível que pareça, eu entrei.

Evan deu partida, parando na entrada da garagem onde o leão de chácara que eu havia visto na boate na outra noite o cumprimentou.

– Doutor King.

Balancei a cabeça confusa.

– James, por favor, leve o carro da senhorita Brooks para casa. Enviei o endereço para o seu celular.

– Sim senhor.

Quem era esse James, afinal? Fechando o vidro do carro, me olhou passando a língua nos lábios.

– Vamos nos divertir, senhorita Brooks.

Evan saiu da garagem e o modo como dirigia me excitou de tal forma, que quase apertei minhas coxas. Ele segurava o volante com tanta força... Balancei a cabeça.

– Você está bem? – Perguntou com um sorriso sacana. – Excitada, Angelina?

– Você é um bom filho da puta, sabia?

Evan pareceu chocado. – Uau! Ninguém nunca disse isso para mim. – respondeu parecendo se divertir.

– Prazer, meu nome é Angelina Brooks. – respondi levantando minha sobrancelha.

– Sim, a mulher mais sexy de todos os tempos. – ele respondeu e aquilo me desconcertou, não esperava por essa. O pior de tudo é que senti o meu rosto esquentar, que absurdo.

Evan sorriu mexendo em alguns botões de seu carro. – Música?

Ele abriu a capota no momento em que “*Hold back the water*” de Bachman Turner Overdrive tocou alto em nossos ouvidos, me fazendo sorrir.

– Seu gosto musical é excelente! – Disse me recostando no banco.

– Só ele? – Perguntou um tanto petulante.

– Isso também é excelente. – respondi segurando o seu pau quando o sinal fechou. Se ele queria guerra, Angelina Brooks iria à guerra. Evan sorriu.

– Uma noite apenas, Angelina. – respondeu me olhando seriamente, e segurando em minha nuca, puxou-me em sua direção. – Mais uma.

Evan mordeu o meu lábio e quando o sinal abriu, largou com seu Porsche pelas ruas de Nova York, a marca dos seus lábios nos meus. Uma noite apenas, e ela estava só começando.

Treze

Evan parou o seu Porsche em frente à *Pink Elephant* e, antes que eu pudesse pensar, alguém abriu minha porta para que eu saísse. Que merda era aquela? Ali era o *meu* lugar!

Eu ainda tentava entender a situação quando senti sua mão na minha, enquanto ele jogava a chave para o manobrista, me olhando em seguida.

– Vamos nos divertir Angelina.

Lá dentro a batida era intensa, Evan me puxou pela mão em direção ao bar.

– O que irá beber? – Perguntou muito perto da minha boca. Perto demais, eu diria.

– O de sempre. – respondi.

Uma boa dose do meu velho Jack cairia muito bem. Evan sorriu e aquilo me atingiu no âmago. Colocando uma mecha do meu cabelo atrás da orelha, disse com ternura.

– Angelina, vamos nos manter sóbrios hoje. Afinal, nós temos um acordo.

Merda! Eu havia esquecido que durante duas semanas, devido ao meu tratamento para o ombro, eu não poderia colocar uma gota de álcool na boca.

– Tudo bem, não sou nenhuma alcóolatra. Posso

perfeitamente deixar de beber durante duas semanas.

– Você pode beber Coca-Cola.

Eu não pude acreditar naquilo e quando iria mandá-lo à merda, Evan sorriu de forma encantadora, me puxando para o balcão para total horror de John, o barman, que arregalou os olhos quando me viu com o rei da selva.

– Uma água tônica com gelo e limão para mim, John. E você? – Perguntou se dirigindo a mim e revirei os olhos.

– A mesma merda, John.

Evan sorriu e John pareceu confuso, pegando as bebidas. Dei uma boa olhada em volta, a pista fervia e a batida da música excitava. Senti o ar quente em minha orelha e a mão de Evan em minha cintura.

– A boate está lotada Angelina.

Cristo! Imediatamente vi o copo de água tônica na minha frente que Evan me estendeu, enquanto me virava em sua direção.

– O que iremos brindar? – Perguntou.

Dei de ombros e ele concluiu. – Vamos brindar a esta noite, Angelina. – e, aproximando-se de meu rosto, concluiu. – Mais uma.

A batida da música era intensa e deliciosa e foi inevitável não me lembrar de Tray. Fiz uma careta. Merda! Eu precisava

mandar mensagem para ele.

Saquei meu celular e Evan olhou curioso.

– Preciso avisar ao Tray que correu tudo bem na consulta.

Ele sorriu. – Justo.

“A consulta foi ótima, estou mais tranquila. Detalhes amanhã. Noite agitada. Bj.”

Mal acabei de enviar, sua resposta pingou em meu celular.

“Humm vejo que está em posse de outro médico agora. Detalhes amanhã então e pode escolher sobre qual deles quer falar primeiro. PS. Não precisa enviar resposta me mandando ir à merda. Amo você.”

Não pude deixar de rir, Tray era impagável. Provei a bebida e logo fiz uma careta.

– Eu sou capaz de ficar bêbada com essa merda! – Disse levantando o copo e Evan sorriu.

– Você me diverte, sabia? – Disse em algum momento.

– Que bom. – dei de ombros e ele concluiu muito perto de mim.

– É verdade. Você me diverte.

Pisquei. Que olhar era aquele? E seu cheiro invadindo os meus sentidos mais uma vez?

– Você me diverte e me excita Angelina. – sussurrou em meu ouvido, levando o seu copo à boca sem tirar os seus olhos dos meus.

Lancei lhe um sorriso perverso, passando a língua em torno da borda do meu copo, antes de beber e Evan arregalou os olhos. *Sim, eu também sei fazer esse jogo, doutor King.* Pensei e pagando-o pela mão, disse muito próximo de sua boca.

–A noite é uma criança, Evan. – e com uma piscadinha, conclui. - Vamos dançar.

A pista fervia ao som *Rave* e a batida era realmente sedutora. As pessoas dançavam livremente, corpos suados, com suas garrafas luminosas em suas mãos. Eu logo me entreguei à festa e, para minha surpresa, Evan também.

Dançamos durante horas e suas mãos passeavam pelo meu corpo sem nenhum pudor. Ele segurou meu rosto e, seguindo à minha nuca, me puxou em sua direção, sua boca colada na minha.

Evan me beijou alucinadamente no meio da pista, na frente de todos e sussurrou palavras sujas em meu ouvido enquanto dançávamos. É claro que tudo isso me excitou totalmente. Seus dedos roçavam minha pele pelo decote do meu vestido em minhas costas e eu juro que iria enlouquecer ali.

– Venha, você precisa se hidratar. – disse em meu ouvido,

me puxando pela mão em direção ao bar mais uma vez.

– John, água mineral, por favor.

Não era possível que ele estivesse escolhendo a minha bebida.

– Escute aqui... – Antes que eu pudesse continuar, Evan me silenciou com seu beijo da morte. Sim, aquele beijo ainda iria me matar. Eu sentia sua língua dentro de mim e seu pau na minha barriga.

– Eu não quero que sua garganta fique seca. – disse me estendendo o copo. Que merda era aquela?

Eu realmente estava com sede, mas não queria dar o braço a torcer. Por que Evan King tinha que me irritar tanto?

– Angelina. – sua voz em meu ouvido. *Put a merda!* – Backstage.

Mal processei suas palavras, Evan me puxou pela mão andando feito um louco pela boate. – Hora de realizar suas fantasias. – disse de forma rude e eu tremi.

Eu sabia o que era o Backstage, mas não podia acreditar que ele estivesse me levando para lá, um setor privado, altamente V.I.P..

Ele estava louco?

O lugar era escuro e somente as luzes que refletiam no ambiente tornavam possível ver alguém por ali, mas dava para

ter acesso à vista de toda a boate de onde estávamos.

Evan segurou minha mandíbula, pressionando o meu corpo contra a parede com violência, sua boca em meu ouvido.

– Eu vou te foder forte e duro aqui, na frente de todo mundo Angelina. Você gosta disso?

Cacete! Antes que eu pudesse responder, seu dedo me invadiu. Cristo! Quando ele subiu o meu vestido?

– Molhada. Do jeito que eu gosto.

A batida ecoava e as pessoas dançavam sem se importar com o ambiente alheio e Evan estava ali, me torturando com seus dedos implacáveis e o seu beijo da morte. Eu não podia ficar atrás, é claro.

Levei minha mão à sua calça e o segurei firme por cima do tecido. Evan estava duro como um porrete e gemeu quando eu o toquei.

–Tsctstsc... Nada disso, meu Anjo. Quem manda aqui sou eu!

Filho da puta!

Antes que eu pudesse protestar, sua mão agarrou as minhas, levando-as acima de minha cabeça, enquanto a outra torturava o meu clitóris.

– Olhe essas pessoas Angelina. – rosnou em minha boca.

Meu Deus!

A batida continuava frenética enquanto Evan me atormentava. Eu estava quase lá.

– Você vai gozar. – disse contornando meus lábios com a língua antes de concluir. – Agora, Angelina.

A batida em minha cabeça, a voz de Evan em meu ouvido, seu cheiro invadindo os meus sentidos e seus dedos dentro de mim, combinada às preliminares que começaram naquela maldita pista... Ou foi desde o momento em que o vi encostado no meu carro, braços cruzados à frente do corpo, olhos colados nos meus? Eu não sei, só sei que explodi forte, caindo em seus braços enquanto ele me beijava alucinadamente. Sua língua dentro de minha boca explorando todos os espaços, mordendo o meu lábio.

– Eu ainda não terminei com você. – disse pegando o preservativo em seu bolso e eu não pude acreditar. – Você quer ser fodida aqui na frente de todo mundo Angelina?

Perguntou petulante com o envelope na mão, aguardando a minha resposta para rasgá-lo e rolar em seu comprimento. Era impressionante como eu estava excitada. Eu realmente acreditava que eu era o ser mais promíscuo do mundo, até conhecer Evan King. Ninguém, eu digo, *ninguém* foi tão longe comigo como ele naquele momento.

Olhei em volta, pessoas dançavam, outros se beijavam e ainda havia quem estivesse apenas bebendo, curtindo o ambiente. Algum daqueles rostos, ou alguns, na verdade, poderiam estar nos vendo agora. Meu ventre se contorceu com

esse pensamento.

Olhei Evan na minha frente. O azul de seus olhos reluzia em minha direção com as luzes que piscavam, sua boca malditamente deliciosa estava curvada num sorriso sacana e sua mão perfeita ainda segurava o envelope do preservativo. Eu queria esse homem. Queria tudo aquilo que estava fazendo comigo. Olhei seu corpo, sua camisa branca que refletia mil cores e a ereção em sua calça, seu pau pronto para sair e entrar em mim. Sim, eu queria aquilo, exatamente da forma como Evan King falou.

Num movimento rápido, tirei o preservativo de sua mão rasgando o envelope com os dentes, abrindo sua calça e puxando-o para fora, rolando em seu comprimento, enquanto dizia praticamente grudada em sua boca.

– Sim, eu quero ser fodida aqui, na frente de todo mundo Evan, resta saber se *você* deseja isso.

Evan segurou minhas mãos com força, enquanto a outra apertava o meu pescoço.

– Eu quero você Angelina, sempre. De todas as formas, não importa o lugar.- Eu ainda processava suas palavras quando seu joelho separou minhas pernas e sua mão desceu pelo meu corpo, beliscando meu seio por cima do tecido do meu vestido, antes de apertar minha coxa.

– Bem forte Angelina. – rosnou, sua mão afastando minha calcinha minúscula, seu dedo roçando o meu clitóris. – Bem

forte, do jeito que você gosta.

Evan King me penetrou duro e rude, apertando minhas mãos acima da minha cabeça, enquanto a outra segurava minha perna, seus lábios mordendo os meus.

– Na frente de todos Angelina. Será que tem alguém olhando?

Arfei.

Eu iria surtar em questão de segundos. Era incrível o prazer que eu estava sentindo. Evan saía devagar e entrava rapidamente em mim. Fechei meus olhos por segundos, o suficiente para sentir sua mão em meu cabelo, puxando o meu rosto para cima.

– Olhe Angelina, eu quero que você olhe em volta.

Cacete!

Espalmei minha mão em seu traseiro perfeito, trazendo-o mais para dentro de mim, mordendo o seu ombro por cima da camisa. Olhei para frente e o que vi me deixou incrivelmente chocada por segundos. Um homem que levava seu copo à boca parou para nos olhar. Arregalei meus olhos e senti o ar quente em meu ouvido.

– Já nos acharam, Angelina?

A batida ecoava mais forte, Evan penetrava mais fundo, sua voz em meu ouvido me dizendo palavras sujas enquanto o desconhecido não piscava, olhando em nossa direção.

– É homem ou mulher? – Evan quis saber.

–Homem. – respondi petulante e ele sorriu, segurando minha mandíbula com força.

– É bom que seja homem e que veja que você pertence a mim! – Aquilo era absurdo, mas eu estava excitada demais para contestar. Evan me apertou mais forte enquanto rosnava em minha boca entreaberta. – você pertence a mim.

Eu explodi. Mais uma vez e Evan veio logo atrás.

– A mim! – Rosnou mais uma vez, acariciando o meu rosto, beijando o meu pescoço, deixando sua cabeça ali. Nossas respirações estavam entrecortadas e agora eu entendia o porquê da água. Minha garganta estava seca.

Olhei à frente, mas o desconhecido havia sumido. Evan saiu de mim e me senti estranhamente vazia. Com a mão, posicionou minha calcinha no lugar e abaixou o meu vestido com a maior facilidade, antes de tirar o preservativo e descartá-lo num pequeno envelope plástico que estava em seu bolso. Arqueei minha sobrancelha e ele deu de ombros, perguntando se eu estava bem. Assenti. Como não estaria?

– Vamos comer alguma coisa, você deve estar com fome.

Demos a volta em torno da área V.I.P. e Evan seguiu em direção à mesa reservada em seu nome. Balancei minha cabeça.

– Eu preciso usar o toalete.

Evan sorriu. – Eu também. Encontro você aqui.

Assim que saí, ele puxou o meu braço, sua boca em meu ouvido mais uma vez.

– Eu ainda não terminei com você, Angelina.

Disse antes de seguir em direção ao banheiro, me deixando completamente atordoadada no meio do salão. Pisquei confusa. Onde estaria Angelina Brooks, afinal?

Quatorze

Entrei no luxuoso banheiro rapidamente e me olhei no espelho. Embora o meu vestido estivesse impecavelmente no lugar, meus lábios estavam vermelhos e inchados, meu cabelo desarrumado e os olhos arregalados. Era fato: Evan King tinha, mais uma vez, me virado do avesso.

A música alta invadiu o ambiente mais forte quando a porta abriu e duas mulheres entraram completamente bêbadas. Abri a torneira e molhei um pouco o rosto na tentativa de diminuir o meu calor. Não adiantou, é claro. Ele vinha de dentro para fora.

Após alguns minutos, retornei à mesa e Evan já estava lá. Ele parecia tão controlado e seguro de si, assim como eu. A diferença é que eu estava uma pilha.

– Tomei a liberdade de pedir outra água tônica para nós dois. Tudo bem ou você prefere outra coisa?

Foi impressão minha ou ele enfatizou o “nós dois”? Dei de ombros.

– Está ótimo.

Durante algumas horas, Evan e eu conversamos banalidades enquanto comíamos *sashimis* e bebíamos água tônica. Ele perguntou como foi minha reunião importante e contei sobre Di Massi, do quanto o queria na Brooks Editora e

no quanto lutamos, eu e Tray, para conseguir isso.

– Uau Angelina! Isso realmente merece um brinde! – Disse de forma encantadora levantando o seu copo e eu retribuí.

– Vamos fazer uma brincadeira? – Propôs de repente e senti uma comichão pelo meu corpo pensando que tipo seria. Evan sorriu antes de continuar. – Nada demais, mas eu gostaria de saber um pouco mais sobre você.

Engoli em seco me sentindo desconfortável. Era impressionante, mas a cada sinal de proximidade entre mim e Evan, eu ficava tensa.

– Relaxe senhorita Brooks, não pedirei sua senha bancária. – disse com uma piscadinha. – A brincadeira é simples: eu digo uma palavra e você completa com algo de sua preferência. Então eu digo o meu, e você faz o mesmo comigo.

Sorri. Isso poderia ser interessante.

– Ok. – respondi me recostando no sofá.

– Filme? – Evan começou.

–O Colecionador de Ossos. – mandei e Evan arqueou a sobrancelha. O que ele esperava? Romeu e Julieta ou um conto da Disney? – Sua resposta.

Ele me olhou por instantes antes de responder.

– O Poderoso Chefão.

É claro. Pensei sorrindo.

– Sua pergunta. – disse, levando um sashimi à boca e a forma como segurou o hashi fez meu ventre se contrair.

–Música?

– I am you, do Depeche Mode. – rebateu, me olhando profundamente. Que merda era aquela? – E a sua?

Balancei a cabeça e sorri ao me lembrar de Tray. – You shook me all night long do AC/DC. – e levando o copo à boca, concluí. – Tray diz que é a minha cara.

Evan deu um sorriso sedutor. – Realmente você faz tudo sacudir, Angelina. – disse passando a língua nos lábios. – Cor?

Eu ainda tentava me recuperar do que disse e da imagem de sua língua em seus lábios. Pisquei. Eu precisava me concentrar.

– Preto.

Ele sorriu. – É claro, você não é o tipo de mulher que gosta de rosa. – disse me analisando, até por fim, concluir. – É a minha também. Comida?

– Emma! – Respondi sorrindo, levantando as mãos. – Desculpe, mas falou em comida eu prontamente me lembro de Emma!

Evan soltou uma gargalhada deliciosa.

– Posso entender o porquê. Eu gosto de comidas apimentadas.

Humm. – Bom, eu poderia te perguntar sobre sua bebida preferida, mas, conforme me disse antes, *parece que compartilhamos do mesmo gosto para bebidas.*

Falei, imitando-o de forma afetada e Evan assentiu, balançando a cabeça. – Bem forte Angelina.

Putá merda! Cruzei e descruzei minhas pernas.

– Lugar? – Perguntei.

– Minha casa.

Eu sorri. Era o meu lugar também.

– Um momento? – Perguntou e eu pisquei. O jogo estava ficando mais sério ou era impressão minha? Não sabendo exatamente o que responder, decidi ganhar tempo.

– Bom ou ruim?

– Algo que você pudesse definir como um grande momento na sua vida, algo bom, especial. – perguntou com seus olhos cravados em mim.

– Quando consegui erguer a Brooks Editora.

Aquele realmente foi um grande momento para mim, havia trabalhado dias e noites para, finalmente, ter minha empresa e minha estabilidade financeira, para realmente ser *dona da minha vida*, algo que nunca havia conseguido antes. Sem dizer nada disso a Evan, balancei a cabeça e concluí.

– Foi especial, muito especial. – completei. – E o seu?

–Agora.

Olhei-o sem saber o que dizer enquanto ele, calmamente, pegou o seu copo e levou-o à boca. Era a minha vez e eu precisava me concentrar. Evan queria saber algumas coisas sobre mim e, por mais que eu quisesse negar, o fato é que também queria saber sobre ele. Após pegar um sashimi, perguntei sem rodeios.

– Um momento para esquecer?

– Harvard.

Respondeu-me prontamente e lembrei-me de quando disse que Harvard havia sido um momento difícil. Imediatamente me arrependi da pergunta e o que Evan fez em seguida, foi um soco na boca do meu estômago.

– Você não precisa responder essa. – abri a boca chocada e ele concluiu com ternura. – Acredito que eu já saiba a resposta.

Enchendo o seu copo, continuou. – Um momento embaraçoso?

Agora? Pensei, e com um sorriso amarelo, respondi.

– A primeira vez que encontramos você aqui. – Evan se surpreendeu e eu continuei. – Quando Tray o chamou para se juntar a nós.

Evan soltou outra gargalhada deliciosa. Cristo! Primeiro o sorriso, agora a gargalhada e ambas me encantando

profundamente. Eu precisava me manter nos eixos.

– Eu percebi o quanto você ficou furiosa com a minha presença. – disse sorrindo, enquanto pegava mais um sashimi.
– O que contarei aconteceu há muito tempo, mas, para mim, foi a situação mais embaraçosa da minha vida.

Eu o olhava em expectativa e Evan começou.

– Eu era adolescente, tinha... O quê? Uns dezesseis anos, talvez... Não me lembro, mas eu saía com uma garota. Ela era meio maluquinha, na verdade.

Não pude deixar de rir e ele continuou.

– O fato é que ela tinha uma irmã gêmea, mas eu não sabia. – levei minha mão à boca, imaginando a bomba que estava por vir.

– O problema era que a tal gêmea era a fim de mim. Eu não sei muito bem como ela armou tudo, mas, o fato é que descobri que ela não era a tal irmã quando comentei que não tinha percebido o sinal que ela tinha em sua bunda.

Eu não pude acreditar naquilo. – Evan! Como você não percebeu que não era a mesma?

–Eu era um moleque, um idiota e nem estava tão a fim da garota assim... – deu de ombros. – Enfim, foi uma situação embaraçosa, na verdade. – concluiu coçando a cabeça.

Por um motivo o qual não sei explicar, desatei a rir descontroladamente e Evan também. Em algum momento,

levantei minha sobrancelha.

– Dezesseis?

Evan deu de ombros. – Sua vez, senhorita Brooks. – disse pegando o seu copo.

Pensei. O fato é que, embora parecesse inofensiva, essa era uma “brincadeira” perigosa, uma vez que tínhamos que responder também as perguntas que fazíamos. Evan havia sido um cavalheiro comigo e eu não podia dar bandeira novamente.

A merda é que me lembrei da tal rainha loira da Inglaterra. É claro que eu queria saber quem ela era, mas não iria perguntar uma coisa dessas. Sacudi a cabeça na tentativa de espantar esses pensamentos idiotas.

– Uma viagem inesquecível?

– Tibet. – respondeu pensativo e, após alguns instantes, continuou. – Eu havia perdido minha mãe um mês antes, acidente de

carro. – ele balançou a cabeça e fechou seus olhos rapidamente. – Eu fui pra lá em busca de respostas... – e, pegando o seu copo, apontou sua cabeça na minha direção. – E a sua?

Engoli em seco, pensando se eu deveria perguntar mais detalhes, mas, se ele quisesse, teria aprofundado o assunto, não é? Olhei-o seriamente e disse com toda a sinceridade que sentia muito. Evan sorriu, balançando a cabeça.

– Eu sei que sim. Sua viagem, senhorita Brooks. – e aproximando o seu rosto do meu, concluiu com uma piscadinha. – Não fuja da brincadeira.

Senti um aperto nas coxas e respondi. – Amsterdã no ano passado com Tray.

Evan abriu um largo sorriso. – Posso imaginar vocês dois em Amsterdã.

Lancei meu olhar felino em sua direção e cheguei muito próximo de seu rosto.

– Não, não pode doutor King.

Ele sorriu mais ainda, me olhando profundamente antes de dizer.

– Desejo.

Seu tom não foi de pergunta e somente uma palavra veio a minha cabeça e eu estava olhando diretamente em sua direção. Pigarreei, retornando ao encosto do sofá.

– Algo que nos move. – foi tosco, mas foi a segunda coisa que pensei. – Você? – Perguntei antes que ele pudesse fazer qualquer comentário.

Evan virou seu tronco em minha direção e cruzou suas pernas, levando seu indicador à boca.

– Você, Angelina.

Putá merda! Ele disse e eu não. Evan continuou, o

indicador contornando os seus lábios.

– Impressionante, não é?

Inacreditável, mas não consegui responder nada. Evan sorriu e terminou sua bebida virando o copo de uma só vez.

– Vamos dançar. – disse me estendendo a mão e, sem esperar minha resposta, segurou a minha com força me levantando do sofá.

Seguimos para a pista de dança que fervia mais ainda, a impressão era de que o lugar estava mais cheio. As garrafas luminosas eram sacudidas a todo o vapor pelas mãos de milhares de pessoas que estavam ali com um único objetivo: se divertirem.

Evan segurou minha cintura, me posicionando na sua frente e dançamos por horas. Em algum momento, senti o seu pau na minha bunda e sua mão varreu minhas costas, afastando o meu cabelo. O filho da puta soprou minha nuca e eu arfei, mordendo o lábio.

– Você está deliciosamente suada, Angelina. – sussurrou em meu ouvido.

Fechei meus olhos e instintivamente arqueei meu corpo em sua direção. Evan gemeu.

– Não empine esta bunda deliciosa ou não me responsabilizo pelos meus atos.

Sorri. Evan King era um verdadeiro tarado por bundas.

Como me chamo Angelina Brooks, imprensei-me mais ainda contra o seu corpo.

– Angelina... – disse me repreendendo, mas eu continuei, é claro.

De forma rude, Evan girou meu corpo e segurou minha mandíbula, me olhando profundamente.

– Eu sou capaz de te foder aqui no meio dessa pista, então, não me tente. – rosnou.

Cristo! Como eu estava molhada. Olhei para frente e arregalei meus olhos quando vi o homem que nos observou anteriormente.

– O voyeur está atrás de você. – disse de forma provocante em seu ouvido. Era impressionante como eu estava excitada. Evan sorriu, segurando possessivamente em minha nuca.

– Eu gosto disso. É bom que ele veja que você é minha Angelina. Ele e todos que estão aqui.

Abri minha boca para protestar, mas, mais uma vez, sua língua me calou completamente. Evan me beijou alucinadamente no meio da pista, sua mão em meu rosto, segurando o meu cabelo, a outra varrendo o meu corpo.

–Minha. – disse depois de me beijar. – Vamos nos hidratar.

Seguimos para o bar onde, mais uma vez, Evan solicitou duas águas a John, que desapareceu após nos servir. Eu

estava excitada e era impressionante que eu não tivesse ingerido uma gota sequer de álcool.

–Vamos embora? – Perguntou, instantes depois, após olhar o relógio. Havia um ligeiro tom de promessa em sua voz, como se indicasse que a noite ainda estava longe de terminar. O que ele estaria aprontando?

Assenti e nos despedimos de John que já havia voltado.

Eu estava na frente e Evan me guiava segurando possessivamente em minha cintura. Senti o ar quente eu meu ouvido.

– Você quer ir ao banheiro Angelina?

Perguntou me guiando em direção à porta onde um elefante cor de rosa estilizado indicava o feminino. Parei bruscamente ao ver uma placa.

–Está interditado Evan! – Disse apontando.

O rei da selva lançou um sorriso irônico, virando o pescoço de lado.

– Não Angelina, não está. – disse praticamente me empurrando para dentro do cubículo vazio.

Luxuosamente decorado em preto e rosa, havia algumas cabines e à frente um grande espelho onde eu estivera antes, com uma grande bancada e suntuosos lavatórios. Evan me sentou ali, abriu minhas pernas e sem pudor nenhum, seu dedo me invadiu.

Arfei.

Ele mordeu meu lábio após contorná-lo com a língua e sua outra mão apertou a parte interna de minha coxa com força. Com um movimento rápido, Evan rasgou minha calcinha com as duas mãos, levantando-a como se fosse um troféu.

– Minha. – rosnou colocando-a no bolso de sua calça.

Chegando o meu corpo para frente, abaixou-se, olhos luxuriosos em minha direção.

–É impressionante o que o cheiro da sua boceta faz comigo.

Abri minha boca, completamente excitada, no momento em que a sua me invadiu, me consumindo como se o mundo fosse acabar. *Deus!* Evan ficou em mim por um longo tempo e eu gozei loucamente em sua boca.

Ele me beijava alucinadamente mais uma vez quando a música ficou muito alta de repente, invadindo o ambiente. Por segundos, trocamos um olhar cúmplice e ele me pegou em seu colo, entrando na primeira cabine que viu.

Estávamos ali, eu encostada na parede e Evan na minha frente, sua ereção me torturando e o meu gosto em seus lábios. O lugar encheu e vozes ecoaram pelo ambiente. Eu sabia que algumas mulheres entravam nas cabines, outras retocavam maquiagens e ainda havia àquelas que estavam ali apenas para fofocar.

Nossas respirações estavam aceleradas. Ali era o banheiro feminino e Evan estava ali, com a minha calcinha em seu bolso, de pau duro, com minha excitação em sua boca.

– Shhh... – disse sem produzir nenhum som, levantando o seu indicador aos seus lábios e a outra mão ao bolso, tirando o envelope do preservativo.

Sorri. Eu seria fodida dentro de um banheiro feminino lotado, por Evan King, o rei da selva. Rapidamente abri sua braguilha enquanto ele rasgava o envelope com os dentes, cuspidando de forma sexy o pedaço de papel.

Sua ereção era impressionante e ele rolou por seu comprimento.

– Mas é claro que você vai dar pra ele! – Gritou uma louca dentro do banheiro para outra e Evan mordeu o lábio, seu olhar cravado nos meus. Era impressionante a nossa conexão naquele momento.

– Shh... – disse, mais uma vez sem produzir nenhum som, antes de me penetrar rudemente, levando sua mão à minha boca, abafando o meu gemido.

Evan investia pesado. Uma, duas, três... dez vezes!

– E se abrirem a cabine, Angelina? – Sussurrou em meu ouvido.

Putá merda!

Suas mãos apertaram a minha bunda enquanto eu

cravava minhas unhas em suas costas por debaixo da camisa. Evan mordia o lábio, tentando abafar seus gemidos. Estávamos enlouquecidos ali. Uma de suas mãos continuou na minha bunda enquanto a outra apertou o meu pescoço.

– Não faça -barulho-Angelina. – seus lábios se movimentaram mais uma vez sem som. – Shh...

– O que você faria se essa boate inteira nos visse aqui, Angelina? – Sua voz em meu ouvido e eu juro que iria enlouquecer. – O que você faria se todos pudessem nos ver agora?

Cacete! A voz de Evan no meu ouvido, o falatório das mulheres do lado de fora da cabine e o som abafado da música ao fundo. Eu podia sentir sua respiração no meu pescoço e a ponta da sua língua que torturava a minha pele.

Evan beijou minha boca e foi o suficiente para mim. Explodi e foi um orgasmo tão intenso, tão forte. Pensar em todas aquelas pessoas ali, no homem que nos vira mais cedo e sentir Evan dentro de mim. Sua voz em meu ouvido sussurrando o meu nome, enquanto sua mão apertava a minha nuca e ele se perdia dentro de mim.

Ficamos um tempo abraçados, respirações e corações acelerados, tentando nos recuperar. Em algum momento ele se afastou, acariciando o meu rosto e beijando minha testa, antes de tirar o preservativo e descartá-lo na lixeira. Em seguida, pegou um papel higiênico e me limpou cuidadosamente, sem tirar seus olhos dos meus e, depois com outro, limpou a si

mesmo. Abaixei o meu vestido enquanto ele fechava sua calça.

– Como sairemos daqui? – Perguntou em meu ouvido.

Era inacreditável, mas eu ainda estava excitada. Levantei minha sobrancelha. Evan King era terrível, mas eu também não ficava atrás.

– Pela porta, doutor King.

Evan arregalou os olhos, mas, antes que pudesse dizer qualquer coisa, abri a porta da cabine e o puxei pela mão. Todas as mulheres congelaram ao nos ver passar e enquanto andávamos em direção à saída, uma delas sorriu em aprovação. Dei uma piscadinha em sua direção e saímos do banheiro rumo à saída. Estávamos em Nova York e ninguém liga se alguém trepa no banheiro feminino de uma boate.

Chegamos ao lado de fora e, como sempre, a fila ainda era grande para entrar. Evan me puxou pelo braço e rosnou em meu ouvido.

– Eu não sei quem é pior. Eu ou você.

Sorri levantando minha sobrancelha e ele continuou me pegando pela mão.

– Vamos para casa Angelina. A noite é uma criança e nós ainda precisamos terminar a nossa brincadeira.

Quinze

Aquela noite foi intensa. Fomos para a minha casa e não conseguimos parar. Eu e Evan éramos como um vício o qual não se consegue largar.

As semanas passaram, na verdade, estávamos juntos mais do que eu poderia supor que ficaria com alguém. Segundo Evan, dois meses, eu não sei, não conto, mas, acredito no que diz. Noite longa essa...

Falando em noite, a essa altura, ela também acontecia durante o dia, é claro. Era inacreditável, mas o fato era que Evan dormia - *e acordava* - em minha cama algumas vezes. Quando isso começou? Não me lembro! Já disse que não conto! Em sua cama, porém, era outra história, um passo o qual eu ainda não estava preparada para dar.

– Carpe Diem Angelina.

Eu o ouvia dizer a cada vez que via a minha recusa.

Minha vida profissional não poderia estar melhor. Di Massi estava fazendo um excelente trabalho conosco na Brooks Editora, exatamente como eu sabia que faria. Tray estava feliz, inclusive em sua vida sentimental. Enfim Sebastian havia assumido a relação. É claro que estavam enfrentando uma barra, mas o fato de estarem *juntos* fazia toda diferença para Tray. E se ele estava feliz, eu estava também.

O meu problema no ombro estava devidamente sanado. Fiz a ressonância e Evan me acompanhou durante todo o procedimento, que foi mais fácil desta vez. Seria o fato de eu ter contado toda a minha história e, de certa forma, ter tirado um pouco aquilo de mim? Ou foi o fato de termos trepado como loucos na tal sala?

O resultado foi o esperado: não havia nada grave, mas eu tinha um problema e Evan, junto com o doutor Walker, fizeram um excelente trabalho. Mark, na verdade. Tornamo-nos bons amigos e, geralmente almoçávamos, eu, ele e Evan, além de sairmos para jantar também com Tray e Sebastian juntos. Formamos um grupo maravilhoso, na verdade.

Eu estava boa, oficialmente liberada e já havia, inclusive, retornado às minhas atividades físicas habituais: corrida, yoga e Muay-Thai.

Em relação ao teste genético, porém, resolvi esperar. Eu não estava preparada para receber uma notícia ruim e o fato é que havia uma grande chance de ela ser realmente horrível. Eu simplesmente não queria arriscar. A verdade era que eu me sentia *feliz* e não poderia negar isso para mim, nem que eu quisesse.

Eu também havia decidido esquecer o assunto da tal rainha loira da Inglaterra. Eu não queria saber! Evan estava o tempo todo por perto e seria difícil manter qualquer tipo de relacionamento com aquela mulher, até porque, ela não me pareceu ser do tipo que gostaria de compartilhar Evan com

quem quer que fosse. E quando ele poderia ficar com ela, afinal?

E se ele estivesse com ela, continuaríamos juntos? Era ridículo, mas eu não gostava da sensação de não ter Evan por perto. É claro que não assumia isso para ninguém, nem para mim mesma. Evan era um verdadeiro paradoxo na minha vida: ao mesmo tempo em que me apavorava, ele me deixava segura, e eu ainda estava aprendendo a lidar com isso.

Cheguei à sala e o encontrei à mesa com um copo de café enquanto comia algum sanduiche e lia alguns papéis.

– Estudando o meu caso, doutor King? – Perguntei e ele lambeu seu indicador, sorrindo em minha direção.

– O seu caso não tem mistério, senhorita Brooks. – e me olhando profundamente, concluiu. – Você tem.

Sorri, caminhando até a mesa e me sentando em seu colo, de frente para ele. Imediatamente senti sua ereção.

– Estou atrapalhando? – Perguntei, levantando uma sobrancelha e ele sorriu.

– Será que está? – Perguntou de forma sexy, beijando minha boca. Ele cheirava a café e a Evan, aquele cheiro másculo que só ele tinha.

Pegando-me em seu colo, levou-me até o sofá e me consumiu ali. Emma estava na cozinha e, embora eu soubesse que não viria à sala naquele momento, a possibilidade de

sermos vistos me excitou, ainda que fosse Emma. Cristo! Como sou depravada!

Neste dia, cheguei ao escritório quinze minutos atrasada, mas Tray me recebeu sorridente e lindo em sua camisa de gola alta preta e calça jeans. Eu adoro o seu visual “chique-despojado”.

– Bom dia! – Disse, me estendendo um belo café da Starbucks.

Larguei minha Louis Vuitton em algum lugar e o cumprimentei com um selinho nos lábios, pegando o meu copo. – Bom dia!

– Conte-me tudo! – Quis saber se referindo ao meu programa com Evan na noite anterior.

– Como foi o Fantasma da Ópera? Buuu! – Perguntou, fazendo caretas e gestos com as mãos como se quisesse assustar alguém e não pude deixar de rir.

– Excelente! Não é à toa que está em cartaz na Broadway há séculos! E você realmente deveria assistir! – Disse apontando o meu copo em sua direção.

– Ai Sebastian! – Exclamou levantando as mãos.

Sim, eu seria mais uma a insistir agora para que ele assistisse ao musical que tanto adiava.

O dia foi intenso, com muito trabalho. Fechamos um grande contrato e, não posso negar que Di Massi foi

fundamental nessa negociação. Seu temperamento forte e seu comportamento ardiloso, combinado com minha audácia e grande experiência profissional, fez com que nosso cliente sucumbisse aos nossos pés.

À noite, saímos para jantar, eu, Evan, Tray, Sebastian e Mark em algum restaurante desses badalados de Nova York. Há um monte deles, cada um melhor do que outro. A comida estava maravilhosa e, embora Evan estivesse um pouco calado, o papo foi agradável e, como sempre, rimos muito com Tray.

Esses jantares tornaram-se comuns em nossa relação, para total alegria de Tray e, tenho certeza, de Evan também. Eu não sei explicar muito bem, mas eu tinha certeza de que havia alguma cumplicidade entre eles. Às vezes eu me sentia como se todos soubessem de algo, menos eu, e por mais que eu encostasse Tray na parede, ele dizia que era algo que todo mundo já sabia.

–O doutor Delícia é completamente caído por você Darling, e não é preciso ser muito íntimo dele para ver isso. Até o Sebastian percebeu! E tenho certeza de que Mark também! Só você que não!

Eu não podia negar que ainda me assustava com a proximidade entre mim e Evan. Sim, era fato, estávamos cada vez mais íntimos, mas aquilo era demais! É claro que era coisa da cabeça de Tray e eu simplesmente não queria alimentar as suas fantasias românticas.

– O que eu e Evan temos é sexo Tray, apenas isso, além

da nossa amizade que se formou devido ao fato de ele ser meu médico. Nós *trepamos* e é só.

Tentei convencê-lo, e, confesso a mim mesma também. Tray abriu a boca em forma de “O”.

– De todos os absurdos que eu já ouvi você falar na vida, esse foi o que mais se superou Angel! Sinceramente, eu não acredito que você ache uma coisa dessas!

Exclamou incrédulo. Era por isso que eu dava a discussão como encerrada. Tray era um romântico incorrigível.

Chegamos do jantar e estávamos na sala ao som de *Woman in Chains* de Tears for Fears. Eu havia acabado de servir uma dose do meu velho Jack para mim e outra para Evan.

– Está tudo bem? – Perguntei sem querer ser intrometida, mas realmente Evan estava diferente naquela noite.

Ele sorriu com ternura, acariciando o meu rosto com os nós dos dedos, dizendo que estava tudo bem. Olhei-o por alguns instantes antes de responder.

– Bom, eu prefiro que me diga *Angelina, essa merda não é da sua conta!* a me dizer que *está tudo bem*. – seu sorriso ficou mais largo e ele olhou para os lados.

– Ok. Estou na área se quiser marcar um pênalti.

Concluí com uma piscadinha, mas Evan me olhou seriamente por instantes, antes de largar nossos copos no bar,

me puxar pela nuca e me beijar loucamente.

Seu beijo era urgente, desesperado e ele me apertou em seu corpo com força, sua mão em minha nuca e a outra apertando minhas costas, na pele nua do decote do meu vestido.

“E eu me sinto completamente oprimido pelos seus olhos de aço.”

A música tocava e Evan estava com sua testa na minha, olhos fechados e então ele beijou-a e me abraçou forte. Por Deus! O que será que estava acontecendo?

– Evan, o que houve?

Ele me olhou por alguns instantes antes de abrir a boca.
– Eu... – nesse momento, seu celular tocou quebrando completamente o momento.

Evan apertou os olhos, sacando seu iPhone do bolso. Franziu o cenho se afastando de mim.

– Evan.

Evan? Ele sempre usava doutor King. Mesmo estando um pouco afastado, pude perceber quando apertou o aparelho e rosnou baixo.

– Por favor, não faça nenhuma besteira. – Que merda era aquela? – Não, não estou em casa.

Pisquei, pegando o meu copo e virando-o de uma vez e

depois fazendo o mesmo com o de Evan.

– Eu não ouvi suas chamadas – respondeu passando a mão pelo cabelo. Ele estava tenso, isso era fato. – e nós conversamos esta tarde.

A essa altura, eu já servia outra dose dupla em meu copo. Eu queria saber que merda era aquela acontecendo ali, embora o meu instinto feminino já tivesse me dito. É claro que era a tal Elizabeth, a vaca, rainha da Inglaterra. O fato de Evan não mencionar com *quem* estava falando me garantia isso. Virei meu copo de uma só vez. Puro. E o enchi mais uma vez.

– Você me disse que havia entendido, não faça isso comigo.

Outra dose. Dupla, é claro.

– Liguei para o Mark e... – Evan parou de falar, fechando seus olhos. Ele estava de lado e deu para ver seu cenho franzido e a forma como apertava o aparelho em sua orelha. Ele passou a outra mão pelo cabelo mais uma vez, exalando com força. – Tudo bem, estou indo pra aí. Não faça nada até eu chegar, está me ouvindo?

Pisquei. Evan estava indo embora. Outra dose. Ele desligou o telefone, vindo a minha direção.

– Preciso ir embora. – disse simplesmente e eu pisquei.

Durante alguns instantes, nos olhamos profundamente. Seu cenho estava franzido e seus lábios formavam uma linha

fina e retesada. Ele segurava seu iPhone com tanta força, que parecia que iria quebrá-lo ao meio. Resolvi quebrar o silêncio.

– Algo relacionado ao fato de você estar tão calado hoje no jantar?

Perguntei servindo outra dose para mim e Evan olhou para a garrafa praticamente vazia quando eu a coloquei em cima do balcão do bar.

– Quantas doses você tomou?

Não é da sua conta! Foi a primeira resposta que veio a minha cabeça, mas, tentando manter a conversa civilizada, respondi.

– Eu te fiz uma pergunta.

Evan respirou fundo antes de responder. – Angelina, eu não tenho tempo para explicar nada agora, eu realmente preciso ir embora.

Que merda era aquela? Por que estava falando comigo daquele jeito, como se *eu* estivesse obrigando-o a fazer alguma coisa? Imediatamente virei o copo e larguei-o vazio em cima do bar, me aproximando e levando o meu indicador ao seu rosto.

– Escute aqui, eu não estou te prendendo. Quer ir embora, foda-se! A porta está aberta, então, pegue a porra dos seus problemas e dê o fora daqui imediatamente, *eu não estou prendendo você*.

Evan fechou seus olhos por instantes, soltando um

palavrão baixo, balançando a cabeça como se estivesse amaldiçoando a si mesmo.

– Desculpe. – pediu baixo e eu cambaleei. – Eu não deveria ter falado com você dessa forma. – abriu os olhos acariciando o meu rosto. – Não com você. – concluiu dando um sorriso que não alcançou seus olhos.

– O fato é que você me prende aqui Angelina, mesmo que não queira fazer isso. – ele estava me confundindo. – Mas, eu realmente preciso ir e não acredito que voltarei hoje.

Meu sangue ferveu e, sem conseguir avaliar minhas próprias palavras, mandei. – Era aquela vaca loira que entrou no seu consultório outro dia? – Foda-se! Já tinha perguntado.

Evan arregalou os olhos e seu corpo ficou tenso. Dei um sorriso nervoso, me afastando do seu toque.

– Minha resposta está dada. – cuspi. – Ela é sua namorada?

Ele pareceu incrédulo. – Por Deus Angelina! Não!

– Então você não precisa ir. – respondi cruzando os braços a frente do corpo, amaldiçoando a mim mesma pelo o que eu havia acabado de falar. *Merda!* O fato era que eu não conseguia me controlar. Não queria que ele fosse embora, essa era a maldita realidade.

– Eu realmente preciso Angelina. E não tenho tempo agora para te explicar o por quê.

Como é? Olhei-o incrédula e ele continuou. – Eu tentei te explicar uma vez, mas você não quis me ouvir.

Balancei a cabeça confusa. Ele se referia ao dia em seu consultório? Aquele dia havia sido difícil para mim, o meu passado tinha vindo à tona e, além disso, nós não tínhamos nada, mas, agora... Era isso, eu deixei Evan se aproximar tanto de mim e agora... Que merda era aquela que estava acontecendo entre ele e aquela mulher? Como eu pude ser tão estúpida? Fechei os olhos com força quando a imagem de minha mãe me invadiu.

– Angelina, eu realmente preciso ir, mas estarei de volta amanhã e...

Tomada por uma raiva absurda de tudo aquilo, corri até a porta, abrindo-a e apontando para fora.

– Pegue a sua rainha loira e dê o fora da minha casa doutor King! – O que eu estava fazendo? – Você recebeu um telefonema da *rainha* mandando que você corresse até ela e, como um bom súdito, você irá.

– Angelina, não faça isso, me escute. – disse vindo a minha direção, mas eu estava completamente fora de mim e chegando muito próximo de seu rosto, rosnei.

– Eu não quero te atrasar, *doutor King*.

Nesse momento, seu telefone tocou mais uma vez e Evan fechou seus olhos, respiração ofegante. Ele pegou o aparelho no bolso e instintivamente meus olhos pousaram no visor,

vendo o nome *Elizabeth*. Senti meu sangue se esvaír de meu corpo quando ele atendeu com voz calma.

– Eu estou chegando, ok? – Eu não podia acreditar naquilo. Engoli em seco e engoli o choro também. Eu estava com uma raiva mortal. Dele, daquela mulher, de Tray, do mundo e, principalmente, de mim mesma.

Ele desligou o telefone e nos olhamos durante alguns instantes, até ele esticar sua mão para tocar o meu rosto. Fechei meus olhos e ele entendeu, parando imediatamente.

Abri meus olhos e vi quando passou a mão pelo cabelo, me olhando com o olhar perdido.

– Eu sinto muito Angelina.

Evan King seguiu em direção ao elevador, abriu a porta e desapareceu, indo ao encontro da tal Elizabeth, me deixando sozinha sem nenhuma porra de qualquer explicação.

Dezesseis

Não sei dizer por quanto tempo fiquei com a porta aberta olhando o elevador, depois que Evan desapareceu da minha frente. Provavelmente ele deveria ter chegado à casa da rainha inglesa enquanto eu, pateticamente, olhava para o nada, à procura de respostas. *O que estava acontecendo comigo?* Essa era a pergunta de um milhão de dólares.

Depois tudo ficou um pouco nebuloso. Lembro-me de estar sentada ao lado da cama ao som de Pink Floyd cantando *Wish you were here*, para tornar a cena mais fúnebre possível, e minha terceira garrafa entre as pernas. Sim, o meu velho Jack *nunca* me abandona, ainda mais sem me dar respostas...

Eu me sentia patética, com raiva de tudo e de todos. Logo eu, Angelina Brooks, dona do universo, me deixei levar por um doutor de merda! *Delicioso, mas de merda!* Pelo menos era o que eu repetia como se fosse um mantra. Sem parar. *Doutor de merda!*

Era torturante: eu fechava meus olhos e via os dele, balançava a cabeça e o seu cheiro me invadia. Sentia suas mãos por todo o meu corpo, a marca dos seus lábios nos meus. Como deixei isso acontecer? Como Evan King me invadiu de forma tão rápida e tão de repente? Será que era assim que a paixão acontecia?

Eu nunca estive apaixonada. Nunca. Nem em minha

adolescência. Talvez por ter passado a maior parte dela cuidando de minha mãe, ou por ter visto o amor insano que ela sentia por aquele homem abominável que, infelizmente, era o meu pai. Ou, quem sabe, não seria nada disso? Quem sabe eu era assim: fria? Então, por que não conseguia ser dessa forma agora? Que dor absurda era aquela no meu peito?

Minha cabeça latejava enquanto eu ouvia um barulho que, para mim, era ensurdecador, uma campainha extremamente irritante. Abri meus olhos lentamente e demorei a me dar conta de que era o meu celular. Já havia amanhecido.

Eu não sei por quanto tempo fiquei acordada. Eu, Gilmour, Walters e o meu velho Jack. Talvez a noite toda.

Sou a favor de tudo que ajuda a atravessar a noite - seja uma oração, tranquilizante ou uma garrafa de Jack Daniels. Era o que Sinatra costumava dizer, e o filho da puta sabia das coisas.

Conforme eu disse, o meu velho Jack nunca me abandona e eu estava ali, em meu felpudo tapete imaculadamente branco, com quatro garrafas ao meu lado, a última, pela metade.

Trrriimmm...

Céus! A merda do telefone de novo! Estiquei-me até a cabeceira e peguei o aparelho.

Evan.

Interrompi a chamada e logo o relógio digital preencheu a tela. Eram oito e quarenta e cinco da manhã e havia vinte e cinco chamadas perdidas. *Todas* de Evan.

–Foda-se! – Bradei. Eu precisava de um banho.

Após uma ducha rápida, tomei um medicamento na esperança de tirar aquele sino de dentro da minha cabeça, e segui rumo à porta, quando o telefone tocou mais uma vez. A essa altura, já passávamos das trinta chamadas. Desliguei o aparelho, jogando-o em cima da cama e segui em frente.

Não me dei ao trabalho de me olhar no espelho, mas, no momento em que cheguei à sala, soube que meu estado deveria estar deplorável pela cara que Emma fez. Sua expressão ia além da preocupação e beirava o pânico.

–Bom dia Emma, dê-me minha xícara de café, por favor.
– disse secamente. Eu não estava a fim de conversas.

Emma estendeu uma fumegante com um terno sorriso o qual não fiz o menor esforço para retribuir. Sentei-me à mesa e logo a campainha tocou, me deixando completamente irritada. Antes que eu conseguisse falar com Emma, porém, a porta já estava aberta e Tray entrou tão rápido como a passagem de um cometa.

– Darling! –Um segundo, eu já estava envolvida em seus braços. – Pelo amor de Deus, como você está?

Não respondi e ele segurou meu rosto, me analisando. –
Meu Deus! – exclamou horrorizado. Minha aparência

realmente deveria estar assustadora.

– Evan me...

– Se veio aqui para falar dele, pode sair agora! – Bradei e Tray arregalou seus olhos. – Eu não quero ouvir falar em Evan King e toda aquela merda que ele me traz!

Tray não rebateu apenas me olhou profundamente e isso sim era muito estranho.

– De que lado você está Tray? – Cuspi.

Ele pareceu ofendido. – Você realmente deve estar completamente bêbada para me fazer uma pergunta dessas.

– Você o defende!

– Eu defendo vocês dois, Angelina! *Os dois!* – Frisou levantando as mãos ao continuar. – Pelo amor de Deus! Você não sabe como Evan está apavorado e como ele *me* deixou apavorado!

Eu não piscava enquanto ele continuava de forma tensa.

– *Tray, pelo amor de Deus, me ajude! Eu não consigo falar com a Angelina, ela não me atende. Eu fiz merda, mas... pelo amor de Deus, eu só preciso saber se ela está bem! Me ajude!*

Tray me olhou profundamente antes de concluir. – Isso me parece uma atitude de um homem completamente desesperado.

– Que ele seja bem-vindo ao clube então. – rosnei para

mim mesma, no momento em que seu telefone tocou.

– Tray. – ele olhou para mim antes de se virar em direção à janela. – Ela está bem, estou aqui.

É claro que era Evan.

– Eu acredito que seja melhor esperar. – Tray ouviu atentamente antes de continuar. – Ok.

Ok?

– O que estão tramando? – Perguntei e Tray levou calmamente o celular ao bolso antes de responder.

– Evan *realmente* está muito preocupado com você. – disse calmamente, levantando as mãos em sua defesa. – mas, eu sei que você não quer saber, então, eu disse a ele que você estava bem e o despachei da melhor forma possível.

Cruzando os seus braços em frente ao corpo, concluiu. – Porém, seja lá o que tiver acontecido, vocês precisam conversar. Nem que seja pela última vez.

Engoli em seco e ele concluiu. – Todo mundo merece um direito de resposta, Angelina.

Levantei-me, seguindo em direção ao meu quarto com seu último comentário martelando minha cabeça.

– Eu vou dormir. Obrigada pela visita.

Eram nove e meia da noite quando me levantei. Estava morta de fome, minha cabeça não doía mais, mas em meu peito, ainda havia aquele aperto e aquela sensação estranha, como se algo sangrasse.

Liguei meu celular e imediatamente as atualizações começaram. Vinte chamadas de Evan e mensagens de texto.

“Por favor, preciso falar com você. Evan.”

“Estou na sua porta, por favor, precisamos conversar. Evan.”

“Ok, Tray me convenceu a ir embora, mas, precisamos conversar, nem que seja... por favor, fale comigo. Evan.”

Joguei o aparelho de lado e, mesmo estando faminta, só tive forças para virar de lado, fechar meus olhos e tentar dormir.

Dezessete

O domingo seguinte foi um dia inexistente na minha vida. Passei a maior parte dele deitada, me levantando raríssimas vezes, quando minha bexiga falava mais alto do que a dor que eu ainda sentia em meu peito.

Eu não sabia o que era pior: o fato de Evan ter ido embora imediatamente ao menor pedido da vaca inglesa – sim, o “título” de rainha havia caído completamente – ou ter ouvido a forma doce como falou com ela.

Ele me ligou inúmeras vezes e outras mensagens chegaram.

“Precisamos conversar.”

“Por favor, fale comigo. Seu silêncio está me matando.”

“Estou na sua porta. Mais uma vez.”

“Ainda estou aqui.”

Embora suas duas últimas mensagens tivessem feito todos os meus órgãos se contorcerem dentro de mim, não respondi, nem atendi às suas chamadas. Parte de mim queria desesperadamente ouvi-lo e a outra tinha verdadeiro pavor do que eu poderia escutar.

O fato é que Evan King me desestruturou completamente quando despertou sensações desconhecidas em mim, das

quais eu não conseguia controlar, e eu realmente não sabia lidar com aquilo.

A segunda feira havia chegado e eu não poderia estar mais agradecida. Eu estava na editora desde as sete. Eu precisava de algo que me desse prazer, energia e motivação e nada além do meu trabalho seria capaz de fornecer isso.

Pouco antes das oito, Tray chegou com nossos cafés e muffins da Starbucks e desandou a falar sobre o seu final de semana hilário com Sebastian. Era como se toda aquela merda não tivesse acontecido comigo e eu não podia deixar de amá-lo cada vez mais por isso. Ele me conhecia como ninguém para saber que quando *eu* quisesse falar, não importaria o tempo, o momento ou sequer o lugar, ele estaria pronto para mim. Sempre.

O dia foi agitado e eu mergulhei no trabalho totalmente. Em alguns momentos, porém, Evan invadia meus pensamentos, me fazendo estremecer. No final da tarde eu ainda não havia recebido nenhum sinal dele, nenhuma mensagem ou telefonema. Será que ele iria aparecer? Eu ainda não estava preparada e pensar que ele poderia surgir ali a qualquer momento, me deixava desconcertada.

O fato é que Evan não apareceu naquele dia e nem no seguinte, ou no outro, e nem na outra semana. Duas já haviam se passado, mas nós nunca mais nos falamos. Talvez eu não tivesse sido nada justa em não lhe dar o seu “direito de resposta”, como Tray havia dito, mas o fato é que eu não queria

ouvi-lo dizer coisas das quais pudessem não ser verdade, na expectativa de manter uma boa trepada. Homens são especialistas em mentiras e eu sabia disso melhor do que qualquer pessoa, pois havia acompanhado de perto toda essa merda, afinal.

O problema era que algo havia mudado dentro de mim. Minhas festas e badalações perderam totalmente o sentido e, embora eu ainda continuasse pela noite, nunca mais havia passado na porta da *minha* boate, pelo simples fato de ela me trazer recordações sobre Evan. Era impressionante o que tínhamos feito ali e eu ainda me excitava cada vez que me lembrava.

Meus orgasmos, inclusive, se resumiam a isso: deitada em minha cama, com minha caixa da sacanagem e qualquer bom e fiel vibrador de minha enorme coleção, a imagem de Evan na minha cabeça e toda a loucura que fizemos. Era algo que não conseguia controlar. Eu realmente deveria ter sido infectada por algum vírus, tamanho absurdo que tudo isso parecia.

Eu vivia os meus dias lentamente, procurando esconder o vazio que eu sentia dentro de mim e estava fazendo um bom trabalho. Não para Tray, é claro.

– Você precisa se dar uma chance de ser feliz, Angel. – ele disse certa tarde.

– Eu *sou* feliz. – respondi secamente e ele revidou.

–É, mas, no momento não está.

Ele tinha razão.

Na quarta semana sem Evan, sem que Tray soubesse, resolvi ligar para o consultório do doutor Nathan King e marcar o meu teste genético com sua secretária. Uma notícia ruim a mais não faria a menor diferença nessa merda de fase em que se tornou minha vida, além do mais, até quando eu fugiria daquilo?

Dois dias depois, eu estava na sala de coleta quando uma jovem assistente entrou com alguns materiais e uma pequena papelada em suas mãos. Ela era estranha: cabelo vermelho, pele sardenta, olhos castanhos, e completamente desengonçada. Seria aquilo que enfiaria uma agulha em meu braço e colheria o material que daria a resposta da minha vida? Eu me perguntava de forma nervosa, quando sua voz esquisita interrompeu meus pensamentos.

– Senhorita Brooks, bom dia. Sou Kathleen Mars e farei o seu teste genético. – Piou com sua voz extremamente aguda e eu assenti de forma nervosa. – A senhorita tem conhecimento sobre o exame?

Pisquei e no momento em que ia responder, a porta abriu e Evan surgiu na minha frente.

Meu-Deus!

Ele estava com uma calça escura e camisa preta por baixo de seu jaleco imaculadamente branco. Seu cabelo lindamente

desalinhado, como eu sabia que ele fazia de manhã, quando passava a mão, e com o seu cheiro másculo e inebriante. Ele me olhou por alguns instantes antes de dar um sorriso que não alcançou seus olhos.

– Senhorita Brooks. – disse de forma doce, mas, ao mesmo tempo, tentando soar profissional, e se virando em direção à assistente, concluiu. – Kathleen, eu acompanharei o exame da senhorita Brooks.

Disse pegando a papelada para total horror da ruiva desengonçada. E o meu também, porém, antes que eu pudesse dizer qualquer palavra, virou-se em minha direção e concluiu com voz rouca.

– Eu prometi a você que estaria presente neste momento e cumprirei minha promessa.

De fato, Evan havia me apoiado totalmente quando resolvi não fazer o teste genético, dizendo que levasse o tempo que fosse, ele estaria ao meu lado quando eu o decidisse. E ali estava. Senti um aperto em meu peito e engoli em seco.

– Você não precisa fazer isso. – disse mais ríspida do que pretendia e ele simplesmente respondeu.

– Você tem razão, não preciso. – e me olhando profundamente, concluiu. – mas eu *quero*.

A assistente olhou para Evan e depois para mim, balançando a cabeça levemente como se sentisse que estava sobrando ali. Sim, ela estava e eu queria que aquela merda

terminasse logo. Toda ela.

–Entendo perfeitamente o procedimento. – disse me dirigindo a ela. – Por favor, vamos terminar com isso de uma vez.

Ela assentiu preparando toda a parafernália e Evan meteu sua mão nos papéis, analisando cada um deles. Eu me perguntava se ele poderia fazer aquilo, mas, é lógico que isso não tinha a menor importância. Aquela clínica era dele e, embora aquela não fosse a sua especialidade, tecnicamente ele era o chefe ali.

Ele examinou os documentos com o maior profissionalismo, balançando a cabeça ao constatar que estava tudo em ordem. Era impressionante, mas me senti protegida e por um momento, depois de todo esse tempo, uma sensação boa me invadiu, ainda que passageira.

Enquanto a assistente colhia o material, eu sentia os olhos de Evan cravados em mim. A força de seu olhar foi tão grande que eu não consegui me desvencilhar. Era como se ele me puxasse para ele.

– Pronto, senhorita Brooks. Por favor, mantenha o braço dobrado. – Kathleen disse com delicadeza, enquanto descartava o material no lixo especial.

Kathleen me informou que o resultado iria diretamente para o doutor King, *o pai*, como ela mesma frisou antes de girar nos calcanhares e, completamente sem jeito, nos deixar a sós

na pequena sala.

Se, estar no mesmo mundo que Evan King já era doloroso demais, naquele cubículo com ele na minha frente era impossível. Imediatamente peguei minha bolsa e me dirigi à porta, quando sua mão segurou o meu braço.

– Angelina.

Fechei meus olhos tentando me concentrar.

– Como se sente? – Perguntou de forma branda.

Abri meus olhos e ele estava na minha frente, muito próximo de mim, na verdade.

– Estou bem. Não foi tão ruim quanto eu imaginava.

Evan sorriu, mas, mais uma vez, o seu sorriso não alcançou seus olhos. Por mais que eu quisesse negar, eu sabia que sua presença naquele momento havia feito toda a diferença para mim.

– Obrigada por ter vindo. –*Foi especial.* Pensei, mas não disse.

– Eu sempre estive aqui, Angelina. – seu tom era triste e senti algo se esmagar dentro de mim. –Por favor, nós precisamos conversar.

Ele não podia estar falando sério.

– E você pretende conversar aqui? – Perguntei olhando para meu braço dobrado, que Evan tocou com delicadeza.

– Não. Não aqui. – respondeu enquanto o abaixava, acariciando suavemente o local puncionado, roçando o seu polegar em volta do adesivo. – Mas, gostaria que você me ouvisse. É só o que te peço Angelina.

Eu ainda sentia os seus dedos em minha pele e todas as minhas células enlouquecidas dentro de mim. Minha cabeça estava um turbilhão e Evan ainda me olhava intensamente, quando continuou com voz rouca.

– Podemos marcar hoje à noite.

Eu o olhei incrédula e ele continuou de forma tensa. – ou à tarde, podemos marcar um almoço ou, se você preferir, posso ir ao seu escritório no fim do dia.

Ele parecia perdido e soltou o meu braço com delicadeza, passando a outra mão pelo cabelo. – Diga-me Angelina. Como você prefere?

Ele estava nervoso e era notável que estava fazendo um grande esforço ali. Eu também estava. O fato era que, embora minha mente dissesse para eu sair dali imediatamente, algo dentro de mim dizia que eu deveria ouvi-lo. *Todo mundo merece um direito de resposta.* Tray havia dito.

– Nove horas em meu apartamento.

Respondi finalmente. Fiz questão de marcar tarde para que Evan entendesse que aquilo não era um encontro, torcendo para que ele não esperasse um jantar romântico ou algo do gênero, mas, ainda assim, tenho certeza de que vi um

brilho em seu olhar.

– Por favor, me avise caso haja alguma mudança. –
conclui.

– A mudança que eu tanto esperava acabou de acontecer,
Angelina. – respondeu me olhando profundamente e eu tremi.

– Vejo você às nove.

Dezoito

Eram nove em ponto quando a campainha tocou. De todas as qualidades que Evan possuía –muitas, era fato – a pontualidade era uma delas. Abri a porta e mesmo tendo me preparado psicologicamente para ver algo divino, Evan me surpreendeu.

Vestido com uma calça jeans escura e camisa grafite de cashmere com a manga comprida dobrada até o cotovelo, o seu cabelo estava perfeitamente bagunçado, do jeito que eu gosto e o seu cheiro... Era realmente impressionante o que o cheiro daquele homem era capaz de provocar em mim.

– Oi. – disse com um sorriso encantador, mãos no bolso.
– Você está linda.

Pisquei. Eu vestia camiseta e calça de moletom preta. Havia optado pelo visual mais simples possível. Aquilo não era um encontro, provavelmente, seria uma despedida. Eu realmente queria ouvir o que ele tinha a dizer e não queria que ele tivesse qualquer tipo de “distração”, embora eu estivesse sem sutiã.

Isso, eu juro, não foi proposital. Eu gosto de andar sem sutiã e sem calcinha também. Então, já que Evan não veria nada além da roupa, que mal teria em não usá-los?

Balbuciei um agradecimento, convidando-o a entrar. Meu som estava ligado no modo aleatório desde o momento em que

eu havia chegado e, naquele momento, Phil Collins resolveu aparecer para nos torturar.

“Mais uma noite, mais uma noite. Eu venho tentando, há muito tempo, deixar você saber... Deixar você saber como me sinto.”

– One more night. – Evan sussurrou com um pequeno sorriso, se referindo à música.

Revirei meus olhos e peguei o controle, deixando a sala num silêncio sepulcral e ele me olhou surpreso.

– Nada que possa nos distrair do real motivo pelo qual estamos aqui.

Concluí secamente, largando o controle e me dirigindo ao bar. Ao pegar a garrafa do meu velho Jack, suas mãos seguraram as minhas com delicadeza.

– Nada que possa nos distrair do real motivo pelo qual estamos aqui, Angelina. – repetiu com voz rouca, me olhando intensamente, enquanto tirava a garrafa de minhas mãos. Tremi.

Evan me conduziu ao sofá com sua mão em minhas costas e senti um frio na espinha. Sentando-se ao meu lado, passou a mão pelo cabelo, e fechou seus olhos por instantes.

– Eu sinto sua falta. – disse tão baixo, que mal pude ouvir. Abrindo seus olhos, concluiu. – Mais do que eu pudesse imaginar que um dia sentiria.

Eu não piscava e Evan continuou.

– Eu quero que saiba que eu jamais teria ido embora naquele dia, se eu tivesse o poder de escolha, Angelina, mas, infelizmente, eu não tinha. – ele fez uma pequena pausa antes de continuar. – Você se lembra de quando lhe disse que Harvard foi um momento difícil?

É claro que eu me lembrava. Nós estávamos na boate fazendo a "brincadeira" que Evan havia proposto para nos conhecermos melhor e eu procurei me concentrar para que meus pensamentos não voassem em direção a tudo o que fizemos ali. Balancei a cabeça e ele concluiu.

– É aí, em Harvard, que toda a história começa.

Diferente do que eu havia imaginado, quando se referiu a Harvard, não foi ao período de sua formação como médico e sim, ao seu retorno à Instituição como pesquisador. Evan king realmente é um médico renomado e suas pesquisas para o uso de células tronco na ortopedia atraíram a atenção de muitos ao redor do mundo, mas foi Harvard que trouxe a possibilidade de realização de seus objetivos.

– Foi lá que eu conheci Mark – ele engoliu em seco antes de concluir. – e Elizabeth.

Estremeci ao ouvir esse nome, mas não esbocei nenhuma reação. Eu parecia uma estátua enquanto Evan seguia contando sua história, mas, o fato é que eu tremia por dentro. Até quando eu conseguiria me manter forte ali, eu não poderia

dizer.

– A ideia era trabalharmos juntos nesse estudo, eu como ortopedista, Mark na fisioterapia e Elizabeth com o uso dos exames de imagens. Nós nos demos bem e logo na primeira semana, saímos os três para beber alguma coisa e falar sobre as pesquisas. Elizabeth me pareceu uma pessoa encantadora, mas eu realmente estava focado no projeto e não queria qualquer tipo de distração.

Evan passou a mão pelo cabelo antes de continuar.

– Nós trabalhamos juntos todos os dias, eu, Mark, Elizabeth e os nossos colaboradores. Parecia que estávamos mais próximos a cada dia, mas, o fato é que... – ele parecia desconfortável, procurando as palavras. – embora eu gostasse muito dela, não era da forma que *ela* queria. Eu a via como uma amiga, nada mais.

–Nós passamos meses dando o maior duro nas pesquisas e finalmente tivemos nossa primeira vitória. – disse com um sorriso verdadeiro, mas, franzindo o cenho em seguida. – Queríamos comemorar, mas Mark estava muito gripado e não ficou mais do que meia hora. De repente, todos foram embora e... – Evan suspirou, falando rapidamente.

– Eu havia bebido todas, eu realmente precisava daquilo! Todos nós precisávamos, na verdade. Estávamos exaustos! O fato é que as coisas acabaram acontecendo entre mim e Elizabeth naquela noite.

Engoli em seco, me sentindo completamente desconfortável. Evan continuou.

– Para mim não passaria daquilo, mas Elizabeth tinha outros planos... – disse, passando a mão pelo cabelo mais uma vez. – E eu acabei me deixando levar pela situação e engatamos uma espécie de caso.

Remexi-me desconfortavelmente em meu sofá pensando se não daria para ele me poupar de tantos detalhes e, embora eu estivesse realmente incomodada, o fato era que parte de mim queria saber de toda a história.

– Contando do momento em que chegamos, ao todo, ficamos um ano em Harvard, até terminarmos a primeira fase dos estudos. Isso correspondia à nossa parte no projeto na fase inicial. Eu planejava ir embora após a festa de despedida, embora ainda tivéssemos mais tempo para decidir. – Evan me olhou seriamente. – Eu não queria que ela viesse comigo.

Evan fechou seus olhos por instantes, apertando-os com força e foi dessa forma que continuou.

– Nós conversamos, eu lhe expliquei que deveríamos seguir nossos caminhos, nossas vidas, mas que poderíamos ser bons amigos.

Evan abriu seus olhos, balançando a cabeça. – Eu nunca enganei Elizabeth, nunca. Ela sempre soube que não estávamos na mesma sintonia, nós sempre conversávamos sobre isso, inclusive. – ele suspirou profundamente. – Ainda

assim, eu sabia que não seria fácil, mas, não imaginava que seria *daquele* jeito.

Eu fiquei chocada quando o ouvi dizer que Elizabeth quebrou tudo o que havia a sua volta, gritando como uma louca. Ele confessou que ela costumava ter um comportamento um tanto estranho algumas vezes, mas, que ele nunca havia levado tão a sério. Até aquele momento.

– Elizabeth me disse que não poderia viver sem mim e que se fosse para ser dessa forma, a vida não teria mais sentido para ela.

Evan não olhava para mim e seu semblante beirava o pânico.

Eu disse para ela se acalmar, tentei ajudá-la de alguma forma, mas, ainda assim, eu fiz o que sempre quis fazer: fui embora.

Evan fez outra pausa, balançando a cabeça como se tentasse organizar seus pensamentos mais uma vez.

– Ela não apareceu na festa de despedida e o que era para ser uma comemoração, uma noite feliz... – ele movimentava as mãos – passou a ser um pesadelo.

Evan me olhou profundamente e sua expressão era de alguém derrotado.

– Ela tentou se matar, Angelina. – eu não podia acreditar naquilo. – Ela ingeriu de tudo o que você possa imaginar, todos

os tipos de drogas possíveis e impossíveis e misturou com todo o tipo de álcool disponível.

– Ela foi encontrada de madrugada, quando a festa ainda rolava e quase não houve tempo para salvá-la. – Evan cerrou suas mãos até seus dedos ficarem brancos. – Eu sabia... ela não estava na festa e eu *sabia* que havia algo errado... *sabia* que deveria ter ido vê-la. Talvez eu pudesse ter evitado...

Ele deixou as palavras no ar, completamente derrotado, e quando eu achei que nada mais pudesse me chocar naquela história grotesca, ele soltou mais uma bomba, me dizendo que havia uma carta endereçada a *ele* ao lado do corpo quase sem vida de Elizabeth.

– *Agora você está livre de mim. Aproveite, não serei mais um estorvo na sua vida. Sempre amarei você. Elizabeth.* Era isso que estava escrito no bilhete que ela me deixou.

Filha da puta! Pensei completamente chocada. Esse havia sido o golpe mais baixo que ela poderia ter dado. Como alguém seria capaz de fazer uma coisa dessas?

– Isso não tem nada a ver com amor, Evan. Longe disso. – disse com calma e ele balançou levemente a cabeça, mas, não sei dizer se concordando comigo ou não.

– Foi uma luta para trazê-la de volta. O médico que cuidou do caso disse que ela realmente queria ter se matado.

Porra nenhuma! Pensei. Quem quer realmente se matar, dá um tiro na cabeça. É rápido, eficiente e fatal. Qualquer coisa

diferente disso é chantagem emocional. Mas, é claro que eu não disse nada.

O fato é que Evan carregava uma culpa que não lhe pertencia. Senti um aperto no peito ao entender tudo, finalmente.

–Então, vocês estão juntos. – Evan arregalou os olhos, abrindo a boca em forma de “O” e eu continuei de forma apressada. – E vocês sempre estarão.

–Não! – Disse me interrompendo de forma agitada, segurando o meu rosto em suas mãos. – Eu não estava mais com ela Angelina, nem com ela, nem com ninguém. – Evan me olhou com sofreguidão, contornando meus lábios com seu dedo. – Até conhecer você, eu realmente não tinha ninguém.

Pisquei confusa e ele continuou.

– A verdade é que eu não tinha a menor vontade de realmente estar com alguém, até conhecer você. – ele encostou sua testa na minha, enquanto dizia baixinho. – Eu não me importava em não ter alguém. Depois disso tudo, eu até achava que seria melhor assim. Então, você apareceu.

Evan ainda estava com sua testa na minha enquanto continuava. – O que Elizabeth sente por mim é doentio, eu sei, mas eu não podia deixá-la sozinha, não depois do que aconteceu.

Suas mãos me apertaram com mais força, sua boca muito próxima da minha.

– Eu não me importava em carregar tudo isso comigo, eu não tinha nada a perder. – ele acariciou o meu rosto, antes de continuar. - Naquele dia do jantar, eu conversei com ela durante a tarde, dizendo que precisávamos seguir nossas vidas separadamente.

Evan afastou seu rosto do meu, mas sua mão ainda estava na minha cabeça, segurando o meu cabelo.

Não foi uma conversa fácil, é claro, mas, sinceramente achei que ela tivesse entendido. Nós conversamos calmamente. Eu não disse que estava envolvido com outra pessoa, mas dei a entender que isso aconteceria tanto comigo, quanto com ela.

Ele fechou seus olhos por instantes antes de concluir.

– Ela pareceu entender e realmente pensei que estivéssemos bem. Então ela me ligou completamente transtornada e eu me apavorei.

Olhando em minha direção, suas mãos voltaram ao meu rosto e seus olhos me olharam em súplica.

– Mas, eu não posso viver assim Angelina. *Agora* eu tenho tudo a perder. – ele acariciou o meu rosto com os nós dos dedos. - E eu perdi. Eu perdi você e estou completamente desesperado por isso.

Senti um aperto no peito ao ouvir suas palavras e ele continuou me olhando profundamente.

– Eu vivo um inferno desde o momento em que eu saí

daqui naquela noite. Eu sinto muito por Elizabeth, mas eu não posso mais abrir mão da minha vida, não agora, quando ela faz todo o sentido para mim.

Fechei meus olhos absorvendo suas palavras e pensando no sofrimento daquela mulher. Sim, ela era louca, mas, sofria. Lembrei-me de minha mãe e da forma como o meu pai a tratava. Será que ela tinha conhecimento de toda aquela merda que ele fazia com ela, de todas as suas traições?

Afastei suas mãos, levantando-me rapidamente. – Desculpe Evan, eu não posso fazer isso. – ele me olhou incrédulo e eu continuei. – Eu sinto muito por tudo o que aconteceu e concordo que você deva seguir com sua vida, mas...

– Do que você tem tanto medo? – Ele me cortou, levantando e ficando na minha frente, rosto colado no meu mais uma vez. – Nós estamos completamente envolvidos aqui Angelina, tanto eu, quanto você.

Sua mão varreu o meu rosto, segurando firme em minha nuca. – Eu só não sei se você está tão envolvida quanto eu. – seus dedos contornaram os meus lábios mais uma vez e Evan fechou seus olhos por instantes, antes de sussurrar.

– Eu estou apaixonado por você Angelina. Completamente.

Sem esperar qualquer reação de minha parte, Evan me beijou com sofreguidão, suas mãos em meu rosto, me

apertando, sua língua invadindo a minha boca. Não fui capaz de resistir, retribuindo ao seu beijo, meus dentes cravados em seus lábios, minhas mãos bagunçando o seu cabelo mais ainda. Evan gemia, dizendo o meu nome de forma desesperada. Minha mente girava. Eu estava apavorada. Flashes de minha mãe espocavam em minha mente. Não, eu não podia fazer aquilo.

–Eu não posso fazer isso! – Disse afastando-o de mim e Evan me olhou incrédulo mais uma vez.

– Por que você nega tanto? – Perguntou de forma desesperada. – Você *sabe* que eu estou louco por você.

– Hoje! – Respondi me afastando mais um pouco. – *Hoje* Evan, amanhã... – disse movimentando minhas mãos. – Amanhã é outro dia e...

– Eu não sou o seu pai Angelina! – Disse bruscamente e eu arregalei os olhos. Imediatamente ele se arrependeu, vindo a minha direção.

–Perdoe-me, por favor. – eu ainda o olhava incrédula e ele continuou com voz suave. – Perdoe-me, por favor, mas essa é a verdade. Meu anjo, eu *não* sou o seu pai. – segurando meu rosto em suas mãos, concluiu. –Eu amo você Angelina, mais do que você possa imaginar.

Eu ainda não podia acreditar no que tinha acabado de ouvir. Evan tinha tocado no meu maior ponto fraco, na minha ferida ainda aberta e que talvez nunca cicatrizasse. Ele ainda

me pedia desculpa, me acariciando, dizendo desesperadamente o quanto me amava, quando eu sussurrei da forma mais calma possível.

–Por favor, vá embora. – Ele me olhou profundamente e eu repeti. – Por favor, vá embora Evan.

Eu sentia uma dor absurda em meu peito, parecia que tudo explodiria dentro de mim. Eu queria que ele ficasse, mas o medo que eu sentia de ele ir embora e me deixar sozinha de novo era maior do que minha vontade de tê-lo comigo. Eu nunca havia me apaixonado antes, até conhecer Evan. E, embora todos soubessem que era totalmente possível se recuperar de paixões não correspondidas, eu *sabia* que jamais me recuperaria se Evan me deixasse. Eu estava totalmente entregue a ele e isso era muito assustador.

Eu estava com meus olhos fechados e senti seus lábios tocarem os meus docemente. – Eu amo você. – ele repetiu antes de se afastar de mim.

Um arrepio estranho cruzou o meu corpo e eu senti frio. Abri meus olhos e vi Evan se afastar de mim rumo à saída e, mais uma vez, parecia que toda a minha força, e minha vida, estavam sendo sugadas de dentro de mim. Evan fechou a porta sem olhar para trás.

Fiquei alguns minutos no meio da sala sentindo o seu cheiro e sua presença em mim. Minha vontade era de gritar desesperadamente. Por que Evan apareceu na minha vida?

Você precisa se dar uma chance de ser feliz, Angel. A voz de Tray ecoou em minha cabeça. O que eu estava fazendo? Eu estava sofrendo, afinal. Até quando eu poderia me enganar?

Eu amo você Angelina, mais do que você possa imaginar. Evan havia dito e suas imagens me invadiram: a forma como me olhava quando estava dentro de mim. Envolvendo-me em seus braços quando soube do meu passado. Comigo na sala, altas horas da madrugada, tentando me ajudar na estratégia para fechar um contrato, me fazendo enxergar aquilo que estava na minha frente e eu não via. Das vezes em que mergulhou a fundo nos estudos sobre Huntington só para me ajudar a entender melhor o problema.

Sua presença comigo, que foi além do médico, no tratamento para o meu ombro e, para me nocautear de vez, quando estive ao meu lado no momento em que fiz o teste genético pelo simples fato de saber que eu não poderia jamais encarar aquilo sozinha, por mais que eu dissesse que poderia.

Balancei a cabeça. Aquele homem me amava, Tray estava certo. Talvez o meu medo de perdê-lo não fosse maior do que minha vontade de tê-lo comigo, afinal.

Corri em direção à porta, abrindo-a rapidamente para ver o elevador acabar de descer e, por mais que eu apertasse freneticamente o botão, não havia jeito. Evan havia partido e estava indo embora. Talvez para sempre.

Corri em direção à escada e descendo três degraus de uma vez, me pus a correr atrás daquele homem. Por Deus! O

meu prédio tinha vinte andares, contando com os três da garagem, mais a cobertura, onde eu morava. Ainda assim, eu não desisti.

– Dezoito. – Eu contava e Evan estava sempre um andar abaixo de mim. – Dezesseis. – Eu precisava ir mais rápido.

– Quatorze. – *Cristo!* – Dez... quase a metade...

Graças a Deus eu já tinha voltado às minhas atividades físicas. Eu já estava chegando ao sétimo, mas precisava ir mais rápido, ou poderia perder Evan de vista. Será que não havia ninguém para chamar essa merda de elevador nos andares de baixo, fazendo-o parar?

– Cinco. – Puta merda! Eu era a prova viva de que uma mulher apaixonada era capaz de fazer as maiores insanidades.

– Três! – Eu contava, e ainda tinha a porcaria dos andares da garagem!

Quem construiu essa merda? Pensei enquanto chegava ao andar da primeira garagem para dar de cara com uma grande e pesada porta de ferro, a qual os outros andares não possuíam. Abri-a com força, saltando os degraus para chegar à segunda garagem e constatar que o elevador acabava de passar da primeira. Ele chegaria ao térreo em questão de segundos.

– Não!

Corri o mais rápido que pude, saltando agora quatro

degraus e socando a tal porta de ferro. Quem era esse engenheiro de merda que havia construído aquilo?

Primeiro! Finalmente eu chegaria ao térreo, mas o elevador já havia parado. *Será que Evan foi embora?* Pensei ligeiramente apavorada.

Abri a última e pesada porta de ferro e cheguei ao lobby. Olhando à frente, foi como se tudo estivesse em câmera lenta. Evan estava de costas e vi sua mão perfeita espalmar a porta de vidro para abri-la e desaparecer de vez.

–Evan!

Soltei a plenos pulmões e seu corpo parou. A porta continuou entreaberta, mas Evan não se moveu. Talvez estivesse cansado demais dos meus medos e dos meus pavores, das minhas birras e do meu jeito sarcástico e petulante de ser.

Eu respirava aceleradamente quando ele se virou com os olhos arregalados. Imediatamente, corri em sua direção.

– Anjo! – Disse correndo até mim e eu pulei em seu colo em pleno hall do edifício para total surpresa de todos ali. Foda-se! Eu não estava preocupada. Eu estava descalça, despenteada, exausta, mas feliz nos braços do homem que eu amava.

Evan me beijou loucamente, minhas pernas em sua cintura, suas mãos varrendo o meu cabelo, segurando o meu rosto.

– Anjo! Meu anjo! – Ele dizia sem parar.

–Perdoe-me. – Eu pedia, não sabia o que dizer.

–Shh... Apenas me beije, meu anjo.

Cristo! Eu iria enlouquecer. Evan caminhou até o elevador comigo em seu colo, suas mãos pelo meu corpo, sua boca na minha. Encostando meu corpo no espelho, tocou o botão da cobertura sem deixar de me beijar. Sua mão envolveu o meu seio por cima da camisa e ele gemeu em minha boca. Sua ereção tocava a minha virilha no momento em que subi sua blusa.

– Ainda estamos no elevador. – ele disse em tom zombeteiro.

–Foda-se! A câmera está ligada! – Rebatu e ele me devolveu o seu sorriso sacana de que tanto gosto, antes de devorar os meus lábios mais uma vez.

Quando chegamos à cobertura, Evan estava sem sua camisa, cinto aberto e minhas mãos desabotoavam sua calça com violência arrebatando o seu botão. Ele sorriu, levantando minha camisa e gemendo ao ver meu corpo nu. Segurando meus seios com suas mãos perfeitas, levou-os à boca e eu arfei. Evan chupou um e depois o outro, antes de se abaixar e levar minha calça junto.

–Caralho! – Rosnou ao ver minha excitação e encostando-me a minha mesa de jantar, levou sua boca a mim.

Arfei. Evan me consumiu de forma desesperada. Sua língua em mim, contornando todos os cantos de minha pele. Ele ficou em mim por horas e eu perdi a conta de quantos orgasmos me proporcionou. Na mesa, no chão, no tapete e até no bar. Evan me chupou de todas as formas possíveis e impossíveis, das quais eu nem imaginava, logo eu, Angelina Brooks.

Estávamos no sofá quando eu o levei inteiro à minha boca. Evan grunhiu. Eu o apertava em toda sua extensão, enquanto lambia suas bolas e retornava à sua cabeça, roçando com minha língua, para então levá-lo a fundo na minha garganta. Evan ia à loucura e eu sabia que ele estava perto.

Suas mãos seguraram o meu cabelo, me puxando para cima e ele me beijou alucinadamente.

– Eu preciso estar dentro de você.

Eu também precisava. Evan seguiu em direção a sua calça, parando bruscamente antes mesmo de pegá-la no chão, soltando um palavrão baixo.

– O que houve? – Eu quis saber.

Ele passou a mão pelo cabelo. – Eu não tenho preservativo. – pisquei e ele continuou. – Nós não estávamos juntos, então, eu realmente não precisava disso.

Meu coração parecia que saltaria do meu peito.

– Eu saí de casa tão desesperado para que você me

entendesse e me perdoasse por tudo aquilo, que eu simplesmente... – disse movimentando suas mãos.

–Eu tenho. – disse olhando-o profundamente e ele balançou a cabeça. – Está no meu quarto, mas, nunca mais usei.

Evan piscou e eu continuei, seguindo em sua direção. – Então, eu também não estive com mais ninguém desde quando nos conhecemos. Eu estou limpa, você sabe e eu tomo pílula, como você também sabe. – concluí tocando em seu peito e ele segurou meu queixo com os dedos, levantando o meu rosto. Seus olhos brilhavam tanto, a forma como me olhava era algo que jamais conseguirei descrever.

–Nunca houve alguém depois de você, meu anjo. – disse acariciando o meu rosto. – Eu estou limpo também e eu quero, eu preciso sentir você Angelina. Você tem certeza?

Fechei meus olhos por instantes. Embora eu nunca tivesse feito aquilo, eu tinha. – Sim, tenho certeza Evan.

Ele sorriu e esticou sua mão pegando o controle e ligando o som. Phil Collins voltou a nos torturar com *One more night*.

– Nada é capaz me distrair do real motivo pelo qual estou aqui, meu anjo. – Evan deitou-me no sofá e senti o peso do seu corpo no meu. – *Você. É por você que estou aqui.*

“Eu venho tentando há muito tempo deixar você saber como eu me sinto.”

Senti sua língua quente pelo meu corpo em círculos e fechei meus olhos. Evan gemia à medida que me consumia.

“Por favor, me dê mais uma noite, pois eu não posso esperar para sempre.”

Eu sabia que teríamos muito mais do que mais uma noite. Evan invadiu meu seio, chupando o meu mamilo com força, após rodeá-lo com a língua.

“Eu estava pensando se deveria te ligar, então eu pensei... talvez você não esteja sozinha.”

– Eu juro que isso passou pela minha cabeça, exatamente da forma que ele acabou de dizer. – Evan disse com voz rouca, muito próximo da minha boca.

Olhei para seus intensos olhos azuis e afirmei. – Eu realmente não estava sozinha, Evan. – eu acariciava o seu cabelo, sentindo o meu peito acelerado. Nunca em minha vida eu senti aquilo, daquela forma. – *Você sempre esteve comigo durante todo esse tempo.*

Seus olhos brilharam e ele me olhou de uma forma como nenhum homem jamais me olhou antes. – Meu anjo. – sussurrou antes de me beijar.

Suas mãos varreram o meu rosto enquanto me beijava desesperadamente. – Como eu preciso de você. – ele sussurrava.

“Como um rio para o mar, eu estarei sempre com você. E

se você se for, eu irei te seguir.”

Evan me olhou profundamente e ficamos bebendo um do outro por alguns instantes antes de ele me penetrar lentamente. Céus! Eu o sentia inteiro. Ele fechou seus olhos por instantes, tirando-o de dentro de mim, para então entrar mais uma vez.

– Angelina.

Ele dizia o meu nome enquanto me penetrava, uma vez após outra.

– Eu sinto você. – sussurrei olhando em seus olhos e assim ficamos, com Evan ditando um ritmo, indo cada vez mais rápido.

Sua boca voltou aos meus seios, um após o outro, Evan puxou meus mamilos com força, me levando à beira da insanidade. Sua mão apertou minha mandíbula com força, de forma que minha boca fez um bico e ele mordeu o lábio antes de dizer.

– Eu vou te foder a noite inteira, eu quero que você me sinta em você, dentro de você, como se eu nunca tivesse saído.

Evan rosnava e gemia, enquanto estocava sem parar. Segurando meus braços acima de minha cabeça, mordeu o meu pescoço até doer e foi o bastante para mim. Soltando um grito agudo, seguido de seu nome, eu gozei loucamente.

Olhando-me intensamente, Evan segurou meu rosto, seu

dedo em meus lábios. – Eu amo você. – disse um segundo antes de se perder em mim.

Como eu, Evan gozou loucamente, sem tirar seus olhos dos meus, mordendo meu queixo, beijando minha boca. Eu o sentia dentro de mim.

Nossas respirações estavam entrecortadas, seu rosto em meu pescoço, seus dedos acariciando o meu cabelo.

– Uma noite apenas. – sussurrou.

– E alguns dias também. – respondi e Evan levantou sua cabeça, sorrindo para mim.

– Sim, meu anjo, alguns muitos dias também. – concluiu.

Dezenove

Naquela noite, eu e Evan costumamos a dormir. Estávamos agitados, eufóricos, excitados. Simplesmente não conseguíamos parar. No sofá, na mesa da cozinha, no boxe ao chuveiro, em minha cama. Evan fez questão de “comemorar em todos os cômodos da casa”, como ele mesmo disse. Estávamos impossíveis! Como um recém-casal completamente apaixonado, afinal, era dessa forma que estávamos, ou não?

Evan não se cansava de repetir o quanto me amava e – sou obrigada a confessar, embora ainda pareça estranho para mim, mesmo depois de alguns dias – não me cansava de ouvir, apesar de não conseguir expressar o que sentia. Eu não conseguia olhar em seus olhos e dizer as coisas das quais ouvia, ainda que eu sentisse. Sim, eu sabia que estava completamente apaixonada por Evan, não havia escapatória. O que havia de errado, então?

Na minha cabeça completamente confusa – e louca – eu achava que poderia perdê-lo se eu dissesse o que estava sentindo. Isso era algo totalmente ilógico e insano e, o mais estranho era que nunca fui uma pessoa insegura.

O fato é que tudo ali era novo para mim. Nunca em toda a minha vida um homem abalou as minhas estruturas como Evan King. Nunca o meu corpo ficou em total estado de ebulição ao sentir a presença de alguém ou apenas por ouvir o seu nome. Nunca.

Somente Evan King.

Evan fez de mim uma nova Angelina ou apenas derrubou a “capa”? Eu acreditava piamente que não seria capaz de amar alguém, pelo menos, não nesta vida, então Evan apareceu e mandou tudo para o inferno quando me olhou daquela forma na primeira vez em que nos vimos. Não, eu não me apaixonei por ele naquele momento, é claro, mas algo mudou dentro de mim, algo que estivera há muito tempo adormecido.

Quando me apaixonei por Evan? Eu não seria capaz de dizer. Quando me tocou pela primeira vez em seu consultório? Quando nossos dedos se tocaram ao me entregar o seu cartão? Quando segurou com força em minha cintura e disse *Bem forte?* Ou seria quando me empurrou contra a parede a primeira vez? Ou a primeira vez que esteve em mim?

Eu poderia ter me apaixonado por ele no meu primeiro dia na fisioterapia, embora estivesse possessa e totalmente irritada com ele? Ou quando contei minha história? Tantos momentos, que eu realmente não saberia dizer. Evan simplesmente entrou... E ficou. Hoje ele me preenche completamente e eu tenho plena convicção de que nunca estive tão feliz.

Ouvi uma batida na porta e imediatamente Tray entrou.

– Nós temos visita! – Disse empolgado e Evan surgiu na fresta, seu sorriso varrendo minha alma. – Ok, a visita não é para mim, mas você sabe que sou enxerido.

Revirei os olhos, e antes que eu pudesse me levantar, Evan já tinha contornado minha mesa, segurado em minha nuca e me beijado ardentemente.

Ouvi um assobio, seguida da voz sarcástica de Tray.

– Ok, Sebastian chegará só amanhã, então, será que vocês podem ter alguma compaixão por mim e se lembrarem de que isso aqui é um escritório?

Evan parou de me beijar, mas ainda me olhando intensamente, seus olhos queimando os meus. – Hummm... Adoro o seu escritório meu Anjo. – Meu ventre se contraiu.

– Vamos almoçar? – Perguntei a Tray enquanto pegava a minha bolsa.

– Deus me livre! E ficar aguentando essa sucção diurna na minha frente? – Pisquei e ele continuou de forma dramática. – Obrigada Darling, mas eu passo.

Revirei os olhos enquanto Evan sorria. – Deixe de ser exagerado Tray! Venha conosco.

Pedi e, nesse momento, meu celular tocou fazendo com que eu franzisse o cenho ao ver o número desconhecido.

– Brooks.

– Senhorita Angelina Brooks? – Ouvi a voz masculina carregada de sotaque do outro lado da linha. – Boa tarde, você não me conhece. Sou o doutor Angelo Costa.

Instintivamente, olhei para Evan e Tray a minha frente e assenti para que o homem continuasse. *Doutor?*

– Foi muito difícil encontrá-la, então, por favor, peço que não desligue. Estou falando do Brasil e é um assunto muito importante.

Brasil?

– O que houve meu Anjo? Quem está falando? – Evan perguntou preocupado e fiz sinal, indicando que estava tudo bem, pedindo ao tal médico que prosseguisse.

Quando desliguei o telefone, estava sentada em minha cadeira, completamente entorpecida. Minhas pernas pareciam gelatina e meu corpo estava trêmulo. Eu ainda segurava a caneta que também tremia em minha mão, com um endereço, um nome e um telefone em algum pedaço de papel.

– Doutor Angelo Costa? – Tray perguntou confuso com o papel em sua mão e Evan piscou, perguntando quem era.

– Ele me explicou como conseguiu meu telefone... – Eu ainda estava em estado de choque e engoli em seco antes de continuar, sentindo uma sensação completamente estranha me invadir.

– Pelo o que entendi, ele está tratando do caso do senhor Brooks. – Evan e Tray me olharam incrédulos. – E parece que o caso é grave.

Pisquei, sacudindo a minha cabeça na tentativa de

organizar minha mente. Depois de todos esses anos, o homem que havia me trazido ao mundo, mas que eu me recusava veemente a chamar de pai, estava em estado terminal numa cama em algum hospital no Rio de Janeiro, cidade onde vivemos quando retornamos ao Brasil para o tratamento de minha mãe. Segundo o médico, era um hospital específico para o tratamento de sua doença.

– Segundo o tal doutor, o caso é extremamente grave, a doença tomou conta de todo o seu corpo. Parece que ele já estava doente há algum tempo. – disse movimentando minha mão.

– Ele está com câncer no testículo. – não pude evitar um sorriso sarcástico ao dizer minhas próprias palavras, embora tenha sentido algo se dilacerar dentro de mim.

Evan fechou seus olhos por instantes, Tray olhou para os lados e um silêncio sepulcral se instalou na sala. Eu ainda podia ouvir a voz do médico me dizendo que ele falava muito sobre mim e que só queria ter a chance de poder falar comigo mais uma vez. Foi quando me explicou como havia conseguido o meu telefone.

O que aquele homem poderia falar comigo? O fato é que *eu* não tinha absolutamente nada para falar com ele. Cada um tem o que merece, não é? Eu repetia desesperadamente para mim.

– O que faremos? – ouvi Evan perguntar e não pude acreditar.

Nós? Eu ainda o olhava incrédula, quando ele aproximou-se de mim. Ajoelhando-se na minha frente, tocou o meu rosto com as costas das mãos ternamente.

– Estamos juntos, meu Anjo. Sempre. Diga-me o que quer fazer.

Meu coração disparou, parecendo que sairia voando de dentro do meu peito. Olhei para Tray que me observava intensamente, balançando sua cabeça levemente, com o seu jeito Tray de ser, me indicando que estava ali e me apoiaria, qualquer que fosse a minha decisão. Eu arrisco dizer que nenhuma, eu digo, *nenhuma* mulher no mundo poderia se sentir mais amada do que eu naquele momento.

– O que faremos? – Perguntei me levantando. – Iremos almoçar! E você Tray, virá conosco.

Disse pegando a minha bolsa e voando como uma flecha para a porta, não antes de deixar de perceber a troca nervosa de olhares preocupados – e cúmplices – entre Evan e Tray.

Naquela noite, Evan foi para a minha casa e eu ainda estava calada. Foi assim durante o almoço e toda a tarde, mesmo com todas as reuniões e todo o trabalho a fazer. Eu não deveria estar daquela forma. Eu não deveria me preocupar,

sequer pensar naquele assunto, afinal, eu já havia apagado aquele homem da minha vida completamente.

– Angelina... – Evan aproximou-se de mim, me estendendo uma dose do meu velho Jack, mas, antes que eu pudesse levá-la à boca, começou.

– Não faça nada ou deixe de fazer alguma coisa, qualquer coisa, da qual possa se arrepender depois.

Engoli em seco e remexi-me desconfortavelmente no sofá.
– Que papo é esse?

Tentei levantar, quando Evan segurou o meu braço, olhos cintilantes em minha direção.

– Você *sabe* que papo é esse. – exalou com força antes de continuar. – Angelina, eu te conheço. Muito mais do que você supõe. Eu imagino o quanto essa notícia mexeu com você... Por Deus, isso mexeria com qualquer um!

Olhei para os lados de forma tensa. É claro que aquilo tinha mexido comigo, mas, tudo era tão estranho. Evan colocou o meu copo de lado e segurou meu rosto em suas mãos.

– Talvez essa seja a única oportunidade de você acertar as contas com o seu pai, a única chance que vocês terão para realmente ficarem bem um com o outro.

Dei um sorriso nervoso, soltando suas mãos. – Você não conhece aquele homem, Evan. – disse, me dirigindo à janela.

Lá fora chovia e estava tudo nebuloso, mal dava para ver a iluminação das ruas e do Central Park. As mãos de Evan envolveram o meu corpo e seus lábios tocaram o meu ombro, beijando-o suavemente.

– Mas eu conheço você.

Fechei meus olhos por instantes, antes de sussurrar. – É capaz de eu chegar lá e ele me insultar como sempre fez durante toda a sua vida.

Evan virou o meu corpo lentamente em sua direção e levou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha.

– Então você não terá perdido nada, meu anjo. - acariciando o meu rosto com os dedos, concluiu. - Cada um dá aquilo que tem. Veja o que você tem aqui. – sua mão tocou levemente o meu peito, na altura do meu coração. – Aqui está a sua essência e ninguém pode mudar isso. – sorrindo lentamente, concluiu. – Nem você.

Seus lábios tocaram os meus num beijo terno, antes de sua testa encostar-se a minha. – O que você tem, meu anjo, não guarde dentro de você. Qualquer que seja a sua decisão, estarei ao lado. Só não deixe o orgulho ou qualquer outro sentimento idiota ditar o seu caminho. Faça o que tiver vontade de fazer. Estou aqui com você. Sempre estarei.

Meu coração estava tão acelerado, que eu realmente achei que ele pudesse sair voando de dentro do meu peito. Eu poderia amar mais aquele homem? Alguém poderia me amar

mais do que ele? Eu jamais pensei que esse tipo de coisa pudesse acontecer comigo, mas, Evan estava ali.

Fechei meus olhos na tentativa de controlar minhas lágrimas, em vão. Evan me abraçou forte, encostando o meu rosto em seu peito.

–Podemos partir amanhã? – sussurrei e então ouvi sua voz em meu ouvido.

– Quando você quiser, meu anjo. Quando você quiser.

Vinte

No dia seguinte, organizei tudo e deixei Tray a cargo da Brooks Editora. Evan, por sua vez, ordenou a Valery que desmarcasse todos os seus compromissos e consultas, remanejando-os para a próxima semana. Era fim de tarde e eu me despedia de Tray.

– Fico mais tranquilo sabendo que Evan irá com você, ainda assim, se precisar me ligue que irei nem que seja num foguete da Nasa!

Não pude deixar de sorrir e abraçá-lo. Como podemos ter uma ligação tão forte com alguém que não é do nosso sangue?

–Darling, eu estou falando sério!

Sorri mais ainda, lhe dando um selinho carinhoso. – Eu sei, mas, não se preocupe.

– Aqui estão as informações sobre o hospital, inclusive o endereço. O tal doutor Costa já foi avisado. – disse de forma profissional, levantando sua sobrancelha ao concluir. – Falei com ele pessoalmente.

É claro. Eu conhecia Tray o suficiente para saber que ele jamais permitiria que eu chegasse a qualquer lugar sem antes fazer uma pesquisa minuciosa sobre todos os detalhes que o cercassem.

– Ele a aguarda e irá recebê-la. – segurando minhas mãos

com ternura, concluiu. – Você tem certeza?

Assenti.

– Eu preciso acabar com isso Tray. Durante toda a minha vida, eu deixei pontas soltas. A possibilidade de ter uma doença macabra e incurável, um relacionamento fragmentado com... – engoli em seco, eu não conseguia chamar aquele homem de pai. – Ele... – sem saber muito bem como continuar, concluí. – Eu realmente preciso resolver isso.

Tray balançou a cabeça e me abraçou forte no momento em que ouvimos uma batida na porta. Evan entrou perfeito em sua calça jeans escura e camisa social impecavelmente branca, com a manga dobrada até o cotovelo. Ver o tom de sua pele em seus braços deliciosos me deixou ligeiramente desnorteada.

– Essa delícia toda é realmente necessária? – Perguntei puxando-o pela gola e mordendo seus lábios e Tray se afastou sorrindo.

–Ok, finjam que eu não estou aqui. – disse levando as mãos ao rosto para tapar seus olhos.

Evan sorriu, mordendo o lábio e me olhando daquele jeito que só *ele* fazia, deixando meu corpo em total estado de ebulição. Era impressionante como tudo desaparecia, sendo bom ou ruim, quando Evan King estava presente.

Sem nada dizer, acariciou o meu rosto, contornando os meus lábios com o dedo antes de levar sua mão deliciosa a minha nuca e me puxar em sua direção. Senti seus lábios nos

meus e sua língua me invadiu, fazendo tudo desaparecer.

Não sei dizer ao certo quanto tempo aquele beijo durou, mas eu estava prestes a jogá-lo em cima da mesa quando ouvi sua voz em meu ouvido.

– Nós temos um voo, meu anjo. Não me faça perder o controle.

Sorri. Eu gosto quando Evan perde o controle, mas, ele tinha razão. Nós tínhamos um voo. Após nos despedirmos de Tray, seguimos em direção à porta.

– Por favor, *me liguem* antes de se atracarem na terra maravilhosa, ok?

Ouvimos sua voz divertida antes de sairmos da sala.

Nosso voo durou toda a noite e embora eu devesse dormir, estava uma pilha. O máximo que consegui foram alguns cochilos que não passavam de minutos. O mais impressionante foi Evan ter ficado acordado o tempo todo ao meu lado.

–Você deveria dormir. – eu disse em algum momento.

–Estou aqui para ficar ao seu lado. – foi sua resposta, que me derrubou completamente.

Liguei para Tray assim que chegamos, enquanto Evan pegava nossa bagagem despachada. Aproveitamos a oportunidade para passarmos alguns dias no Brasil, já que, apesar de conhecer o país devido a uma breve passagem por

São Paulo há algum tempo, Evan ainda não conhecia o Rio.

Fizemos o check-in no Copacabana Palace. Eu estava na varanda vendo a vista maravilhosa da praia, quando senti Evan atrás de mim.

– É lindo, não é? – Perguntou envolvendo minha cintura, beijando o meu pescoço.

– Eu quem deveria ter feito as honras. – respondi, virando em sua direção.

Evan era impressionante. Ele mesmo havia cuidado de toda viagem, comprado as passagens e garantido a primeira classe, é claro, além de ter reservado a suíte presidencial do hotel mais famoso do país.

– Sua mente tem outras preocupações agora... – respondeu de forma doce, tocando o meu rosto. – Espero que tenha gostado da suíte.

Ergui minha sobrancelha. – Você só pode estar brincando!

Evan soltou sua gargalhada perfeita, beijando meus lábios rapidamente, antes de me virar em direção à praia mais uma vez. – Esta é a visão que Sinatra teve quando esteve aqui. – pisquei. – Quer dizer, hoje está um tanto modificada, mas...

Olhei-o incrédula e ele concluiu. – Sim, meu anjo, estamos na suíte que um dia foi ocupada por, ninguém menos que *The Voice*. – concluiu de forma afetada, me fazendo sorrir.

Tomamos nosso café da manhã na varanda vendo a vista deslumbrante de toda Copacabana. Era impressionante o que aquele homem estava fazendo, em como havia pensado em tudo.

Assim que terminamos, seguimos para o hospital. Eu estava tensa e queria acabar de uma vez por todas com aquela agonia.

O bairro era estranho e a entrada do hospital, deprimente. Evan solicitou ao motorista que nos aguardasse no mesmo local que havia nos deixado e, após ligar diretamente para o tal doutor Costa, nossa entrada foi liberada e seguimos rumo ao terceiro andar.

– Senhorita Brooks. – ouvi assim que saímos do elevador.

O doutor Angelo Costa era um homem de meia idade, cabelos grisalhos, olhos castanhos e um sorriso terno.

– Como foram de viagem?

Perguntou, nos conduzindo a uma pequena sala com paredes em tom amarelo claro, um pequeno sofá em frente a uma pequena poltrona, ambos em tons pastéis. Alguns quadros com pinturas abstratas decoravam o ambiente, além de uma pequena estante com alguns papéis e um pequeno vaso com flores artificiais.

– Acabamos de chegar, mas, fizemos boa viagem. Obrigado. – Evan respondeu prontamente em seu português carregado de sotaque. – Muito prazer, Evan King.

– Senhor. – respondeu lhe apertando a mão. Eu estava tão desnorteada, que não fiz as devidas apresentações, mas Evan não se deixou abalar nem um pouco por isso.

– Vocês devem estar cansados, então, irei diretamente ao ponto. – disse o doutor Costa me olhando com cuidado e não pude ficar mais grata por isso. Assenti. Eu queria acabar com aquele tormento de uma vez por todas.

Ele explicou que aquele era um hospital especializado em oncologia e, embora fizesse parte do Sistema Único de Saúde, era a referência no tratamento de câncer.

– Eu conheço o trabalho do INCA, doutor Costa. – o doutor piscou surpreso e Evan concluiu. – Também sou médico, mas, minha especialidade é outra. Sou ortopedista e pesquisador, na área de células tronco.

O doutor Costa pareceu surpreso. – Isso é maravilhoso, doutor King. – disse antes de continuar sua explicação.

– Há quatro unidades do INCA aqui no Rio de Janeiro e esta é a unidade INCA Quatro, a unidade de cuidados paliativos.

Pisquei. *Cuidados paliativos?*

O doutor explicou que ali ficam os pacientes cuja doença não há mais possibilidade de cura, por isso, os cuidados paliativos. A ideia é tentar diminuir o sofrimento causado pela doença.

– O foco não é a cura, até porque aqui, ela não existe mais e sim, a qualidade de vida e a diminuição do sofrimento, sempre que possível.

– Um purgatório? – Perguntei sem pensar e o doutor pareceu surpreso. – Desculpe. – Pedi e o doutor Costa deu um sorriso terno antes de responder.

– Eu não vejo desta forma, senhorita Brooks.

É claro que não. Pensei. Nesse momento, o telefone de Evan tocou e ele franziu o cenho ao olhar o visor. Interrompeu a ligação, desculpando-se, antes de desligar o aparelho e pedir ao doutor Costa que continuasse.

O doutor explicou que havia algum tempo que Simon Brooks estava internado, cinco meses, para ser mais exato.

– Antes disso, ele teve tratamento na unidade Um, mas, não houve nada que pudesse ser feito e, depois de muitas tentativas, ele foi encaminhado para cá.

Engoli em seco e o doutor continuou com cuidado.

– O seu pai é um homem solitário, senhorita Brooks. – meu corpo endureceu ao ouvi-lo dizer que aquele homem era o meu pai e imediatamente a mão de Evan tocou a minha, apertando sutilmente.

– Aqui oferecemos tratamento psicológico aos pacientes e... – fez uma pausa, avaliando suas palavras. – o seu pai sempre falou muito sobre você.

O doutor levou mais algum tempo explicando como funcionava o tratamento e que a decisão de me procurar havia partido de uma junta médica especializada. Blábláblá, eu realmente não estava interessada.

O fato é que eu comecei a me questionar se realmente deveria ter ido. Há quantos anos eu não falava com aquele homem? E quando realmente tivemos uma relação de pai e filha? A verdade era que ele era um completo estranho para mim e subitamente comecei a sentir uma vontade absurda de desaparecer dali.

– E foi assim que chegamos até você. – ouvi quando ele concluiu.

Olhei para Evan e ele assentia, olhando na direção do doutor Costa, que pigarreou antes de continuar.

– Senhorita Brooks, sinceramente não sei quanto tempo o seu pai suportará.

Fechei meus olhos e, confesso, não pelo fato de ele ter pouco tempo, mas por ter ouvido, mais uma vez, a palavra “pai”. O doutor continuou.

– Por isso, o quanto...

– Vamos acabar de uma vez por todas com isso. – Cortei-o de forma rude e seca. Eu não aguentava mais aquilo tudo.

Estranhamente, o doutor Costa não pareceu surpreso com minha reação e, levantando, nos conduziu à porta.

Andamos pelo corredor silencioso. Havia alguns trabalhos artesanais pelas paredes, cartazes, quadros e gravuras, que o doutor Costa explicou serem da oficina de artes direcionada aos pacientes. Pisquei e ele concluiu.

– Conforme lhe disse senhorita Brooks, não há nada de purgatório por aqui. – enrubesci, e ele continuou.

– Há oficinas de música e canto também, além de algumas festividades. Muitos dos produtos para os bazares e exposições são feitos pelos próprios pacientes: bijuterias, quadros e até roupas. Crochês e bordados fazem parte das atividades de muitas pacientes daqui.

Balancei a cabeça e Evan pegou na minha mão quando o doutor parou em frente a uma porta.

– Aqui não possuímos quartos privativos, somente enfermarias. – disse tocando o dispositivo para higienização das mãos, antes de abrir a porta.

Eu e Evan procedemos com a higienização das mãos, mas, ao ver a porta aberta, congelei. Após tantos anos, eu encontraria aquele homem e de uma forma totalmente diferente e, possivelmente, assustadora.

– Você tem certeza disso? – Evan posicionou-se na minha frente, sua mão em meu cabelo, levando uma mecha atrás da orelha.

Respirei fundo, antes assentir. Eu tinha chegado até ali, não iria voltar agora.

Entramos no quarto ligeiramente escuro. O clima era pesado e triste. Havia duas camas separadas por uma espécie de cortina que dividia o ambiente. O doutor cumprimentou o acompanhante do paciente que estava na primeira e seguiu diretamente para a segunda e nós o acompanhamos sem olhar para trás.

Quando chegamos, porém, eu travei mais uma vez. Aquele seria o momento. Respirei fundo e fechei meus olhos por instantes, soltando o ar lentamente, antes de seguir em frente, até a cabeceira.

Eu estava completamente paralisada, olhos arregalados. A minha frente, o estranho que havia me trazido ao mundo dormia, e não era de forma serena. Estava magro, semblante pesado, com um acesso em seu braço e um aparelho estranho ao seu lado que fazia um barulho esquisito.

– Morfina. – ouvi Evan sussurrar.

O doutor Costa aquiesceu, explicando que no estágio de sua doença as dores eram absurdas e a Morfina se fez imprescindível.

– O mais impressionante é que ele se mantém completamente lúcido. Embora tenha dificuldade para falar, ele sabe exatamente o que está acontecendo. – completou e eu me perguntei se isso não seria um castigo? Mas, quem era eu para julgar, afinal?

– Você terá alguns minutos, senhorita Brooks. Não sei por

quanto tempo ele suportará sem a Morfina.

Engoli em seco enquanto ele me olhava profundamente.
– Pronta? – Perguntou.

Aquiesci e Evan segurou minha cintura, me levando para perto de si, corpo colado ao meu. Sua mão me apertou sutilmente e ele balançou levemente a cabeça em minha direção. Sim, Evan estava ao meu lado, mais uma vez, em um dos momentos mais importantes da minha vida. Não foi o primeiro e ali eu soube que não seria o último.

Vinte e um

O doutor Costa tocou em alguns botões do tal aparelho ao lado da cama e aproximou-se do corpo que ali jazia. O homem fez uma careta antes de abrir seus olhos, ligeiramente assustado com a situação.

– Senhor Simon, o senhor tem visita.

O homem piscou algumas vezes, tentando se encontrar e, neste exato momento, eu percebi quão triste era a sua situação. Doente, ele estava praticamente morrendo e estava sozinho. Por mais que eu soubesse que era algo que ele mesmo havia plantado em sua vida, vê-lo daquela forma me sensibilizou e eu senti um aperto no peito. Não imaginei que iria encontrá-lo em um estado tão crítico.

– O senhor tem visita. – o médico repetiu e o velho tentou balbuciar algumas palavras em seu ouvido.

– É verdade, senhor Simon. – o doutor Costa continuou, apontando em minha direção. – Veja.

Olhos quase sem vida os acompanharam na direção em que apontou, parando no momento em que cravaram em mim. Ele inalou com a pouca força que tinha, totalmente surpreso por me ver ali.

Alguns instantes se passaram enquanto olhávamos um para o outro e, subitamente, ele começou a chorar. Engoli em

seco, tentando eu mesma controlar minhas próprias lágrimas. Evan apertava cada vez mais a minha pele, enquanto me puxava em sua direção. Sua mão saiu de minha cintura para o meu braço e agora ele me acariciava, enquanto beijava o topo de minha cabeça.

O homem abriu seus olhos marejados e tentou esticar sua mão trêmula em minha direção. Engoli em seco mais uma vez, olhando na direção de Evan, que deu um sorriso que não alcançou seus olhos.

– Não faça nada ou deixe de fazer alguma coisa, qualquer coisa, da qual possa se arrepender depois. – sussurrou, beijando minha testa com ternura, antes de me soltar.

Olhei-o por alguns instantes e depois para o homem deitado, que ainda tentava levantar sua mão para mim. Livrando-me de todo o orgulho e mágoa que poderiam existir dentro de mim, contornei a cama, ficando ao seu lado, tocando em sua mão frágil.

Ele fechou seus olhos e soluçou, antes de abri-los mais uma vez e, me olhando profundamente, disse com um fio de voz.

– Perdoe-me, minha filha. – Sua frágil mão levou a minha ao seu rosto, mantendo-a ali, aninhando-me, enquanto ele chorava copiosamente. – Perdoe-me, por favor.

É claro que naquele momento, minhas barreiras já haviam sido rompidas e eu não controlava mais as lágrimas

que caíam em meu rosto. Ele continuou, falando com dificuldade.

– Eu não tive tempo de pedir perdão a sua mãe, Angelina.
– disse de forma frágil - mas, eu gostaria que me perdoasse.

Ele fechou seus olhos por instantes e continuou, fazendo um esforço incrível para conseguir falar.

– Não é fácil, eu sei, talvez eu mesmo não me perdoasse.
– e abrindo os seus olhos, concluiu. – Mas você é especial Angelina, você não é igual a mim.

Aquilo me atingiu em cheio. Durante anos eu repeti para mim mesma que eu não era igual a aquele homem. Mesmo a possibilidade de possuir o seu gene normal me apavorava, ainda que isso me desse a chance de não ser portadora da Doença de Huntington. Então, que vontade era aquela de dizer a ele que estava enganado?

– Você não é como eu, você é especial, minha filha. – ele repetiu com dificuldade e, ao olhar em seus olhos, vi todo o arrependimento, remorso e o sofrimento que ele carregava dentro de si.

Segurando sua mão com força, toquei o seu rosto.

– Eu te perdoo. – Ele me olhou incrédulo e eu concluí. – E não por que sou diferente de você, mas, justamente o contrário. Você não é mais aquela pessoa e precisa aceitar isso também.

Simon Brooks, meu pai, fechou seus olhos enquanto tentava apertar minha mão. É claro que ele não conseguiu, estava frágil demais para isso, mas, em seus lábios, vi brotar um sorriso antes de ouvi-lo sussurrar.

– Obrigado, muito obrigado.

Ficamos alguns instantes, ele de olhos fechados segurando a minha mão, enquanto, eu acariciava a sua cabeça e os poucos fios brancos que ainda existiam. Em algum momento, o seu semblante mudou e ele fez uma careta. Neste momento, ouvi o barulho do aparelho e a voz do doutor Costa, informando que a Morfina havia sido introduzida.

Beijei-lhe a testa, antes de soltar sua mão e senti as de Evan em meus ombros, me virando em sua direção. Olhei seus olhos marejados quando ele tocou meus lábios com os dedos.

– Eu amo você. – disse antes de me abraçar apertado.

Meu pai faleceu naquela mesma noite, estávamos no hotel quando Evan recebeu a ligação. Ele cuidou de tudo, providenciando tudo o que foi necessário para a sua Cremação. O meu pai só não morreu sozinho porque eu e Evan estávamos lá. Ele não tinha mais ninguém em sua vida.

Eu não me sentia triste, não por ele ter morrido. Eram sensações estranhas, sentimentos contraditórios. Pelo o que ele sofria, a morte foi um presente, afinal. Se por um lado eu me sentia leve, em paz, por termos acertado nossas contas, por outro, eu me sentia frustrada. Por que somente no final da

vida? Por que não antes? Por que não quando estava aqui comigo e com minha mãe?

– Há coisas que simplesmente fogem ao nosso entendimento, meu anjo.

Evan disse acariciando minha cabeça que repousava em seu peito, e eu aquiesci, fechando os meus olhos.

– Que ele descanse em paz.

Vinte e dois

No dia seguinte, acordamos tarde e decidimos ficar no quarto do hotel o dia inteiro. Embora eu não estivesse necessariamente triste, eu me sentia diferente, com um aperto estranho em meu peito.

Eu passei grande parte da minha vida odiando o homem que me colocou no mundo e, fatalmente, aquilo não me deixou feliz durante minha existência. Internamente eu sabia que as coisas deveriam ser diferentes, mas, eu era uma sobrevivente e os sobreviventes não questionam, apenas... bom, apenas sobrevivem.

– O que houve meu anjo? – Evan perguntou em algum momento enquanto terminávamos nosso delicioso almoço.

Sorri, balançando minha mão. – Sinto-me estranha. – Evan me olhou profundamente, dando um tempo para que eu conseguisse continuar.

– Não quero ser hipócrita, Evan. Não posso dizer que estou sofrendo pela morte de meu pai, mas, também não estou feliz, entende?

Ele deu um longo gole em seu vinho antes de largar a taça e segurar minha mão, acariciando com o dedo minha palma.

– Perfeitamente. Ele é o seu pai e vocês finalmente acertaram as contas. – respondeu sorrindo. – E você não sabe

o quanto isso me deixou feliz.

Sorri também, e Evan envolveu minha mão na sua, entrelaçando nossos dedos. – Esse seria o momento em que vocês tentariam recuperar todo o tempo perdido, mas... – sua mão apertou a minha e ele a levou aos seus lábios, beijando-a docemente. – mas, ele se foi antes que isso pudesse acontecer e aí está a sua frustração, meu anjo.

Pisquei e ele levantou-se, sentando-se ao meu lado, acariciando o meu cabelo, seus dedos no meu rosto.

– Não se sinta frustrada, há pessoas que não têm a chance que vocês tiveram.

Balancei a cabeça levemente, Evan tinha razão. Sorri. Era impressionante como ele me acalmava.

– Lembrou-se de algo engraçado, senhorita Brooks? – Perguntou levantando sua sobrancelha e eu sorri mais ainda ao me lembrar do nosso primeiro encontro.

– Você quer saber por que eu ri quando nos encontramos a primeira vez?

Resolvi mudar de assunto e Evan arregalou os olhos. Sua expressão foi impagável quando confessei que ria do seu nome.

– O que tem demais no meu nome? – Perguntou balançando a cabeça e eu ri mais ainda.

– King? Fala sério!

– Eu sou o Rei, senhorita Brooks. – olhei-o incrédula e ele continuou. – E pode se acostumando com esse nome, quem sabe um dia ele não será seu?

Disse me olhando profundamente e eu congelei, engolindo em seco. Nesse momento, a voz de Sinatra ecoou pelo quarto. Evan havia ligado o seu iPod com músicas devidamente selecionadas por ele quando acordamos. Ele era muito eclético, havia de um tudo um pouco em seu aparelho e, naquele momento, foi a vez do “The Voice”, como ele costumava dizer, dar o ar da graça.

– Hummm – Evan gemeu com seu olhar sacana, levantando e estendendo a mão em minha direção.

– Eu não vou dançar! – Retruquei.

– Sim, esse é o nome da música – respondeu parecendo se divertir e, me puxando em direção ao seu corpo, concluiu. – E você irá dançar sim.

“Eu não vou dançar, eu não vou dançar com você madame. Meu coração não vai deixar meus pés fazerem o que eles devem.”

Evan me rodava pelo quarto enquanto Frank cantava em nossos ouvidos.

“Sabe de uma coisa, você é adorável. Sabe de uma coisa, você é tão graciosa. E, oh, o que você faz comigo.”

– Oh, o que você faz comigo. – Evan repetiu, girando o

meu corpo, apertando minha cintura.

“Eu sou como a onda que quebra na costa, eu me sinto tão absolutamente atarracado no chão.” (Frank Sinatra. I won’t dance).

– Atarracado no chão, Angelina. Detonado, destruído, completamente nocauteado.

Evan repetia de forma sedutora, enquanto me girava, sua mão acariciando minhas costas, enquanto a outra me segurava pela mão, me conduzindo ao seu ritmo.

Eu ria descontroladamente. Aquilo era romântico e completamente assustador, embora, divertido e totalmente sedutor. Evan continuou cantando junto com Frank, sua língua contornando meus lábios e seu pau querendo entrar em mim.

– Parece que alguém quer participar da dança também. – eu disse de forma sacana segurando-o com força. – Mas, a música acabou.

Evan deu um sorriso sexy, jogando nossos corpos na cama, ele deliciosamente em cima de mim.

– Nossa dança está apenas começando, meu anjo. – disse desamarrando o nó do meu robe. – E nós ainda temos o dia inteiro pela frente.

No dia seguinte, após um leve café da manhã, decidi mostrar a cidade para Evan ou, pelo menos, o que fosse possível. Seria o nosso último dia no Brasil e ele jamais poderia ir embora sem conhecer um pouco da Cidade Maravilhosa.

O dia estava quente e agradável e sugeri que usássemos roupas leves. Estávamos com shorts de tãtã, camisa básica e tênis, além disso, eu carregava uma mochila com algumas parafernãlias dentro.

Estávamos saindo do hotel quando, mais uma vez, seu telefone tocou. Ele franziu o cenho ao olhar o visor.

– É ela de novo? - Evan aquiesceu.

Era a vaca loira da Inglaterra, a tal Elizabeth. Foi ela quem ligou quando estávamos com o doutor Costa, e ela era mais uma vez.

– É melhor eu atender ou ela não irá parar. – disse e franziu o cenho, falando com a voz mais fria que eu já pude ouvi-lo ter.

– Doutor King.

Humm, somos doutor King agora. Pensei. Sim, eu não presto. Dane-se!

– Oi Elizabeth, o que deseja? – Ouviu enquanto ela falava do outro lado. – Eu não estou em Nova York. – escutou com atenção. – Não. Estou viajando e não é a trabalho. Você pode ligar para o Mark, se precisar.

Evan fechou seus olhos por instantes, cerrando seu punho, visivelmente irritado.

– Elizabeth, não irá funcionar. Nós já conversamos sobre isso e não iremos conversar de novo. Eu sinto muito, mas eu preciso desligar.

Evan ficou mais alguns instantes com o telefone, até afastá-lo de sua orelha e olhar o aparelho em sua mão. – Acho que agora ela entendeu. – disse guardando-o no bolso de sua calça.

Dei de ombros, entramos no carro e eu ordenei ao motorista, providenciado pelo próprio hotel, que nos levasse a São Conrado. Evan piscou e eu lancei meu olhar felino em sua direção. Ele me devolveu um sorriso encantador e balançou a cabeça.

– O que está aprontando hein?

Dei uma piscadinha e recostei-me no banco, pegando sua mão e posicionando-a no meio de minhas coxas. Evan mordeu o lábio e sussurrou em meu ouvido.

– Não me provoque Angelina.

Virei em sua direção e mordi levemente o seu lábio.

– É exatamente isso que estou tentando fazer, Evan.

O sacana sorriu antes de me apertar mais ainda e eu precisei conter um gemido.

Seguimos pelas Avenidas Atlântica, Vieira Souto, Delfim Moreira e Bartolomeu Mitre, todas pertencentes à Zona Sul, bairro nobre da Cidade, e Evan ficou encantado.

– Esse túnel liga a Zona Sul à Zona Oeste. Quando eu era pequena, ele se chamava Dois Irmãos por que há outro igualzinho do lado de lá. – disse apontando na direção oposta e Evan abaixou a cabeça para ver melhor, seu rosto próximo ao meu. – Hoje ele se chama Zuzu Angel.

Ele sorriu. – Que nome esquisito.

– O nome foi uma homenagem à estilista mineira, famosa na década de setenta, que foi encontrada morta em um dos acessos, entre as ferragens de seu carro. A princípio foi um acidente, mas, depois descobriu-se que foi um atentado político.

Evan piscou. – Como você sabe dessas coisas?

Lancei-lhe um sorriso petulante. – Eu sei de muitas coisas, doutor King.

–É claro que sabe. – respondeu sorrindo.

O carro seguiu pela sinuosa Estrada das Canoas quando apontei a frente.

– Ali é a Casa das Canoas que foi projetada por Oscar Niemeyer.

Evan assentiu. – Sim, a casa que ele construiu para si mesmo. – pisquei e ele continuou. – Niemeyer morreu com mais

de cem anos de idade, há pouco tempo... – Evan movimentou a mão como tentasse se lembrar de um fato importante. – dois mil e doze, se não me falha a memória. Ah sim, ele também foi o responsável pela arquitetura da Cidade de Brasília, capital deste país, e da sede da Organização das Nações Unidas em Nova York.

Olhei-o incrédula e ele concluiu petulante. – Eu sei de muitas coisas, senhorita Brooks.

– Você é um verdadeiro cara de pau! – Respondi sorrindo.

Um pouco mais à frente, o motorista pegou um desvio e parou. Evan piscou várias vezes tentando entender, enquanto eu saía do carro.

– Angelina! Quanto tempo!

– Paulinho!

Alto, pele queimada de sol, cabelos e olhos escuros, Paulinho era um homem bonito, encantador e um velho amigo de longa data. Cumprimentei-o e ele me deu um afetuoso abraço. Brasileiros gostam de contato físico, como eu havia me esquecido disso?

– Esse é Evan, meu... – Travei.

Parecendo nada abalado, Evan completou. – Namorado dela. Muito prazer, Evan King. – disse lhe estendendo a mão, que Paulinho apertou firmemente.

– Paulo Araújo, muito prazer Evan. Preparado para fazer

um tour pela cidade? – Perguntou.

– Eu acho que sim.

Paulinho deu uma gargalhada alta, trazendo-me de volta ao mundo. Eu ainda estava fora de órbita pelo título de “namorada”. Isso não era novidade, mas, era tão... forte. É impressionante como certas palavras têm peso.

– Angelina, você não muda hein! – E, virando-se para Evan, concluiu. – Presumo que você não faça a menor ideia do por que está aqui, Evan.

Evan balançou a cabeça e olhou à frente, ficando pasmo com o que viu, até então, ele não tinha percebido onde realmente estávamos.

– Um dia você me disse que gostava de voar, bom... – comecei, movimentando o meu braço à frente. – Aqui é possível fazer isso.

Evan sorriu como criança. – Voo livre?

–Asa-delta. – completei com uma piscadinha.

– Uau! Eu irei conhecer o Rio de Janeiro voando de asa-delta? – Perguntou divertido e eu assenti. Virando-se na direção do meu amigo, perguntou. – E você será o meu instrutor?

Paulinho deu um sorriso cúmplice na minha direção e Evan ficou lívido.

– Não. Eu serei. – respondi e, petulante, completei. – Eu sei de muitas coisas, doutor King.

A minha frente, pairava um chocado doutor King e aquela foi uma cena da qual jamais me esquecerei.

– Caralho! – Foi a única coisa que ele conseguiu dizer.

Vinte e três

Seguimos à rampa, onde encontrei Luciano, outro querido amigo e também instrutor e supervisor.

– Segurem o meu coração! O que estou vendo aqui? – Exclamou com os braços abertos quando me viu. – Angelina Brooks! Eu não acredito!

– Lu! – Cumprimentei-o com um afetuoso abraço.

– Meu Deus, achei que só fosse te ver de novo na minha próxima viagem aos Estados Unidos! – Olhando na direção de Evan, estendeu a mão. – Muito prazer, Luciano Oliveira.

– Evan King. – respondeu lhe apertando a mão.

Após conversarmos banalidades e conhecermos outros membros da equipe *Voo Livre Carioca*, iniciamos os procedimentos para nossa aventura.

– É a primeira vez dele. – Paulinho revelou a Luciano, se referindo a Evan, em tom zombeteiro.

O que Evan respondeu em seguida deixou a todos perplexos, inclusive eu.

– Com a asa-delta sim. – pisquei e ele me devolveu seu olhar sacana ao fazer sua revelação. – Eu já saltei de paraquedas.

Abri minha boca em forma de “O” e Evan concluiu. – Na

Nova Zelândia, no Deserto da Namíbia, entre outros lugares fantásticos.

Eu não podia acreditar naquilo. – Eu sei de muitas coisas, senhorita Brooks. – respondeu sorrindo, segurando o meu queixo e me dando um beijo molhado, marcando o seu território para quem ainda tivesse qualquer tipo de dúvida a respeito de nós dois.

– Uau! – Luciano exclamou e, não sei ao certo se ele se referiu à revelação de Evan ou ao fato de estarmos juntos.

– Mas, conforme eu disse, será a minha primeira vez com a asa-delta, sendo assim, lhe devo um voo de paraquedas. – concluiu com sua piscadinha sacana.

Balancei a cabeça. – Isso será divertido. – concluí.

Após os procedimentos burocráticos, seguimos para a área de voo onde Evan receberia suas instruções. Minha habilitação como “Piloto Nível 4” e as horas de voo que adquiri, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, somadas a minha habilitação como Instrutora, além do fato de eu estar em dia com a Associação Brasileira de Voo Livre, e com a Federação Aeronáutica Internacional, me permitiram instruir Evan e acompanhá-lo no voo duplo.

Evan passou por um breve “treinamento”, mas, como já praticava paraquedismo, tudo foi mais fácil do que supúnhamos. Ele tinha as noções necessárias sobre meteorologia, reconhecimento das nuvens, ideia sobre

velocidade dos ventos, térmicas, zonas de contraste e turbulências. Eu observava fascinada, enquanto ele discutia assuntos técnicos com a equipe.

Como morava fora do Brasil, eu mantinha todo o meu equipamento com a equipe, que o supervisionava e garantia o seu perfeito estado de uso e conservação.

Minha asa é uma *Wills Wing*, do tipo rígida, toda em fibra de carbono com o tipo de comando aerodinâmico. Vermelha com detalhes em branco e tons amarelos, modéstia à parte, é uma das asas mais lindas que já vi.

– E a asa retorna a sua adorável dona. – exclamou Luciano, com os braços cruzados à frente do corpo, ao me ver manobrar o equipamento.

Sorri. Ele sempre teve uma queda considerável por mim, mas, isso não era privilégio meu. Luciano era o típico “carioca de praia”, pele bronzeada, olhos castanhos, cabelos claros, um corpo atlético e delicioso, além de galinha, é claro.

– O que devo fazer? – A voz de Evan soou no ambiente, carregada de tensão.

– Venha. Irei amarrá-lo. – respondi de forma sedutora e o filho da mãe sorriu de forma sacana.

– Aqui? – Perguntou, com os braços abertos, na minha frente.

– Aqui. – respondi, molhando meus próprios lábios,

enquanto o conectava à asa.

Após ver Evan preso ao equipamento, iniciei o *check list*. Comecei pela asa, verificando se cabos, talas, esticadores, pinos e travas estavam em ordem. Chequei os cintos, inclusive o reserva, bem como o fechamento das perneiras, *Bullets*, *Hang Loop* e mosquetões. Terminei minha checagem verificando o paraquedas reserva e acenei para a equipe, sinalizando que estávamos prontos para a simulação.

Subimos ao início da rampa e simulamos o salto, sem sair do chão. Mostrei a Evan como ele deveria manter o seu corpo e como deveria encaixar seus pés enquanto estivéssemos em voo. Era impressionante a sua capacidade de atenção e fascínio por tudo aquilo. Eu sentia que ele estava realmente extasiado e não pude deixar de me sentir orgulhosa – e feliz – com tudo isso.

–Tudo pronto? – Perguntou Paulinho e Evan fez sinal positivo.

– Vamos ver o Rio de Janeiro! Uhu! – Gritou animado e eu sorri com minha adrenalina a mil por hora. Voar era um grande prazer e com Evan ao meu lado, não poderia ser mais excitante.

Ficamos em posição inicial e Paulinho aproximou-se de Evan, tocando suas costas para lhe dar impulso no salto.

– Nos vemos no “Garota”. – Luciano disse com uma piscadinha para mim.

Assenti, contei até três, partimos correndo pela rampa e...

Liberdade.

Estávamos voando pela Cidade Maravilhosa e, conforme fora instruído, Evan encaixou seus pés, mantendo-os presos no *Bullet*.

Por instantes, ele não disse nada. Seu olhar estava marejado e ele se encontrava incrivelmente fascinado com o que via. A nossa frente, a incrível visão de grande parte da Cidade Maravilhosa, a Praia de São Conrado e a Pedra da Gávea e sua intrigante “rocha misteriosa”. Uma boa parte da Floresta da Tijuca também se fazia presente.

– Meu Deus Angelina... Isso... – Evan tentava encontrar as palavras. – Isso é incrível! Veja este mar! – Exclamou fascinado.

Sorri satisfeita, apontando para a Pedra. – Veja se não lembra um rosto humano.

– Meu Deus...

– Que tal uma foto? – Perguntei girando o corpo para o lado direito da asa e Evan fez o mesmo. Ali havia uma câmera gravando todo o voo e fazendo fotos aleatórias.

– Uhu! – Evan gritou levantando os braços. – Caralho!

Sorri, manobrando a asa.

– Ali é o Mirante das Paineiras. – disse certo momento.

O dia estava lindo e o vento altamente favorável. Graças ao Sudoeste, conseguiríamos fazer o voo o qual tinha planejado para Evan. Ele estava encantado e nossa viagem estava apenas começando.

–É incrível a sensação de liberdade. – disse em algum momento, com os olhos fechados e braços para o alto. – Você precisa saltar de paraquedas comigo, Angelina. – e, me olhando profundamente, concluiu. – Nós precisamos fazer isso também.

Assenti animada. Nunca havia saltado de paraquedas.

– Acho a ideia altamente excitante, principalmente pelo fato de estar em cima de você.

– Em cima e grudada em mim, Angelina. Totalmente *minha*.

Contive um gemido e balancei a cabeça, eu precisava me concentrar.

Eu e Evan voamos por grande parte do Rio de Janeiro e, quando inclinei a asa para o lado, fazendo uma pequena curva, ele abriu a boca perplexo.

–Meu Deus! – Exclamou fascinado e eu o olhei com um sorriso orgulhoso no rosto.

A nossa frente, o Cristo Redentor e seus braços abertos. Evan levou uma das mãos à boca e seus olhos ficaram marejados. Ele estava visivelmente emocionado.

– Nunca em minha vida, pensei que pudesse conhecer o Rio de Janeiro desta forma. – disse me olhando com paixão e senti um aperto em meu peito. – Obrigado. Obrigado por estar aqui.

Concluiu emocionado e, pela primeira vez em minha vida, senti um desejo forte e real de dizer a alguém o quanto o amava. Sim, eu amava Evan loucamente, e eu não poderia mais negar aquilo nem para mim mesma. É claro que as palavras não saíram.

Balancei a cabeça e me concentrei no trajeto, sobrevoando todos os arredores do Cristo, em todos os seus ângulos. Ali era possível ver todos os outros pontos maravilhosos da Cidade: a Lagoa Rodrigo de Freitas, o Jockey Club Brasileiro, grande parte da Zona Sul e toda a sua Orla. Era realmente incrível a visão que se tinha dali.

– Ali – disse apontando à frente. – Jardim Botânico e o Parque Lage, naquela direção. – Evan olhou perplexo e eu continuei. – O Mirante do Leblon.

Sobrevoamos mais um pouco e vimos, em cima das montanhas, várias casas. Franzi o cenho.

Favelas. – disse olhando para Evan.

– Eu não entendo como alguém pode viver assim...

– Somos dois. – concordei.

Mais algum tempo de voo, chegamos à Orla Carioca,

Copacabana e, então, ao fim da linha: Ipanema.

Fui baixando a asa em direção à areia e planamos mais um pouco até a altura desejável.

– Nós iremos pousar, Evan.

– Certo. Estou pronto. – respondeu animado, como um verdadeiro aluno obediente.

Movimentei a asa para trás, começando a frear os movimentos, estávamos quase na areia.

– Chegando... Mais um pouco...

Evan estava concentrado e segurava firme, exatamente no lugar em que eu havia instruído. Mais uma vez, freei a asa e fizemos um pouso perfeito na areia da praia de Ipanema.

– Wow! – Evan gritava loucamente, levantando seus braços. – Isso foi perfeito, meu anjo! – disse pegando o meu rosto em suas mãos. – Perfeito. – concluiu antes de me beijar apaixonadamente.

Aquela, certamente, não foi a primeira vez que voei, mas, inevitavelmente, foi a mais emocionante e inesquecível de toda a minha vida.

Vinte e quatro

Após desmontar e arrumar todo o equipamento com a ajuda de Evan, guardei no Jipe previamente estacionado e dirigi rumo ao número 49 da Rua Vinícius de Moraes, arrancando um belo sorriso de Evan quando chegamos.

– Garota de Ipanema! – Exclamou empolgado.

– Ei! E aí gringo? O que achou do nosso Rio? – Perguntou Luciano assim que pisamos no restaurante.

Evan sorriu. – Ainda estou extasiado.

– Incrível, não é? Ver tudo ali de cima... – completou Paulinho e Evan assentiu.

– Nunca me esquecerei disso. – e me olhando intensamente, concluiu. – Nunca.

Dei uma piscadinha, puxando uma cadeira e, mal sentamos, o garçom nos serviu uma boa tulipa com chope bem gelado. Estava toda a equipe lá. Paulinho propôs um brinde e bebemos animados. Evan retribuiu minha piscadinha com outra e sorri, sentindo-me excitada de repente.

– Você já comeu feijoada? – Paulinho indagou e Evan negou com um balanço de cabeça, fazendo-o sorrir. – Ótimo! De hoje não passa!

–É bom ele tomar um Engov antes. – sinalizou Luciano

em tom zombeteiro.

– O que é Engov? – Evan perguntou provocando uma gargalhada geral e eu lhe expliquei que era um medicamento para evitar a indigestão. Luciano estava certo, ele realmente deveria tomar um.

– Você não está acostumado com esse tipo de comida. – concluí e ele deu de ombros.

– Como quiserem. – respondeu pegando sua tulipa de forma sexy e desejei ser o copo que ele segurava com tanta força. Balancei a cabeça mais uma vez. Era fato. Eu nunca me cansaria de Evan King.

Conversamos banalidades e Evan quis saber como comecei a prática de Voo Livre. Dei um longo gole em minha bebida antes de começar.

–Eu e Paulinho nos conhecemos no hospital, quando minha mãe estava em tratamento. – o sorriso de Evan desapareceu e ele piscou. Quando eu me calei, foi a vez de Paulinho continuar.

– A primeira vez que a vi, Angelina parecia um passarinho engaiolado, assustada, sem saber o que fazer da vida. – pegando o seu copo, concluiu. – Ninguém jamais poderia culpá-la por isso.

Ele deu um longo gole antes de continuar. – Minha mãe também era portadora da Doença de Huntington, mas, seu estado era muito mais avançado que o da Dona Ruth.

Inalei profundamente ao ouvir o nome de minha adorável mãe e o sentimento profundo de saudade me invadiu. Em questão de segundos, a imagem de meu pai também ocupou minha mente e eu balancei a cabeça, confusa. Paulinho continuou.

– Nessa época eu já voava, aliás, era dessa forma que eu me livrava de toda tensão e de toda a carga que aquela doença me trazia. Era complicado ver minha mãe morrendo aos poucos todos os dias, a cada dia...

– Eu sinto muito. – Evan disse com toda sinceridade e Paulinho balançou a cabeça em agradecimento, continuando a falar.

– Um dia eu me aproximei e conversamos um pouco, até que perguntei se ela não gostaria de voar. – Ele sorriu, balançando a cabeça ao se lembrar da minha resposta e eu sorri também. Ele continuou. – *Só se for para bem longe dessa merda!* Foi assim que ela me respondeu.

Todos sorriram e Evan me olhou com paixão, enquanto Paulinho continuava.

– Bom, eu disse que talvez isso fosse possível. Depois disso, ela não parou mais de voar. – deu de ombros.

– Na época eu não tinha dinheiro para praticar o esporte, é claro. – continuei. – Tudo o que sou no voo livre, devo a esse cara. – apontei com a cabeça na direção de Paulinho que enrubesceu, ligeiramente sem jeito.

– Ah! Fala sério! E hoje a Voo Livre Carioca sobrevive, em grande parte, devido à doação generosa que recebe de quem, Angelina Brooks?

– Ah... Isso não é nada perto do que você me fez! – Respondi balançando minha mão e sorrimos, até eu ficar séria de repente, antes de perguntar.

– Você sabe que não estamos condenados, não é? Que há apenas uma probabilidade de sermos portadores dessa merda de doença?

Paulinho balançou a cabeça. – Eu não quero saber disso! – Respondeu. Eu o olhei incrédula.

– Para que? – Continuou. – Se houvesse algo que eu pudesse fazer para retardar ou mesmo impedir que essa merda de doença se manifeste, eu procuraria saber, mas... – Ele passou a mão pelo cabelo. – Não há! Então, para que saber antes e ficar me torturando por uma coisa que acontecerá daqui a alguns anos? Deixe essa merda vir, se tiver de vir! Enquanto isso, eu terei vivido bastante para aproveitar o tempo que tenho!

Concluiu e balancei minha cabeça, pensando em meu próprio teste. Será que ele teria razão?

O garçom trouxe a feijoada, interrompendo o papo macabro e Paulinho aproveitou para enterrá-lo de uma vez.

– O Engov!

Luciano estendeu o medicamento a Evan que o tomou, olhando o banquete à frente: mistura de feijões pretos e vários tipos de carne de boi e de porco, acompanhada de farofa, arroz branco, couve refogada e laranja fatiada.

– Pode deixar que iremos nos servir, Everaldo. – disse Luciano, chamando o garçom pelo nome e ele girou nos calcanhares.

Após nos servirmos, Luciano se dirigiu a Evan. – Esse prato é tipicamente carioca e, para acompanhá-lo, nada melhor do que uma caipirinha.

Evan sorriu animado e ele continuou.

– Você mesmo irá pedir à garçonete, a Ana. Ela é antiga aqui e faz uma como ninguém. – e, chegando o seu rosto para frente como quem revela um segredo, concluiu com uma piscadela. – A dela é especial.

Evan assentiu e eu franzi o cenho. Que merda era aquela? Eu conhecia Luciano o suficiente para saber que ele estava tramando alguma coisa.

– Caipirinha é o nome? – Evan perguntou com o seu sotaque carregado e Luciano balançou a cabeça.

– Assim não gringo! Peça como um verdadeiro carioca! Na gíria! Diga, “Ana, eu quero a sua boceta!”

Abri a boca em forma de “O”, completamente chocada, mas Evan não viu. Luciano já tinha feito sinal para Ana, que

se aproximava de nossa mesa. Evan virou em sua direção e com um largo sorriso, mandou.

– Senhorita Ana, eu gostaria da sua boceta!

Ana ficou vermelha como um tomate e abriu a boca chocada. Todos à mesa riram descontroladamente, inclusive eu. Evan fechou seus olhos e, aproximando-se de mim, perguntou.

– O que foi que eu pedi?

Cheguei a sua orelha e revelei o que tinha dito. Evan ficou lívido.

– Perdoe-me, por favor, não foi isso que eu quis dizer.

Todos riram mais ainda e Ana se dirigiu a Luciano.

– Um filho da puta é sempre um filho da puta, não é? – Disse em tom zombeteiro e, se dirigindo a Evan, concluiu. – Eu saio às oito.

Parei de rir imediatamente e Luciano engoliu em seco quando o fuzilei com o meu olhar. Evan sorriu de forma simpática para a garçonete, pousando sua mão em minha coxa.

–Muito obrigado, mas, eu já tenho a minha. – fez uma careta, coçando a cabeça. – Não foi muito gentil também, não é?

Ela deu de ombros. – O que irá querer então, senhor

gringo?

– Uma caipirinha. – Evan respondeu com seu sotaque e ela girou nos calcanhares, balançando a cabeça, sorrindo.

–Um dia você irá para Nova York – Evan disse apontando o seu indicador para Luciano. – A gente se vê lá.

Quando saímos do restaurante eram quase três da tarde, nos despedimos do pessoal com a promessa de uma visita a Nova York, no próximo encontro.

– Aí o Evan se vingará de mim! – Exclamou Luciano, zombeteiro, lhe dando um forte abraço. – Desculpe pela brincadeira, não sei ser de outro jeito. – disse levantando os ombros e Evan sorriu.

– Foi um prazer conhecer todos vocês.

Paulinho também nos deu um forte abraço, antes de seguirmos de volta para o hotel. Nosso voo de retorno para Nova York estava marcado para as dez da noite, o que significava que teríamos de chegar ao aeroporto às dezenove horas.

Como deixamos tudo arrumado, tomamos um bom banho, com Evan me fodendo duro no chuveiro, é claro, trocamos de roupa, fizemos o *check-out* e partimos para o Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro/Galeão – Antônio Carlos Jobim.

Chegando lá, liguei para Tray.

– Você está bem, Darling?

Perguntou preocupado e lhe garanti que estava tudo bem. Eu já havia ligado para ele no dia do falecimento de meu pai e lhe contado toda a história. Ele, inclusive, entrou em contato com Paulinho para combinar meu voo com Evan. Era uma surpresa para ele e não queria dar brecha para que ele descobrisse.

– Chegaremos por volta das oito da manhã.

– Sim, vá para casa e tire o dia de folga. – pisquei. Tray estava louco? Eu estava voltando de uns dias de folga e não precisava de mais um. – Darling, - ele continuou. – vocês chegarão cansados da viagem, tirem o dia para ficarem um dentro do outro e pronto! Um dia a mais não fará diferença! Além do mais, eu e o velhote estamos nos dando muito bem aqui. – disse se referindo a Di Massi.

Revirei os olhos. – Você quer que eu dê essa ideia a Evan? – Perguntei incrédula e Tray revidou, me dizendo que essa ideia foi justamente *dele*. Pisquei.

– É assim que age um homem completamente apaixonado, Angel.

Eu não pude acreditar naquilo. – Quer dizer que você e Evan andam trocando telefonemas sem eu saber? – Perguntei em tom zombeteiro, mas, a resposta que tive de Tray me tirou o chão.

– Desde aquele tempo em que você o chutou, Darling. –

abri minha boca chocada e Tray continuou. – Ele me ligava todos os dias querendo saber se você estava bem. Ligava de manhã, de tarde e a noite também. Evan sempre esteve por perto Angel, só você que não via isso.

Eu tremia por dentro. Quer dizer então que durante todo aquele tempo, Evan nunca esteve longe de mim? Balancei a cabeça confusa. – Como você nunca me contou isso antes... – sussurrei.

– Você jura que está me fazendo esta pergunta?

É claro que eu sabia o motivo de Tray não me dizer nada na época, provavelmente eu o teria quebrado ao meio. – Nós conversaremos sobre isso quando eu chegar.

– Nada disso, converse com Evan! Darling, não se feche tanto... Evan é completamente louco por você!

Fechei meus olhos por instantes. – Eu amo você Tray.

– Eu não me referia a mim, mas, obrigado. Eu sei que sou irresistível!

Revirei os olhos e me despedi dele. Assim que desliguei, Evan sentou-se ao meu lado com as mãos na barriga.

– Meu Deus, acho que comerei de novo só daqui a uma semana! – Sorri olhando-o com ternura, enquanto em minha mente ecoava a voz de Tray e as coisas que havia me falado sobre Evan. Ele continuou.

– Acho que esse remédio que vocês me deram não

adiantou muito.

– Acredite, se você não tivesse tomado, provavelmente não conseguiria levantar da cama. – respondi com minha sobrancelha levantada. – E nada de culpar a feijoada! – Adverti, apontando o dedo em sua direção. – A culpa foi sua por ter repetido cinco vezes! Eu avisei!

Evan fez cara de cachorro abandonado, colocando mais uma vez as mãos na barriga e deitando sua cabeça em meu ombro. Sorri.

Nosso voo foi tranquilo. Evan não jantou, é claro e, confesso, nem eu. Tiramos um bom cochilo até que senti algo em meu rosto. Abri os olhos e encontrei o profundo azul de Evan em minha direção.

– Está melhor? – Perguntei me espreguiçando.

– Cem por cento. – respondeu animado. – Esse tal de Engov é bom.

Ah... agora é bom? Evan era muito cara de pau! Dei uma boa olhada em volta e todos estavam dormindo. Eu precisava ir ao banheiro e, beijando-lhe os lábios com ternura, levantei-me e segui à cabine.

Mal fechei a porta, senti algo a empurrando de volta e num segundo, Evan estava lá dentro, travando-a. Mal processei, suas mãos varreram o meu rosto, segurando o meu cabelo e sua boca colou na minha. Evan me suspendeu, sentando-me na bancada onde havia a pequena pia e sua mão

apertou minha coxa.

– Eu estou louco para te foder dentro desse avião. – e me olhando intensamente, concluiu. – Forte, duro e rude, do jeito que você gosta. Você deseja isso, Angelina?

Arfei. Puta merda! É claro que eu desejava!

Sua mão segurou minha mandíbula com força e ele rosnou. – Peça.

– Não. – retruquei e ele me deu um sorriso sacana.

– Eu gosto desse jogo, senhorita Brooks. – disse enquanto separava minhas pernas com a mão, até o seu dedo me invadir por dentro da minha calcinha.

Contive um gemido e ele continuou. – Não é exatamente essa a resposta que você deseja me dar. – disse tirando o seu dedo de mim, levando-o à boca e gemendo ao sentir o gosto de minha excitação.

Segurando em minha mandíbula com mais força, ordenou mais uma vez.

– Peça. Peça agora.

Lancei meu olhar felino em sua direção e, chegando muito perto de seu rosto, rosnei.

– Peça *você*, doutor King.

Evan mordeu o lábio no momento em que senti sua outra mão roçar minha coxa.

– Peça. Agora. – ordenou.

– Não! – Bradei.

Sua mão tocou minha entrada por cima da renda, que ele puxou com fúria, rasgando-a em pedaços.

– Você irá implorar Angelina.

– *Você* irá implorar Evan.

Evan mordeu meu lábio, duro, a ponto de feri-lo no momento em que o seu pau encostou em mim, me fazendo tremer completamente.

– Peça Angelina, acabe com isso de uma vez. Peça e eu darei tudo o que você quiser, do jeito que quiser e na hora que quiser. – sua mão varreu o meu rosto e seus olhos, minha alma. – Peça. Estou aqui quebrando minhas barreiras, eu faço tudo o que você quiser. – e, fechando os seus olhos com força, sussurrou. – Peça Angelina.

Evan King, o homem que eu amava desesperadamente, estava na minha frente quebrando suas barreiras, conforme ele mesmo dissera, e fazendo todas as minhas vontades e tudo o que eu precisava fazer era pedir. Lembrei-me de Tray e de tudo o que me disse ao telefone. *Evan é completamente louco por você!*

Mas, meu nome é Angelina Brooks e jamais precisei pedir, muito menos implorar nada a alguém, quem quer que fosse. Eu o olhava assustada, olhos arregalados. Era impressionante

o caos e a paz que aquele homem me trazia.

Evan contornou meus lábios com o dedo, me olhando intensamente.

– Carpe Diem, meu anjo.

Ele deu um sorriso que não alcançou seus olhos e concluiu. – Eu ainda derreterei todo esse gelo que há em você.

Mal processei o que ouvi, seu pau me invadiu. Forte, duro e rude, do jeito que ele havia dito que faria. Evan me fodia de forma primitiva e sua mão invadiu o meu seio, por baixo do meu vestido.

Apertei sua bunda deliciosa enquanto mordia o seu lábio, beijando-o alucinadamente e Evan gemeu em minha boca.

– Mais rápido Evan. – arfei.

Sua mão voou em meu rosto, segurando minha mandíbula, fazendo com que minha boca formasse um bico. – Eu nunca me farto de você, você me vicia e me enlouquece, desde o primeiro momento em que eu a toquei.

Seu dedo varreu o meu clitóris enquanto estocava com força em mim. – O cheiro da sua boceta é inebriante Angelina. – lançando o seu sorriso sacana, concluiu. – Está chegando.

Evan tapou minha boca, abafando os meus gemidos no momento em que eu gozei, encontrando, junto comigo, a sua própria libertação.

– Caralho, Angelina. – disse enterrando o seu rosto no meu pescoço.

Nossas respirações estavam aceleradas, quando em algum momento, Evan quebrou o silêncio.

– E se algum tripulante nos vir?

– Foda-se! – Rebatu e ele sorriu.

– Essa é a minha Angelina. – disse saindo de dentro de mim e me deixando incrivelmente vazia.

Evan abriu a torneira, pegou alguns papéis e nos limpamos.

– Eu realmente preciso ir ao banheiro. – disse em tom irônico e o sacana sorriu, abrindo a porta e me deixando sozinha na pequena cabine.

Eu ainda derretereí todo esse gelo que há em você. As palavras de Evan ecoaram em minha mente. *Evan é completamente louco por você!* E as de Tray também. Balancei minha cabeça. Eu precisava retornar ao meu assento.

Assim que cheguei, o vi de olhos fechados. Incrível como era lindo. Completamente fascinada, vi como o seu peito subia e descia a cada respiração, sua linda e irresistível mão, que tanto adoro, em sua barriga, e seus lábios naquela boca deliciosa que me beijava, me deixando alucinada, e que me dizia coisas que me enlouqueciam. E me confundiam também.

Balancei a cabeça mais uma vez e retornei ao meu lugar.

Quando colocava o cinto, porém, ouvi-o dizer ainda com os olhos fechados.

– Gostou do que viu? – Olhei-o incrédula e ele continuou, ainda sem abrir os olhos. – Você estava me paquerando, senhorita Brooks?

Abri minha boca chocada no momento em que ele abriu seus olhos e, sorrindo, aproximou-se de meu rosto. –Eu amo você. – disse antes de beijar meus lábios docemente, voltar ao seu lugar, fechar os olhos mais uma vez e dormir profundamente.

Vinte e cinco

Nosso voo foi tranquilo e sem atrasos. Chegamos a Nova York e seguimos a ideia de Tray, de Evan, na verdade: tiramos o dia inteiro de folga. Mais um.

Ficamos na minha casa e, é claro que a última coisa que fizemos foi descansar. Eu e Evan transamos como loucos, dentre outras coisas.

Tray providenciou tudo, inclusive, para que Emma não estivesse presente, mas, não em relação às suas iguarias, é claro.

Um perfeito espaguete ao molho pesto e uma deliciosa torta de maçã nos esperavam para o almoço.

– Eu me lembro de ter ouvido alguém dizer que só comeria daqui a uma semana. – disse em tom zombeteiro e Evan sorriu.

– Toda regra tem a sua exceção. – e com uma piscadinha, concluiu. – Emma é exceção.

Eu estava à minha mesa de trabalho no dia seguinte em plena tarde, lembrando-me desta cena com um sorriso idiota nos lábios, quando Tray entrou.

– Acabei de falar com Di Massi. – e se jogando no sofá, concluiu. – Tudo certo com Paris. Ele embarca amanhã cedo.

– Ótimo!

Neste momento, ouvimos vozes vindas de fora, gritos estridentes, confusão.

–Você não pode entrar desta forma! Quem você pensa que é? – Escutei Barbara aos berros, enquanto uma voz aguda e irritante a contrariava. Arregalei meus olhos no momento em que a porta abriu e me deparei com a figura insossa da vaca loira. Sim, Elizabeth Hill, em meu escritório.

– Senhorita Brooks, eu tentei detê-la, mas...

Bárbara dizia perdida, enquanto os olhos verdes da vaca faiscavam em minha direção. Franzi o cenho.

– Não se preocupe Barbara. Eu cuido disso.

– A senhorita quer que eu chame alguém? – Perguntou, se referindo à equipe de segurança do prédio e eu neguei com um balanço de cabeça. Se fosse preciso força para tirar aquela vaca maldita do meu escritório, eu mesma faria isso.

Barbara engoliu em seco e saiu, fechando a porta. Tray se levantou, cruzando os braços.

– A que devo a visita? – Perguntei em tom sarcástico e a vaca não moveu um músculo sequer. Seus olhos me avaliavam de uma forma raivosamente estranha e me senti momentaneamente incomodada. – O que deseja Elizabeth?

Ela continuava muda, me avaliando completamente. Tray, que já sabia sobre ela, interveio.

– Qual é o seu problema?

Elizabeth movimentou sua cabeça lentamente na direção de onde vinha a voz que a despertara de seu transe, olhando com desdém para Tray e, em seguida, para mim.

– Irei direto ao ponto. – disse por fim. – Evan é meu e eu exijo que você saia do circuito imediatamente.

Como é? Aquilo era ridículo e me pus a rir descontroladamente. A vaca continuou imóvel, a carranca pálida armada, me olhando inescrupulosamente.

– Acredito que esta não seja uma decisão minha. – eu disse, por fim. – Muito menos sua. Mais alguma coisa? Eu realmente preciso trabalhar.

– Evan King é *meu!* – Rosnou, dando um passo à frente.

Apoiei minhas mãos na cadeira e a olhei profundamente, dando um sorriso sarcástico antes de proferir minhas palavras.

– Não sou eu quem vai atrás dele, ele que vem a mim. O que eu posso fazer? – Dei de ombros e a mulher piscou várias vezes.

– Evan é meu... – sussurrou mais para si mesma e meu estômago embrulhou completamente.

– Um pouco de amor próprio lhe cairia bem, Elizabeth. – disse seriamente e ela me fitou por instantes, parecendo não estar ali.

Ela vestia uma calça jeans clara e uma blusa transpassada preta, a qual começou a torcer em seu corpo com força, com o olhar perdido.

– Eu não sei viver sem Evan. – disse baixo e Tray olhou em minha direção com olhar de pura interrogação. – A vida não tem sentido para mim se ele não estiver aqui. Tudo acaba se Evan não está comigo.

Que merda era aquela? – O que está dizendo? – Rosnei e a vaca sussurrou como se estivesse em transe.

– Se Evan não está comigo, não faz sentido eu continuar nesta vida.

Fui tomada por uma raiva absurda e caminhei em sua direção, puxando-a pelo cabelo, arrastando-a feito uma louca pela sala.

– Você veio me chantagear com o seu show de merda? Você quer se matar, sua filha da puta? – Perguntei rumo à janela.

– Angelina! Pelo amor de Deus! – Ouvi a voz de Tray, mas estava furiosa demais para lhe dar atenção.

Elizabeth gritava feito uma louca enquanto eu a arrastava pelo cabelo com força rumo à janela.

–Você quer se matar? – Perguntei mais uma vez, abrindo-a. Estávamos no vigésimo quinto andar, alto o suficiente. – Então, pula sua vadia! Se joga! Você ainda aproveita e tem a visão de toda Nova York antes de morrer! Melhor do que se olhar no espelho!

– Angelina! – Eu escutava Tray gritando – Babusca, pelo amor de Deus, socorro!

– Pula! – Gritei.

Elizabeth olhava horrorizada, alternando entre a minha ira e a janela aberta.

– Como é? – Bradei dando um passo em sua direção e imediatamente a vaca deu um passo para trás. Sorri sarcasticamente. – Você não irá pular, não é mesmo?

Eu sabia que ela não queria se matar e sim fazer chantagem emocional, como fez com Evan em Harvard. Esse pensamento aumentou a raiva mortal que estava em mim e eu avancei em direção a minha mesa.

– O que é sua vaca? Você prefere algo mais rápido? Que tal um objeto pontiagudo? Eu tenho uma tesoura e você pode cravar em seu peito, se você quiser.

A voz de Tray soou ao longe e eu ouvi o nome da vaca, assim como o meu e a palavra “louca”. Elizabeth me olhava com os olhos arregalados de pavor enquanto eu pegava a grande tesoura em minha mão.

– Essa serve ou você quer outra maior? – Ela continuou me olhando, o ódio emanando de seus olhos. – Como é? Responde sua piranha!

A vaca me olhava em choque. Praticamente joguei o objeto em cima da mesa e avancei na sua direção. A voz de Tray ecoava aos quatro cantos e eu pude jurar que ouvi o nome de Evan.

–O que há Elizabeth? Você não quer se matar? A vida não tem mais sentido pra você? Quantas vezes você tentou tirar a própria vida? – Aproximando-me de seu rosto, rosnei. – Você é tão ruim, que nem para se matar você serve!

Ela abriu a boca, completamente horrorizada.

– Babusca, feche essa janela, pelo amor de Deus! – Ouvi a voz de Tray e eu continuei.

– Você não quer se matar, sua filha da puta! Você quer plateia! A mim você não engana!

Por um motivo o qual não sei explicar, a imagem de minha adorável mãe lutando para viver me veio à mente, bem como o pensamento de que o meu pai e eu poderíamos ter tido mais tempo para acertarmos tudo.

– Tanta gente lutando para viver e você aí querendo tirar a própria vida? – Rosnei mais uma vez em seu rosto. A raiva me consumindo de forma insana. – Porra nenhuma! Não me venha com essa merda! Você é deprimente, Elizabeth.

Eu escutava a voz de Tray chamando o meu nome desesperadamente e ele me conhecia bem o suficiente para saber que não deveria me tocar naquele momento.

– Angelina, pelo amor de Deus!

A vaca loira não dizia nada e para o nada olhava, enquanto eu rosnava em sua direção.

– Você é uma covarde ridícula que não consegue resolver seus próprios problemas. – rosnei mais uma vez, antes de olhá-la por instantes.

–Quer saber? Vai se foder!

Saí de perto daquele ser abominável em direção à minha mesa novamente. Eu ainda a olhava quando o seu olhar cruzou o meu. Faíscas de ódio brotaram e ela veio a minha direção como uma flecha.

– Você acha que eu não tenho coragem? - Vociferou.

A vaca se postou à minha frente e num movimento rápido, pegou um estilete em minha mesa e, cirurgicamente, o levou à pele, cortando os próprios pulsos.

Tray e Barbara gritaram ao mesmo tempo e eu congelei. Elizabeth cortou um, depois o outro, e o sangue jorrou em minha elegante mesa de vidro, em cima de todos os meus papéis. Ela sorria, satisfeita, como uma verdadeira louca. Para o meu total horror, pegou o porta-retratos e esfregou seu próprio sangue na foto que havia: eu e minha mãe, quando ela

ainda estava cheia de vida.

– Conviva com isso, Angelina!

E então o caos se instalou. Tray gritava de um lado para o outro, Barbara desmaiou e Elizabeth continuava na minha frente, o sangue jorrando enquanto ela urrava desesperadamente.

–Eu amo o Evan! Ele é meu! Meu! – Gritava completamente descontrolada.

Eu assistia àquela cena petrificada. Durante toda a minha vida, eu acreditei que o amor de minha mãe pelo meu pai fosse insano. Agora eu via que durante todos esses anos eu estive enganada. Insano e doentio era o que aquela mulher à minha frente sentia.

Balancei a cabeça e vi Tray sentando-a na cadeira e enrolando seus pulsos com sua própria camisa que ele havia tirado, na tentativa de estancar o seu sangue.

–Oh meu cardigã Saint Laurent! – Dizia desolado, enrolando o caro tecido no pulso de Elizabeth, tomando o devido cuidado para não ter contato direto.

– Eu vou desmaiar, oh meu Deus! Eu não consigo ver tanto sangue na minha vida! Foco Tray! Foco! – Dizia para si mesmo, inalando e exalando com força.

Eu estava completamente paralisada, o horror tomando conta de mim. Como alguém seria capaz de tentar tirar a

própria vida? Embora eu acreditasse piamente que o objetivo da vaca fosse chamar atenção, ainda assim, ela havia enfiado a porra de um estilete em sua pele, rasgando seus pulsos de ponta a ponta. E se ela realmente conseguisse?

– O que você aprontou desta vez, Elizabeth?

A voz grave e fria ecoou na sala me tirando totalmente de meus pensamentos. Olhei para o lado e me deparei com Mark, cenho franzido, caminhando em nossa direção.

Mark? Pisquei confusa e Tray desandou a falar.

– Eu... eu não sei se consigo fazer isso Mark. – ele tremia.
– Eu tentei estancar o sangue – fez uma careta – com o meu cardigã Saint Laurent!

Mark parecia impassível quando pegou o braço de Elizabeth de forma rude. Ele usava um elegante terno cinza e tirou um lenço do bolso de seu paletó, afastando com cuidado a compressa improvisada que Tray havia feito. O sangue era vermelho escuro e não jorrava tão forte quanto antes.

– Venoso, conforme eu previa. – disse de forma seca e eu pisquei. Olhando com desdém para o estilete em cima da mesa, continuou de forma dura. – Até quando, Elizabeth?

A vaca deu um sorriso petulante. – Até quando *eu* achar necessário.

O doutor Walker largou o seu braço de forma fria, jogando o lenço de lado enquanto se dirigia a mim de forma doce.

– Como você está?

Elizabeth olhou-o incrédula. Assenti, levantando a mão em sua direção e ele virou o pescoço na direção de Tray, que estava no sofá tentando trazer Barbara à consciência. Imediatamente caminhou em sua direção.

Em instantes, a minha sala estava uma bagunça. A equipe médica havia chegado e enquanto um cuidava de Barbara, os outros tentavam socorrer Elizabeth que, àquela altura, estava pálida e aparentava estar fraca.

– Senhorita Hill, como se sente? Está me ouvindo?

Ela sorria olhando ao longe e senti um embrulho no estômago. Aquela mulher estava completamente louca. Olhei para o lado e vi Mark em pé no canto da sala, impassível, olhando toda a cena com desdém.

– Você não ficará com ele. – a voz da vaca me despertou e imediatamente virei em sua direção. – Eu não vou permitir. – concluiu com um sorriso macabro.

– Angelina!

Um arrepio percorreu o meu corpo e todas as minhas células entraram em ebulição quando ouvi a voz de Evan. Olhei para trás, mas ele já estava praticamente em cima de mim, examinando cada parte do meu corpo, tocando o meu rosto de forma desesperada.

– Como você está meu amor? – Perguntou beijando o

meus olhos, minha boca.

Ouvimos um grito agudo, de dor e angústia e toda a sala se calou num silêncio sepulcral. Era Elizabeth, totalmente descontrolada. Tomada por uma fúria, ela se levantou, correndo em nossa direção com a tesoura que estava esquecida em cima da mesa em sua mão.

– Eu te odeio! Eu te odeio! – Gritou de forma louca, caminhando em minha direção.

– Senhorita Hill!

Os médicos agiram rapidamente e ela não conseguiu dar dois passos. A cena seguinte foi deprimente, e toda a repulsa que eu sentia por aquela mulher se transformou em pena. Tirando o objeto de sua mão, os médicos tentaram detê-la, enquanto ela se debatia descontroladamente.

A essa altura, Barbara já estava acordada e o médico que estava com ela havia chegado para ajudar. Ao todo eram quatro homens e ninguém conseguia conter a fúria daquela mulher.

– Sedativo!

Ouvi um dizer e imediatamente, alguém lhe aplicou uma injeção. De nada adiantou, Elizabeth continuava se debatendo, gritando desesperadamente.

– Eu te odeio! Você tirou Evan de mim!

Meus Deus, como alguém poderia chegar a esse ponto? Eu estava chocada e Evan apertou minha cintura, me puxando

em sua direção. Olhei em para ele e o que vi me deixou perplexa. Tristeza e pena emanavam de seus olhos. Ninguém deveria passar por aquilo.

Os médicos ainda tentavam conter Elizabeth enquanto ela gritava desesperadamente, até, finalmente, ser envolvida em uma camisa de força, após levar outra injeção.

Seus olhos se fecharam lentamente e ela ficou cambaleante de repente, dizendo palavras desconexas.

– Evan é meu! – Foi a última coisa que disse antes de perder completamente a consciência e ser levada embora dali.

Eu estava em minha mesa quando ouvi a voz de Tray.

– Acho que até eu tomaria uma dose dupla do seu velho Jack agora. – disse me estendendo um copo de água e outro para Evan.

Olhei na direção de Barbara que ainda estava assustada e perguntei se ela estava bem. Ela balançou a cabeça enquanto Tray lhe deu um copo de água também. Mark entrou na sala.

– Ela ficará internada, não há mais jeito. – disse de forma tensa.

– Como alguém chega a esse ponto? – Evan perguntou mais para si mesmo.

Mark franziu o cenho. – O que Elizabeth sente por você é insano Evan, mas, eu tenho minhas dúvidas se ela é realmente louca. –disse de forma dura e Evan piscou.

– Mas o que é isso? Essa mulher faz totalmente a linha beleléu, Mark! – Tray exclamou incrédulo e Mark não pode deixar de esboçar um sorriso, balançando a cabeça.

– A *linha beleléu*, conforme queira chamar, ela faz. – pisquei confusa e Mark concluiu de forma séria. – Ela faz a linha, mas, não quer dizer que seja.

Mark explicou sua desconfiança acerca de Elizabeth, sobre a forma como ela agia.

– Quantas vezes ela tentou se matar? A dose nunca foi suficiente, o corte nunca foi profundo, a ingestão de substâncias nunca foi a verdadeiramente letal... – disse balançando as mãos.

– E aquela vez em que ela tentou ingerir uma grande quantidade de substâncias tóxicas?

Evan assentiu com um meneio de cabeça, me olhando profundamente. – Você se lembra da sua primeira consulta comigo? - Perguntou.

Como eu poderia esquecer? Balancei a cabeça e ele concluiu com ar cansado. – A ligação que eu atendi dizendo que era emergência, era o médico que cuidou dela na época.

– Pois é Evan, sempre tão perto, mas nunca o suficiente para atingir o seu real objetivo. – e, parando com cuidado, concluiu. – Se algum dia esse foi o real objetivo...

– Mas Harvard...

– Harvard – Mark o cortou. – também não foi o suficiente Evan. Se pararmos para pensar, não foi. - ele balançou a cabeça. – Acredito que tudo isso seja mais chantagem emocional do que outra coisa, um capricho, na verdade, por essa obsessão maluca que ela tem por você. – e, olhando-o seriamente, concluiu. – Isso passa longe de ser amor, meu amigo.

– Próprio, inclusive! – Exclamou Tray, levando as mãos à boca imediatamente. – Ops!

– Você tem razão, Tray. – Evan concordou, balançando a cabeça. – Eu sinto pena... Ninguém deveria passar por isso.

Mark exalou com força. - De qualquer forma, ela precisa ser internada. Estou indo para o hospital. – Evan assentiu e ele concluiu. – Ligarei para o seu pai.

Evan arregalou os olhos, como se lembrasse de alguma coisa. – Meu pai... Obrigado Mark.

Após se despedir de todos, Mark deixou a sala acompanhado de Tray e Barbara e Evan veio até mim, colando o seu corpo no meu num abraço apertado.

– Como se sente? – Perguntou levando uma mecha de meu cabelo atrás da orelha.

Balancei a cabeça. Eu me sentia confusa num emaranhado de emoções. Ao mesmo tempo em que sentia uma raiva absurda daquela mulher, eu sentia pena. Como alguém poderia chegar a este ponto? Ao mesmo tempo, ela fodia com

a vida de todos e isso não era certo.

– Sei exatamente como se sente. – Evan disse com ternura, após ouvir minhas palavras. – Mas, agora ela está segura. E nós também.

Evan beijou meus lábios docemente, encostando sua testa na minha.

– Eu estava vindo para cá, meu anjo, quando Tray me ligou, mas, eu ainda estava longe e demoraria um pouco para chegar. Eu sabia que Mark estava saindo de uma reunião aqui perto... – Ele exalou com força, me olhando profundamente.

–O meu pai me ligou, Angelina. – imediatamente o meu corpo endureceu e ele concluiu. – O resultado do seu exame saiu.

O teste genético. A resposta do maior mistério da minha vida estava, naquele momento, nas mãos do doutor Nathan King. Parecendo ler meus pensamentos, Evan concluiu.

– Ele nos aguarda no consultório. – e, me olhando mais uma vez, sussurrou com ternura. – Se você quiser, é claro.

Que dia! Primeiro a louca, e agora essa merda de exame. Fechei meus olhos por instantes e, juntando todas as forças que eu tinha, disse firmemente.

–Vamos acabar logo com esta merda!

Vinte e seis

Eu e Evan seguimos para o consultório do doutor Nathan King, onde fui recebida com um afetuoso e sincero abraço.

- Angelina. – ele franziu o cenho e me perguntou com cuidado. – Como se sente?

Assenti, dizendo que estava bem e ele continuou, olhando na direção de Evan.

- Mark me telefonou. – balançando a cabeça, concluiu. – Como Elizabeth pôde chegar a este ponto?

Houve um silêncio desconfortável na sala enquanto nos acomodávamos. O doutor Nathan King sentou-se em sua cadeira, eu à frente e Evan ao meu lado. Havia três envelopes lacrados, perfeitamente enfileirados em sua mesa e eu balancei a cabeça confusa.

- Eu enviei as amostras para três centros diferentes, incluindo o nosso laboratório. – o doutor Nathan começou. – Em testes tão específicos como esse, é comum que se repita o exame e leve as amostras a outro local para análise.

Ele deu seu sorriso terno e encantador antes de concluir. – Você não precisará fazer isso.

Retribuí o seu carinho e dedicação com um sorriso, mas, confesso, sem saber se de nervoso ou de alívio. Não repetir aquela merda de exame e aguardar todo aquele tempo à espera

de seu resultado era reconfortante, porém, saber que toda a minha vida estava ali, dentro daqueles malditos envelopes, era assustador.

Imediatamente as palavras de Paulinho me invadiram a mente: *Se houvesse algo que eu pudesse fazer para retardar ou mesmo impedir que essa merda de doença se manifeste, eu procuraria saber, mas, não há! Então, para que saber antes e ficar me torturando por uma coisa que acontecerá daqui a alguns anos?*

Será que ele tinha razão? E se o meu resultado desse positivo para a Doença de Huntington? Não haveria nada que eu poderia fazer para impedir ou mesmo retardar isso. Eu viveria o resto da minha vida com esse peso em minhas costas. Valeria a pena? Eu tinha trinta e dois anos, quanto tempo a mais eu teria até os sintomas aparecerem?

Senti a mão de Evan na minha, segurando com força e carinho. Olhei em sua direção. Sim, ele estava ali, mais uma vez. Evan King estava comigo em mais um momento crucial em minha vida. Ao meu lado.

Seu rosto estava tenso e seus lábios formavam uma linha fina e retesada, além disso, estava ligeiramente suado. Olhei para sua mão e ela tremia em cima da minha, enquanto ele me apertava com força, não sei ao certo se para disfarçar o seu nervosismo ou para tentar controlar o meu.

Seu olhar me invadiu e vi um emaranhado de emoções: medo, tensão e dor se misturavam à esperança, carinho, apoio

e... amor. Sim, eu vi o amor nos olhos daquele homem que sempre estava ao meu lado. *Sempre.*

– Não faça nada ou deixe de fazer alguma coisa, qualquer coisa, da qual possa se arrepender depois.

Sua voz soou doce e ele acariciou o meu rosto. Se o doutor Nathan King ainda não sabia sobre nós, naquele momento não restou mais dúvidas. E, me olhando com ternura, concluiu. – A decisão é sua e eu a apoiarei. *Sempre.*

Olhei-o por alguns instantes e, mais uma vez, a vontade de colocar tudo para fora em relação aos meus sentimentos apareceu. Apertei sua mão delicadamente e olhei na direção do doutor Nathan King, que estava na minha frente com o seu olhar fraterno e encorajador.

Mais uma vez as palavras de Paulinho ecoaram na minha cabeça. Será que eu deveria abrir aquelas porcarias de envelopes ou seguir em frente com minha vida? O que era pior: a certeza macabra ou a dúvida constante?

Eu já tinha chegado até ali. Durante toda a minha vida eu fui uma mulher decidida. *Sempre.* Mesmo quando era nova ou ainda criança. Sempre soube o que eu queria e sempre corri atrás disso. Nunca fui de esperar pelas coisas, para que elas acontecessem por um “lindo milagre divino”.

Respirei fundo e olhei na direção do doutor Nathan. – Abra os envelopes. – disse firme, totalmente decidida. Eu não carregaria aquela dúvida miserável por toda a minha vida.

Ele me olhou por alguns instantes e eu concluí. – Por favor, doutor Nathan, abra os envelopes. – repeti.

Ele assentiu balançando levemente a cabeça, olhando na direção de Evan que apertava mais ainda a minha mão. Ele fechou seus olhos por instantes e seus lábios se movimentaram sem produzir nenhum som. O que era aquilo? Evan estava rezando? Eu não podia acreditar naquilo.

Olhei para frente no momento em que o doutor Nathan abriu o último envelope. *Coragem* sempre foi uma palavra que me definiu muito bem, mas, naquele momento, um medo absurdo invadiu minha alma. Eu o havia sentido uma única vez em minha vida, quando minha adorável mãe morreu em meus braços e agora ele estava ali, me assombrando mais uma vez.

Senti as mãos de Evan apertarem a minha mais uma vez no momento em que ele abriu seus olhos, e aquele azul profundo me invadiu. Ternura, carinho, amor e confiança emanaram deles. Seus lábios se esticaram num sorriso que não alcançou seus olhos e, mais uma vez, sua mão apertou a minha.

Ele não disse nada, mas, naquele momento, entendi que não precisávamos de palavras para que eu soubesse que ele sempre estaria ao meu lado em todos os momentos da minha vida, fossem eles bons ou ruins. Onde estava o medo que me assombrava segundos atrás?

– O doutor Lincoln Harrys é um excelente neurologista,

cirurgião e especialista em Huntington, além de ser meu grande amigo. – a voz do doutor Nathan ecoou na sala e, por um instante, senti todo o meu sangue ser drenado do meu corpo em segundos.

– Você poderá conhecê-lo, se quiser – e, olhando para Evan, concluiu. – E fatalmente irá, porém, como membro da família, nunca como paciente.

Pisquei confusa. *Nunca como paciente*. Sua voz ecoou em minha mente, preenchendo-a por inteira.

– Minha querida Angelina, você não está mais no grupo de risco. Huntington não pertence mais à linhagem de sua família. Sua mãe foi a última portadora.

Disse empurrando os exames em minha direção. Meus olhos varreram os dados a minha frente e um embaralhado de números se manifestou, bem como palavras estranhas, as quais eu nunca havia visto em minha vida.

Tudo ficou embaçado a minha frente quando meus olhos se encheram de lágrimas, mas, pude ver o dedo do doutor Nathan indicando um número isolado em alguma parte do papel.

– 21. – sussurrei olhando o número à minha frente.

– Entre dez e vinte seis repetições são consideradas normais. – e com ternura, concluiu. – Vinte e um Angelina. Você está fora, completamente fora do risco de ser portadora de Huntington.

Posicionando os outros exames a minha frente, continuou apontando na direção dos dados. – Todos confirmam. – e me olhando com carinho, concluiu com ternura. – Você está livre, minha querida.

Cristo! Alguns segundos se passaram antes de eu me levantar e caminhar de um lado para o outro. *Fora! Eu estou fora desta merda!* Eu não parava de pensar enquanto sentia que iria transbordar ali. Minha mãe havia deixado sua herança para mim e ela não era macabra. Minha mãe era perfeita. Perfeita.

Lembrei-me de suas palavras, poucos dias antes de morrer, quando em um dos poucos momentos de lucidez que teve, segurou minhas mãos, dizendo com carinho que tudo ficaria bem. *Tudo ficará bem, minha filha. No final, tudo fica bem...*

Ela tinha razão, afinal. Olhei para Evan, cujas mãos estavam em seu rosto e ele chorava aliviado, repetindo sem parar.

– Obrigado. Graças a Deus, muito obrigado.

Aquela cena foi um baque para mim. Aquele homem sofria tanto ou mais do que eu e tomada por todas as emoções que me invadiam, deixei meu corpo ir ao chão, ajoelhando-me, enquanto toda a angústia, dor e dúvida saíam de dentro de mim, dando lugar ao alívio e à paz que tanto procurei.

Os braços de Evan me envolveram e sua boca me beijou

alucinadamente: rosto, olhos, testa, nariz, boca.

– Acabou meu anjo. – disse ajoelhado a minha frente, segurando o meu rosto em suas mãos.

Eu sorri, secando o meu rosto com as costas das mãos. – Estou livre desta merda!

Evan sorriu entre soluços. – Sim meu anjo, você está livre desta merda. – repetiu.

Olhei aquele homem na minha frente e uma onda de sentimentos me invadiu, fazendo com que eu o abraçasse com toda a minha emoção. Nunca em minha vida eu senti algo tão forte por alguém como sentia por Evan King e ali eu soube que jamais sentiria.

– E eu amo você. – disse enquanto o abraçava forte.

Evan se afastou do meu abraço, me olhando profundamente, suas mãos em meu rosto, segurando-o carinhosamente. Ele piscou várias vezes, completamente confuso e eu segurei seu rosto em minhas mãos.

– Sim, eu amo você Evan. Pode não ser o momento mais romântico, mas... – dei de ombros. Eu nunca me senti daquela forma, aquela era uma sensação totalmente nova para mim.

Os lábios de Evan se esticaram num sorriso delicioso e seus olhos brilharam, marejados de emoção.

– Não é o momento, meu anjo, e sim *você* que me deixa feliz. – seu dedo pegou uma lágrima que caía de meus olhos. –

Eu já sabia, mas, nada como ouvir de você.

Eu não pude acreditar naquilo e abri minha boca em forma de “O”. Evan sorria o seu sorriso sacana que eu tanto adorava.

– Você é um bom filho da puta! – Sussurrei baixo e ele sorriu mais ainda. Chegando o seu rosto perto do meu, sussurrou.

–É... Acredito que nesse tom, o meu pai não tenha ouvido.

Putá que me pariu! Fechei meus olhos, completamente constrangida. O pai de Evan...

Levantei me dirigindo ao doutor Nathan que nos olhava com um sorriso no rosto. – Desculpe-me. – disse movimentando minhas mãos.

Cristo! Eu estava ajoelhada em seu consultório, abraçando o seu filho, dizendo que o amava e o chamando de filho da puta logo em seguida!

– O que eu quis dizer é que...

O doutor Nathan soltou uma gargalhada deliciosa e me abraçou com ternura. – Você não sabe o quanto estou feliz Angelina. – e olhando para Evan, concluiu. – Duplamente.

Pisquei e, subitamente, senti o meu rosto corar. Cristo! Aquele era o pai de Evan, pelo amor de Deus! Ele continuou.

– Você está livre, minha querida. – disse docemente com

seu olhar paternal. – Livre!

Assim que saímos do consultório, liguei para Tray e ele chorou copiosamente comigo ao telefone, dizendo o quanto me amava.

– Nós precisamos comemorar Darling! Huntington é a puta que pariu! – Gritou, me fazendo sorrir.

Àquela noite, saímos para jantar, eu, Evan, Tray, Sebastian e Mark, que nos contou que Elizabeth ficaria internada durante um bom tempo, sem previsão de alta.

– Obsessão é uma forma de loucura, afinal. – disse, encerrando o assunto e confesso que me senti sensibilizada.

Eu estava ali, com as pessoas mais importantes da minha vida, comemorando minha liberdade, enquanto aquela mulher dava início a uma fase de total claustro e solidão.

– Ela só está colhendo aquilo que plantou, Darling. – Tray concluiu e ele tinha razão, mas, ainda assim, não era uma situação feliz.

Naquela noite, eu e Evan transamos como dois adolescentes infectados por altas doses de hormônios. Eu estava em cima dele, deitada em seu peito com ele acariciando

o meu cabelo, quando sua voz quebrou o raro momento de silêncio.

– Estou te devendo um salto de paraquedas. – levantei minha cabeça e seus olhos brilharam, invadindo minha alma.
– Só de pensar em ter você em cima de mim em queda livre em algum lugar deste mundo me excita pra caralho, Angelina.

Hummm... Sorri, passando a língua em seu peito e Evan gemeu.

– Quem sabe nas próximas férias? – Respondi, surpreendendo a mim mesma. Eu, Angelina Brooks, fazendo planos para as férias?

Evan sorriu, me pegando de surpresa, quando girou o meu corpo, ficando por cima.

– Marcado. Nas próximas férias. – disse com voz rouca, levantando os meus braços acima de minha cabeça.

– No momento senhorita Brooks, – sua língua tocou meu mamilo me fazendo arfar. – nós temos esta noite. – levando sua língua ao outro seio, sugou meu mamilo força.

– E ela, meu anjo, não será uma noite Apenas. – concluiu, invadindo minha boca e me fazendo esquecer tudo à minha volta.

Epílogo

Vocês estão vendo aquela mulher saindo do mar como se fosse a própria Bond Girl? Na verdade, ela é mais bonita do que todas elas juntas. A mais linda que eu já vi.

Talvez eu seja apenas um romântico incorrigível. E daí? Eu sou mesmo um homem apaixonado, reconheço.

– Quando será que conseguirei ver um tubarão? – Ela perguntou enquanto deitava ao meu lado na areia, e a visão de seu corpo bronzeado naquele biquíni branco me deixou ligeiramente tonto. – Evan?

– Oh... No momento eu desejo ser um tubarão e destruir esse seu biquíni desesperadamente! – Respondi, atacando-a sem nenhum pudor e ela sorriu, me chamando de *tarado pervertido*. – Hum... Não é à toa que você é minha alma gêmea! – Retruquei zombeteiro. – Aliás, eu deveria ter apostado! Você não surtou senhora King.

Ela revirou os olhos, argumentando que era cedo demais para sua tese – totalmente maluca, diga-se de passagem – de que as mulheres surtam quando casam, se concretizar.

– Apenas três semanas Evan!

– Nada disso! *Três anos e três meses* de convivência, meu anjo.

Preciso dizer que ela revirou os olhos de novo? Durante

todo esse tempo em que estamos juntos, fizemos de tudo um pouco: saltamos de paraquedas, e de asa-delta novamente, visitamos todos os lugares, possíveis e impossíveis, existentes no mundo. Angelina pedia para eu dizer dois números aleatoriamente, que ela digitava no Google com as palavras “latitude” e “longitude” e assim nascia a nossa próxima viagem. Nenhum dia era igual ao outro ao lado desta mulher e eu nunca, eu digo, *nunca* me senti tão feliz em minha vida.

Vocês não leram errado. Sim, faz três semanas que Angelina Brooks é minha esposa e se chama Angelina Brooks King, o nome que ela tanto riu. Ou vocês pensam que eu esqueci?

Nossos padrinhos foram Tray, é claro, e Mark. Nós nos casamos aqui em Bora Bora, numa cerimônia aconchegante e especial, com direito a todo o ritual especial do vilarejo, com muita música, bebidas, incluindo muitas garrafas do nosso bom e velho Jack, é claro, além de um delicioso jantar.

Vocês precisavam ver como ela estava linda em seu vestido branco de alça rendado, seu cabelo solto com pequenas flores acompanhando seus fios ao vento. Quanto a mim, fiz meu melhor estilo praiano com uma calça cargo e camisa de linho, também branca. Segundo minha adorável esposa, eu estava “pronto para ser devorado”.

Necessário dizer que ela sugeriu que pulássemos a cerimônia solene e partíssemos direto para a lua-de-mel?

Além dos nossos padrinhos, nossos convidados,

Sebastian, meu pai, James, Dorothy, Emma, e nossos amigos brasileiros, Luciano e Paulinho, ficaram três dias aqui no arquipélago, e depois, cada um seguiu suas vidas, nos deixando a sós em nossa lua-de-mel. Valery cuidou do consultório enquanto a Brooks Editora ficou a cargo de Di Massi. Ambos acompanharam a cerimônia, junto com Barbara, a estagiária, que foi transmitida para eles online. Ideia de Tray é claro.

–Deseja uma bebida senhora King? – Perguntei depois de beijá-la. Minha esposa tinha gosto de sal e cheirava a flores e sexo.

Ela assentiu e seguimos em direção ao quiosque, no momento em que seu telefone tocou, fazendo-a sorrir. Era Tray, que havia ficado “inspirado” com o casamento e havia marcado a data do seu com Sebastian, mas, diferente do nosso, a cerimônia não seria nada singela, é claro.

Eu pegava nossas bebidas no quiosque enquanto Angelina se sentava em uma espreguiçadeira, após desligar o telefone, no momento em que uma mulher com um lindo bebê no colo se aproximou. Não dava para ouvir a conversa delas, mas, o fato é que a mulher praticamente jogou a criança em cima do meu anjo, enquanto tentava pegar alguma coisa em sua bolsa que, depois eu soube, era seu celular.

A visão que tive ali só teria sido mais maravilhosa se aquele fosse o nosso filho. Nunca conversamos sobre isso e, sinceramente, nunca imaginei Angelina na figura de mãe e,

confesso, nem a mim como pai.

Até aquele momento.

Nossos olhos se cruzaram no momento em que ela pegou a criança em seus braços e ficamos alguns instantes presos um no outro. Eu estava visivelmente emocionado. E apaixonado por aquela cena. Angelina é a mulher da minha vida.

O bebê chamou sua atenção e ela olhou de volta para o ser frágil em seus braços, que havia posto sua pequena mão em seu rosto e agora batia palminhas, sorrindo e gritando de felicidade, fazendo-a sorrir. Neste momento, o mundo parou e eu congelei, sentindo um aperto em meu peito.

Eu os vi na minha frente, em câmera lenta. A criança sorria se divertindo em seu colo e meu anjo sorria também – como não poderia? Aquela criança era mágica e eu juro que jamais me esquecerei daquela cena. Jamais.

A mãe desligou o telefone, pegando a criança de volta e interrompendo o meu momento. Peguei as bebidas no balcão e me dirigi a elas, chegando a tempo de ouvi-la agradecer e ir embora.

Entreguei seu *Maitai*, bebida típica que nos conquistou – uma mistura de rum, Cointreau e abacaxi fresco.

– Pelo menos ele não fez xixi no seu colo. – disse me referindo à criança.

– Não. Não fez. – Angelina respondeu sentando-se na espreguiçadeira, levando o seu copo à boca.

A brisa era quente e o clima, delicioso. Eu vi os fios sedosos de seu cabelo ao vento, sentindo o seu perfume inebriante, o bronzeado de sua pele devido aos dias de sol, e o brilho em sua mão esquerda que simbolizava a nossa união: o anel com base em platina e diamantes de dezesseis quilates com cortes de esmeralda, que levei um ano para desenhar junto com o joalheiro mais famoso de Nova York.

Sim, ela é a minha mulher, a minha esposa, a senhora King. Angelina Brooks King, dona do meu coração. E de minha alma.

– Eu amo você. – disse acariciando o seu rosto e a forma como seus olhos brilharam em minha direção, fez meu coração explodir dentro do peito.

Ela não precisaria dizer uma palavra, pois ali, naquele momento, seus olhos derramaram todo o amor que aquela linda mulher sentia por mim. E eu sabia. Eu sempre soube, na verdade.

– Não mais do que eu amo você Evan.

Sim, ela disse. Larguei nossas bebidas em algum lugar e segurei seu rosto em minhas mãos, olhando-a profundamente, antes de minha boca tocar a sua num beijo urgente.

– Você não sabe o que senti quando vi aquela criança em seus braços. – disse em algum momento e imediatamente ela

piscou várias vezes.

– Você seria uma mãe maravilhosa. – arrisquei, levando uma mecha de seu cabelo atrás da orelha. – Perfeita. – concluí.

– Evan, eu... – ela estava perdida, eu sabia. Eu a conhecia suficiente, talvez mais do que si mesma, para saber como estava se sentindo naquele momento. – Eu nunca cogitei a ideia de ter um filho, na verdade, nunca me imaginei...

– Nem eu. – interrompi-a com ternura, dizendo com toda sinceridade. – Eu também nunca pensei em ter um filho, até o momento em que vi aquela criança em seus braços.

Seus olhos estavam arregalados e ela me olhava profundamente. Acariciei seu rosto com ternura e beijei seus lábios docemente.

– Eu amo você, e nós temos todo o tempo do mundo, meu anjo.

Disse sorrindo, pegando nossas bebidas de volta. Angelina mordeu seu lábio me analisando. Ela também me conhecia o suficiente para saber que eu estava tramando alguma coisa.

Para Angelina, nós teríamos uma noite apenas e ali estávamos há três anos e três meses juntos, casados, então, por que não pensar que poderíamos ter um filho, ou mais, e formar uma família?

Vocês poderiam dizer: pelo simples fato de estarmos

falando de Angelina Brooks. Sim, não posso culpá-los, mas, devo corrigi-los: Angelina Brooks King, por favor. Falando em King, eu sou um romântico incorrigível, esqueceram?

Virei-me em sua direção e beijei seus lábios mais uma vez.

– Carpe Diem, meu anjo. Carpe diem...

F I M

